ANNO XXX. N. 296.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

QUARTA FEIRA 27 DE DEZEMBRO DE 1854.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO.

Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim M. Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.

Sobre Londres, a 28 d. por 1$000.
« Paris, 342 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas	. . .	29$000
Moédas de 6$400 velhas	.	16$000
» de 6$400 novas	.	16$000
» de 4$000	. . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros	. . .	1$940
Pesos columnarios	. . .	1$940
» mexicanos	. . . .	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.

Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira ás 11 horas e 42 minutos da manhãa.
Segunda ás 12 horas e 6 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.

Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.

Dezbr. 4 Lua cheia ao 44 minutos e 48 segundos da tarde.
» 12 Quarto minguante ás 3 horas, 43 minutos e 48 segundos da tarde.
» 19 Lua nova as 7 horas, 48 minutos e 48 segundos da tarde.
» 26 Quarto crescente a 1 hora, 21 minutos e 48 segundos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

25 Segunda. ✠ Nascimento de N. S. J. C.
26 Terça. S. 1.ª oitava. S. Estevão protomartyr.
27 Quarta. 2.ª oitava. S. João apostolo e evang.
28 Quinta. 3.ª oitava. Ss Innocentes mm.
29 Sexta. S. Thomaz de Cantuaria arc. m.
30 Sabbado. S. Sabino b. m.; S. Venustianno.
31 Domingo. (Vago) S. Silvestre p.; Ss. Nominanda, Donata e Minervina mm.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 22 de dezembro.

Officio — Ao Exm. presidente do Rio Grande do Norte, devolvendo, julgados pela junta de justiça, os processos verbaes do cadete Candido José da Costa Pereira, e dos soldados Henrique José de Araujo, Francisco Antonio Leite, Antonio José de Sant'Anna, Manoel Francisco da Trindade e João Miguel de Andrade, pertencentes á companhia fixa de primeira linha daquella provincia.

Dito — Ao Exm. presidente das Alagôas, remettendo, julgados pela junta de justiça, os processos verbaes dos soldados Francisco Borges, José Gonçalves e Manoel Antonio Gularte, pertencentes ao oitavo batalhão de infantaria estacionado naquella provincia.—Igual ao Exm. presidente da Parahiba, remettendo os processos dos soldados Manoel Hilario, Pedro José de Sant'Anna e João José dos Santos.

Dito — Ao commandante das armas, inteirando-o de haver expedido ordem á thesouraria de fazenda para mandar pagar a quantia de 17$200 rs., que, segundo os documentos que acompanharam ao seu officio de hontem, dispendeu-se com a inhumação do cadaver do soldado do segundo batalhão de infantaria, Francisco Eugenio Ferreira, fallecido na comarca de Flores. — Expedio-se a ordem supradita.

Dito — Ao mesmo, devolvendo, julgados pela junta de justiça, treze processos verbaes das praças mencionadas na relação, que á este acompanha, afim de que S. S. mande executar as sentenças proferidas pela mesma junta.

Relação á que se refere o officio supra.

Segundo batalhão de infantaria.
Soldado—Rufino Xavier da França.
» —Manoel Victoriano.
Quarto batalhão de artilharia á pé.
Soldado—Manoel Gonçalves da Silva.
» —Francisco Xavier Victoriano.
» —Rozendo José Pedro.
Alferes addido—Mathias Vieira de Aguiar.
Nono batalhão de infantaria.
Soldado—João Climaco da Silva Quintão.
» —João Francisco.
» —Calisto Rodrigues dos Santos.
» —Laurentino Fernandes da Silva.
Decimo batalhão de infantaria.
Soldado—Raymundo José Coelho.
Companhia de artifices.
Soldado—Pedro Gomes dos Santos.
Companhia de Cavallaria.
Soldado—José de Almeida Bandeira.
Alferes reformado—José Martins da Silveira.

Dito — Ao inspector da thesouraria da fazenda, dizendo que tendo deferido o requerimento do tenente da armada, Francisco Duarte da Costa Vidal, em que pede permissão para consignar nesta provincia o seu soldo de terra com abate da quantia que se desconta para o monte pio, o autorisa a mandar abonar mensalmente esse vencimento a pessoa que aquelle official designar para o receber.

Dito — Ao mesmo, recommendando que mande adiantar, com brevidade, ao guarda do almoxarifado do arsenal de marinha, Gedeão Forjaz de Lacerda, a quantia de 500$000 rs. para occorrer ao pagamento das despezas da obra do lazareto de observação, que se está edificando no Pina-pequeno. — Communicou-se á respeito ao inspector do arsenal de marinha.

Dito — Ao mesmo, recommendando que mande indemnisar o thesoureiro das loterias da importancia de mil verbas de sello de bilhetes, que pagou em 19 de setembro ultimo, visto ter sido alterado o plano apresentado para a extracção da primeira parte da primeira loteria em beneficio das obras da igreja matriz de S. José.—Communicou-se á thesouraria provincial.

Dito — Ao mesmo, para mandar fornecer ao commandante superior da guarda nacional dos municipios do Brejo e Cimbres os livros mencionados na relação junta. — Communicou-se ao referido commandante superior.

Dito — Ao mesmo, communicando ter concedido um mez de licença, com ordenado, para vir a esta capital tratar de sua saúde, ao promotor da comarca de Goianna, bacharel Manoel Izidro de Miranda, marcando-lhe o prazo de 7 dias para entrar no gozo da mesma.—Fizeram-se as convenientes communicações.

Dito — Ao juiz relator da junta de justiça, remettendo, para depois de vistos serem relatados em sessão da mesma junta, os processos verbaes dos soldados Angelo Angelico e Theodoro José Rodrigues de Barros, este da companhia fixa de cavallaria, e aquelle pertencente ao segundo batalhão de infantaria. — Communicou-se ao commandante das armas.

Dito — Ao director do arsenal de guerra, para mandar eliminar da companhia de aprendizes daquelle arsenal a Joaquim Ignacio de Albuquerque, visto soffrer elle molestias incuraveis.

Dito — Ao mesmo, para que haja de recommendar ao mestre de primeiras lettras daquelle arsenal, Joaquim José Raymundo de Mendonça, que trate, quanto antes, de pagar na recebedoria de rendas desta provincia a importancia do sello de que trata a nota, de que se remette cópia, apresentando na secretaria da presidencia o respectivo conhecimento para ser encaminhado á repartição da guerra. — Communicou-se á thesouraria de fazenda.

Dito — Ao inspector da alfandega desta cidade, communicando que, a bem do serviço publico, resolvêra manda-lo desanojar.

Dito — Ao director das obras publicas, autorisando-o á lavrar o termo de recebimento definitivo da obra da rampa de desembarque em frente á rua Velha no bairro da Boa-Vista, e bem assim das 15 braças de cano de esgoto, tambem em frente á mesma rua, visto que, segundo a condição terceira dos contratos dessas obras, o respectivo arrematante não tem um anno de responsabilidade por ellas.—Communicou-se á thesouraria provincial.

Dito — Ao bacharel Nabor Carneiro Bezerra Cavalcanti. — Não havendo Vmc. feito entrega do expediente pertencente ao juiz de direito da comarca do Limoeiro por occasião de passar o exercicio da vara ao segundo supplente, recommendo-lhe que o faça com a possivel brevidade, visto ter de ser revista até 12 de janeiro vindouro a lista dos jurados qualificados, a qual deve de existir entre o mencionado expediente. — Officiou-se neste sentido ao referido juiz.

Dito — Ao inspector da thesouraria provincial, para mandar pagar ao arrematante da ponte sobre o rio Capibaribe na estrada de Pão d'Alho, José Lopes Guimarães, pelas sobras de que trata o artigo 54 da lei do orçamento vigente, conforme indica o director das obras publicas no final do officio de 20 do corrente, que remette por cópia, a quantia de réis 1:050$000 por haver empregado nessa obra tres braças cubicas de pedra de cantaria, sendo 750$ rs. importancia da referida pedra, e 300$ rs. para sua conducção. — Communicou se ao director das obras publicas.

Portaria — O presidente da provincia, tendo em vista o disposto no decreto n. 1388 de 3 de maio deste anno, pelo qual se deu nova organisação á guarda nacional dos municipios do Brejo e Cimbres, resolve que na execução do citado decreto se observe o seguinte:

1.º O esquadrão de cavallaria, que antes da nova organisação existia no municipio de Cimbres, será considerado extincto.

2.º O corpo de cavallaria, os batalhões de infantaria, e bem assim as secções de batalhão do serviço da reserva, que se organisarem em virtude do referido decreto, terão as suas paradas nos lugares indicados na tabella junta.

TABELLA demonstrativa das paradas de cada um dos corpos da guarda nacional do serviço activo e da reserva dos municipios do Brejo e Cimbres.

Municipios.	CORPOS.	LUGAR DA PARADA.
BREJO.	Corpo de cavallaria	Taboeas.
	O 1.º batalhão de infantaria	Pateo da feira na villa do Brejo.
	O 2.º « dito	Largo proximo á rua da Lama na villa dita.
	Secção de batalhão do serviço da reserva	Povoação de Avenca.
CIMBRES.	O 3.º batalhão de infantaria	Villa de Cimbres.
	O 4.º « dito	Povoação de Alagôa de Baixo.
	Secção do batalhão do serviço da reserva	Pesqueira.

Secretaria do governo de Pernambuco, 22 de dezembro de 1854.— *Joaquim Pires Machado Portella*, official-maior servindo de secretario.

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel do commando das armas de Pernambuco, na cidade do Recife, em 24 de dezembro de 1854.

ORDEM DO DIA N. 192.

O coronel commandante das armas interino tem por conveniente á disciplina prohibir que as praças de pret dos corpos do exercito estacionados nesta provincia, inclusive os cadetes, trajem uniformes, que não sejam militares: os Srs. commandantes dos mesmos corpos empregarão todo o cuidado para que a presente ordem tenha plena execução.

Assignado.—*Manoel Muniz Tavares.*

Conforme.— *Candido Leal Ferreira*, ajudante de ordens encarregado do detalhe.

EXTERIOR.

POLITICA COLONIAL DE INGLATERRA.

II

Temos analysado as boas razões dadas por sir George Grey em apoio da opinião que pretende sustentar as relações de Inglaterra com as suas colonias. Uma vez admittido este principio, apresentou aquelle estadista duas regras allias simples que estabelecem o pé em que essas relações devem continuar.

A primeira he que a metropole não deve ter nenhum interesse em exercer maior influencia nos negocios de uma colonia do que lhe he necessario, quer seja para impedir que esse colonia adopte medidas prejudiciaes a qualquer outra ou ao imperio, quer para favorecer o progresso do governo interior da mesma colonia, auxiliando os habitantes a governarem-se por si mesmos, especialmente quando estão em sufficiente estado de civilisação para o fazerem com vantagem, e assegurando a garantia de uma administração justa e imparcial aquella parte da população ignorante e pouco esclarecida para só por si dirigir os seus proprios negocios.

A segunda regra a deduzir, he que no momento em que a mãi patria, sem fazer os convenientes ensaios, pretender levantar tributos commerciaes sobre as colonias por meio de um systema de restricção, ou intervenha sem necessidade nos seus negocios internos, deve sempre esperar que as colonias se antecipem nos seus proprios recursos, em uma consideravel proporção para occorrer as despezas do seu serviço.

Hoje em geral o governo metropolitano do imperio britanico exerce a autoridade nas suas colonias de duas maneiras: nomeando os governadores, sanccionando ou desapprovando as medidas dos governos locaes, á testa dos quaes estão collocados os seus funccionarios; e algumas vezes, mas poucas, prescrevendo a marcha que se deve seguir na adopção dessas medidas. A natureza e extensão dos poderes confiados aos governadores, e por consequencia o caracter de qualquer governo colonial differem muito pelas circumstancias. Nos estabelecimentos da costa occidental de Africa, os governadores exercem realmente a duplicada autoridade executiva e legislativa, que he apenas limitada pela appellação para o governo metropolitano. No Canadá uma assembléa representiva tem, não só a autoridade especial de fazer as leis, mas tambem implicitamente uma grande parte da autoridade executiva; por isso que he necessario que os membros do conselho executivo possuam a sua confiança. Entre estes dous extremos, existe uma multidão de graos intermediarios, em consequencia dos poderes mais ou menos latos, exercidos pelos governadores das differentes colonias.

A extensão da autoridade que o respectivo secretario de estado, orgão do governo metropolitano, tem a exercer sobre as autoridades locaes, deve evidentemente depender muito da extensão maior ou menor dos poderes de que os governadores das differentes colonias estão investidos. Em uma colonia como o Canadá, aonde as instituições representativas tem chegado ao maior desenvolvimento, e onde o governador he assistido, no cumprimento das suas funcções administrativas, de ministros que necessariamente tem a confiança da legislatura, resta uma insignificante parte á acção do governo metropolitano; no entretanto a influencia que elle exerce de momento he consideravel, e pode ser de grande vantagem á colonia. Nas lutas dos partidos, que são a essencia dos governos livres, a existencia de uma autoridade imparcial serve de freio á violencia excessiva, com que muitas vezes se desenvolvem as paixões politicas; a experiencia e a posição de um agente da mãi patria, neste paiz, lhe fornece frequentemente os meios de abrir um caminho vantajoso ás legislaturas coloniaes.

Outras colonias ha onde existe o governo representativo, mas de uma maneira appropriada ao estado menos avançado da sociedade, e onde o governo tem conseguintemente necessidade de ser investido de poderes mais amplos, do que debaixo do systema de que acabamos de fallar; finalmente outras ha em que este systema ainda não existe. Nestas colonias, onde nenhuma especie de instituições representativas vem restringir o poder dos governadores, he do dever do secretario de estado exercer sobre os seus actos a maior vigilancia.

Combatendo a opinião daquelles que repellem toda a intervenção da parte do governo metropolitano, nos negocios interiores das colonias, sir George Grey, sustenta que a applicação desta regra de uma maneira absoluta, seria collocar implicitamente nas mãos de uma facção, e pode ser mesmo que de uma minoria dominante, o poder de governar, sem nenhuma especie de freio, o resto da sociedade colonial.—Por exemplo, emquanto o governo metropolitano não tomou interesse na confecção da população negra das Indias Occidentaes, não encontrou a menor opposição da parte das assembleas de Jamaica e das outras Antilhas; mas no momento em que comprehendeu levar a effeito, desde logo a resolução de 1823, relativa ao melhoramento da condição dos escravos, e em ultimo logar a sua emancipação, vio-se em opposição com a classe dominante dessas colonias e as difficuldades que provieram dessa situação, estão ainda longe de chegar ao seu termo. Ainda que essas colonias possuam instituições representativas, a metropole continua sempre a vigiar com actividade os actos das legislaturas, afim de reprimir o que ellas possam tentar, para fazer passar leis prejudiciaes as classes laboriosas.

Considerando pois como do dever e do interesse do seu paiz extender as instituições representativas a cada uma das dependencias aonde ainda não estão estabelecidas, ou aonde podem sê-lo sem perigo, e aproveitar ao mesmo tempo todas as occasiões de desenvolver essas instituições nos pontos onde apenas existem de uma forma imperfeita, he sir George Grey de opinião, de que devem ser experimentadas naquellas colonias, cuja população em grande parte não seja nem de raça europea, nem tão avançada em civilisação para exercer com vantagem os privilegios do governo representativo.

Ceylão fornece o mais solido exemplo das colonias constituidas debaixo de uma tal base. Alli no meio de uma immensa população aziatica collocada no ultimo grão da escalla da civilisação, acha-se estabelecido um punhado de europeus, engajados temporariamente no commercio ou na agricultura. As instituições representativas não conviriam de maneira alguma naquella colonia; porque se ellas conferem o poder á grande massa do povo, o ensaio seria acompanhado de todos os perigos possiveis, ou se malograria; se, pelo contrario chegasse a cahir nas mãos da maioria europea, daria lugar a creação de uma oligarchia limitada a um pequeno numero de individuos, e pouco favoravel a extensão do bem estar dos povos. O mesmo estado de cousas pouco mais ou menos existe na Mauricia, na ilha da Trindade, Santa Lucia, e Natal; porque ainda que as raças não civilisadas alli sejam menos numerosas do que em Ceylão, os habitantes d'origem europea não compõe senão uma fracção da população inteira.

Concluiremos pois dizendo, que as despezas das colonias britannicas, sem comprehender as Indias Orientaes, são, segundo os ultimos documentos apresentados ao parlamento 220,983:000 francos, e o seu rendimento 117,904:000 francos. Ha por consequencia uma differença contra a metropoli de 103,079:000 francos.

(*Jornal do Commercio* de Lisboa.)

Em sessão de 14 de fevereiro de 1854, da camara dos communs, M. Oliveira calculou a producção actual do vinho no continente da Europa em.......... 2,145,041,666 galões imperiaes, fazendo a divisão desta maneira:

França. . . .	900,000,000	gal.	40,500,000	hect.
Hespanha e Portugal . . .	600,000,000	»	27,000,000	»
Allemanha e Austria. . .	545,041,666	»	24,530,000	»
Italia e Grecia .	100,000,000	»	4,500,000	»
Total. . .	2,145,041,666		96,530,000	

Destes 96,530,000 hectolitros, a Inglaterra não consome annualmente mais de 270,000 aproximadamente, calculando pelo termo médio dos ultimos doze annos; nesta quantidade, como adiante se verá, os vinhos francezes foram admittidos com 21,608 hectolitros no anno de 1852. A fraqueza deste consumo provém de duas causas: augmento de direitos de entrada e fabrico de bebidas a que se entendeu dar o nome de vinhos inglezes (*Britisch wine*), podendo considerar-se este fabrico como uma consequencia necessaria dessa exageração da pauta.

Ainda que este liquido se consumma na sua verdadeira qualidade, um grande numero de fabricantes pouco escrupulosos vendem, com o nome de Porto, Cherez, Champanha, etc., bebidas compostas com succo de toda a especie de fructas mais ou menos corruptas. Esta industria *nacional* he prejudicial não sómente á saude publica, mas tambem as rendas do Estado e ao desenvolvimento do commercio exterior de Inglaterra. He impossivel que os vinhos naturaes estrangeiros deixem de ser opprimidos por direitos exorbitantes.

No Canadá, onde a legislatura entendeu dever reduzir o imposto sobre os vinhos, o consumo annual de cada individuo está calculado em 5 pintes e meio (3 litros 124) emquanto excede apenas um litro na Grão Bretanha, onde a população he muito mais amadora desta bebida.

No Reino-Unido foram importados vinhos procedentes de todos os paizes:

Em 1850	9,304,312	galões imp.	422,415	hect.
Em 1851	9,008,151	»	408,970	»

Destas quantidades o consumo inglez foi:

Em 1850	6,437,222	galões imp.	292,250	hect.
Em 1851	6,270,759	»	285,101	»

Quanto a 1852, um documento parlamentar estabeleceu da seguinte maneira o commercio dos vinhos no Reino Unido.

PROCEDENCIAS.	Importação geral.	Reexportação	Entregue a consumo	Armazenado em 5 de janeiro de 1853.
Vinhos do Cabo	127,932	4,054	212,619	381,381
de França	575,280	169,395	475,918	434,734
de Portugal	2,120,716	384,612	2,489,350	8,616,867
de Hespanha	3,181,835	865,567	2,606,857	3,953,867
da Madeira	111,317	93,075	69,730	123,335
do Rheno	70,297	12,298	58,533	32,494
das Canarias	86,819	86,220	14,887	29,608
dos Açores	56	89	397	3,580
de Sicilia e outros	480,032	145,261	387,750	378,467
Misturas	»	»	»	»
Em deposito	»	41,306	»	4,495
Total	6,793,304	1,802,017	6,316,061	8,998,840
Em hectolitros	308,416	81,812	288,111	408,517

A importação dos vinhos em Inglaterra soffreu por tanto em 1852, comparativamente á 1851, uma diminuição de 2,215,847 galões. A cifra de 1852, he a menos elevada a que este commercio tem chegado ha muitos annos, e he 1,492,250 galões mais inferior do que o termo medio annual que havia produzido a importação durante o periodo de 1853 á 1854.

A quantidade entregue a consumo teve pelo contrario um augmento em 1852, mas em uma proporção muito fraca (65,408 galões), as reexportações soffreram a alteração de 120,615 galões. Quanto as existencias em depositos, em 5 de janeiro de 1852, ainda que sejam enormes, offerecem, comparativamente, á mesma epoca do anno anterior uma differença para menos de 1,647,300 galões.

Os vinhos de Hespanha figuraram no consumo de 1852 na razão de 41 p. c.; os de Portugal na razão de 39 p. c. A proporção dos vinhos de França não he menos de 7 e meio p. c. Parece comtudo querer augmentar, porque tendo chegado a 5 p. c. unicamente em 1850, tem-se mantido nesta proporção de 7 e meio nos annos de 1851 e 1852, em parallelo ao augmento do debito de muitas quantidades concurrentes.

Vejamos qual tem sido, segundo os documentos inglezes, o consumo effectivo dos vinhos francezes no Reino Unido em cada um dos triennios abaixo mencionados:

Termo medio	1788—1790	716,612 gal.		32,334	hect.
	1798—1800	116,063	»	5,289	»
	1808—1810	194,397	»	8,826	»
	1818—1820	212,362	»	9,641	»
	1828—1830	305,033	»	16,572	»
	1838—1840	379,253	»	17,218	»
	1848—1850	342,747	»	15,572	»

Desta maneira o ultimo termo medio (1848 a 1850) dá apenas metade das remessas para Inglaterra durante o primeiro triennio (1788 a 1790), isto he, 60 annos antes. Já mencionamos que a entrega a consumo, em 1852, tinha sido de 21,608 hectolitros.

Adiante transcrevemos um mappa com as remessas dos vinhos e aguas ardentes francezas para Inglaterra, nos annos de 1849 a 1852, segundo os quadres do commercio de França.

	VINHO.		AGUARDENTE.	
Annos.	Quantidades. hectolit.	Valores. francos.	Quantidades. hectolit.	Valores. francos.
1849	28,251	4,305,000	127,514	22,315,000
1850	32,903	4,341,000	85,107	16,681,000
1851	52,938	6,751,000	85,822	16,932,000
1852	41,915	6,244,000	120,150	31,479,000

Nota-se tambem, como já se vio quanto aos vinhos, nos dous ultimos annos, especialmente em 1851. Mas, se nos referirmos aos periodos anteriores, observa-se igualmente uma grande alteração.

No anno de 1841, tinha já effectivamente produzido 37,662 hectolitros; em 1817, 39,215; em 1828, 44,310; em 1823, 51,321; finalmente em 1825 tinha chegado a importação do vinho em Inglaterra a 63,784 hectolitros.

A importação geral das bebidas espirituosas no Reino Unido (rhum, genebra e outras), no anno de 1852, apresenta um augmento notavel em relação a 1851. O consumo das bebidas espirituosas proprias do paiz offerece, pela sua parte, as seguintes proporções:

1850. . .	23,862,585	galões.
1851. . .	23,976,596	»
1852. . .	25,200,879	»

Calculado o ultimo anno na razão de hectolitros produz 1,144,120.

O consumo total de Inglaterra, no anno de 1852, figura por 9,820,608 galões; o da Escocia por 7,172,015; e o da Irlanda por 8,218,256.

Os detalhes seguintes foram extrahidos de um documento publicado por ordem do parlamento.

O quadro das quantidades de bebidas espirituosas distilladas em Inglaterra, no periodo comprehendido entre 1800 e 1825, offerece um resultado muito notavel. A cifra mais superior que se encontra, he a do anno de 1800 (4,352,788 galões), em quanto em 1825 ficou muito inferior ás dos annos antecedentes (2,039,771 galões). Esta differença não se pode explicar, senão pelas mudanças e peias, que com frequentes intervallos tem soffrido o regimen dos impostos.

Desde 1826 o direito baixou, e ha um tempo a esta parte, tem permanecido quasi invariavel. A duplicada influencia de uma legislação permanente e de uma pauta moderada, manifestou-se por um augmento consideravel, tanto na cifra das quantidades distilladas, como nos productos dos impostos. O fabrico subio de 3,209,014 galões em 1826, a 6,363,276 em 1852; apresentando um augmento de perto de 100 fr. A receita de impostos, sem com tudo seguir a mesma proporção, resentio-se favoravelmente dos favores concedidos ás distillações indigenas.

Se até 1824, o quadro relativo á Escocia, longe de accusar, como os que dizem respeito a Inglaterra, um movimento diminutivo, apresenta pelo contrario um progresso notavel; isto provem de não ter a industria, naquella parte do Imperio britanico, sido sujeita aos mesmos encargos e as mesmas restricções fiscaes. Effectivamente de 1800 a 1824, o direito sobre os espiritos extrahidos do grão, nunca excedera a 9 sh. 4 1/2 pences, e em 1833 desceu a 2 sh. 4 3/4 pences.

Ao abrigo do favor deste regimen moderado, o fabrico dos espiritos na Escocia tomou um desenvolvimento rapido, e durante a nova epoca que se abrio em 1825, o melhoramento manteve-se. Deve notar-se que a partir de 1825 unicamente, a quantidade entregue ao consumo começou a ser muito inferior as quantidades impostas. Esta apparente anomalia explica-se pela circumstancia de que as quantidades que não são consumidas no paiz, são levadas para Inglaterra.

Sabe-se comtudo que a pauta, votada na ultima sessão, estabeleceu um direito addicional de 1 sh. por galão sobre os espiritos distillados na Escocia, mas este augmento, perfeitamente motivado, não parece ser de natureza a resentir-se no movimento progressivo do fabrico. A carestia da semente exercerá sem duvida este anno (1853) uma influencia muito restrictiva.

(*Annales do Commerce exterieur.*)
(*Idem.*)

EMIGRAÇÃO EUROPEA.

Um phenomeno social de grande interesse tem despertado desde alguns annos a attenção e a solicitude dos estadistas. O movimento da emigração estende-se e regularisa-se. Ja não he a instinctos vagos e tumultuosos que obedecem as populações que abandonando em massa por assim dizer a terra natal procuram alem mar, novas condições de existencia: ellas meditam, calculam as vantagens de suas emigrações, cujo fluxo sempre crescente rouba assim todos os annos á Europa meio milhão de homens.

O governo do imperador tem-se occupado com este facto. Os ministros dos negocios estrangeiros do commercio, da marinha, do interior, cada um na esphera de suas attribuições, promoveram estudos; no mez ultimo foi nomeada uma commissão para examinar com cuidado todas as questões que ligam-se a este interessante problema.

He pois occasião opportuna de recordar os trabalhos que a questão da emigração tem provocado.

Ja em janeiro de 1850 o ministro do interior confiara a M. Paganelli de Zicavo a missão de estudar na Inglaterra a acção da beneficencia publica, applicada á emigração e a influencia desta sobre a extincção do pauperismo. Não poderá a emigração tornar-se uma verdadeira instituição de caridade? O orçamento dos soccorros publicos não poderá, favorecendo a expatriação das familias pobres, diminuir e talvez curar as chagas do pauperismo? O problema valia a pena de ser encetado em sua solução, que interessa no ultimo ponto á moral, assim como a sciencia economica.

A missão de M. Paganelli de Zicavo foi facilitada pelo benevolo acolhimento e communicação dos mais distinctos personagens da Inglaterra, de entre os quaes devemos fazer expressa menção de lord Dudley-Stuart, lord Ashley, lord Monteagle, sir Sidney-Herbert, actual ministro do commercio, sir Francis Scott, M. Siméon, antigo deputado da ilha de Wight, M. Merivale, subsecretario de estado no ministerio das colonias, e M. Mordoek, director da secretaria de emigração.

Depois desta missão, differentes relatorios foram dirigidos por M. Paganelli de Zicavo a S. Exc. o ministro do interior. Eis os factos desses documentos que offerecem mais interesse para a França.

A emigração na Inglaterra recebe um impulso multiplo, 1.º pelas colonias; 2.º pelas parochias e estabelecimentos de caridade publica; 3.º pelas instituições de beneficencia especialmente creadas para as familias pobres; 4.º finalmente pela acção dos particulares.

Quanto ao governo inglez, não exerce por si mesmo nenhuma influencia directa sobre a emigração. Limita-se a inspeccionar o bom emprego e a justa distribuição dos fundos coloniaes destinados a esse objecto, e a tomar a bem dos emigrados medidas de ordem e de policia. Estas medidas de ordem e de policia são determinadas por um acto do parlamento que prevê todas as condições de segurança, de installação, *commodidade*, e de hygiene durante a viagem.

Todos os annos os conselhos coloniaes tiram parte de suas rendas, e enviam a metropole sommas, cuja cifra varia segundo a importancia e as necessidades de cada colonia, afim de que o governo possa mandar-lhes tambem annualmente certo numero de emigrados. Ora, como importa á prosperidade das colonias que os novos trabalhadores que entram para seu seio estejam em boas condições, de moralidade, de vigor phisico, e de especialidades industriaes, o governo nomeou uma commissão das terras coloniaes e de emigração, composta de cinco membros com o titulo de *commissarios reaes*, para observar e regularisar o emprego daquelles fundos. He a esta commissão, representada nos portos principaes por agencias, que dirigem-se as pessoas que pretendem emigrar. Afim de alliviar os sacrificios dos conselhos coloniaes, os commissarios exigem dos emigrados a entrada de certa somma que varia segundo a idade dos individuos. Os operarios que teem menos de quarenta e cinco annos pagam de 25 a 50 francos, e dos que teem mais dessa idade exige-se uma somma de 125 e 250 francos.

Resultaria destas exigencias, com quanto tão moderadas, que muitas familias indigentes não poderiam participar dos beneficios da emigração, se a beneficencia publica não interviesse entre a commissão e os emigrados. Nisto consiste a acção das parochias, dos estabelecimentos de caridade e dos simples particulares.

As parochias ou os conselhos municipaes (*communes*) concedem aos emigrados pobres soccorros, cuja distribuição he feita *pela commissão do pauperismo* (por law board.) He preciso notar tambem que em certos casos, e sem consultar a commissão do pauperismo, o conselho da parochia concede a aquelle que soffreu prejuizo inexperado uma somma maior, por exemplo, 250 francos para occorrer as despezas da emigração.

Segue-se depois a acção das instituições de beneficencia, especialmente creadas para as mulheres pobres. Sabe-se qual era ha poucos annos na Inglaterra a miseria das classes operarias e especialmente das mulheres dadas aos trabalhos de agulha. sir Sidney Herbert e Madama Chisholm promoveram então a fundação de sociedades philantropicas tendo por fim favorecer o movimento da emigração, e facultaram assim o meio de salvação a essa parte interessante da população operaria do reino unido. Abriram-se subscripções, cujas listas receberam os nomes das pessoas mais consideraveis. Na cabeça destas listas, a rainha e o principe Alberto subscreveram 500 lib.; sir Sidney-Herbert concorreu tambem com 500 libras, e logo a subscripção chegou a dous milhões de francos; ella conserva-se aberta, e os donativos não cessam de affluir. Hoje o numero das operarias desgraçadas tem diminuido na Inglaterra e conseguintemente outro resultado importante se ha obtido; o enfraquecimento da concurrencia dos braços tem augmentado a taxa dos salarios e a condição das operarias que permanecem na mãi patria ha melhorado muito.

Madama Carolina Chisholm fez na Inglaterra prodigios de caridade. Providencia dos pobres, pode dizer-se sem exageração que foi entre os nossos visinhos para os emigrados, o que S. Vicente de Paulo fôra em França para com os meninos engeitados. Apostola da extincção do pauperismo, Madama Chisholm visitou primeiramente todas as colonias para estudar as condições de acclimatação e as vantagens que os diversos generos de industria podiam offerecer aos emigrados. Tornando a Grão-Bretanha depois de fadigas inauditas, esta mulher generosa percorreu a Inglaterra, a Escossia, a Irlanda, promovendo meetings, tirando subscripções e applicando-se principalmente em dar um caracter de alta moralidade a sua sociedade de emigração.

Conta-se ainda, além da vasta associação creada por Madama Carolina Chisholm, a sociedade de beneficencia de Edimburgo fundada por sir John Meenille (Highlanders society) e cuja sede foi depois transferida para Londres. Seu fim he favorecer a emigração dos escossezes indigentes, e existe sob a protecção e a presidencia do principe Alberto.

A acção dos particulares finalmente exerce uma influencia, a que tambem se não pode deixar de attender. Muitas sociedades ou emprezas particulares tendo a colonisação por objecto, hão servido mais ou menos directamente interesses geraes da emigração e concorrido assim para a extincção do pauperismo na Inglaterra. Devemos citar a Companhia da Nova Zelandia, a Sociedade de Cantorbery, a sociedade para a colonisação de Natal nas costas d'Africa. Estas diversas sociedades movidas somente pelo interesse particular, teem chegado a formar nas possessões inglezas aldeias, cidades mesmo florescentes, onde populações inteiras arrancadas as miserias da metropole hão encontrado moralisação e abastança.

Tal he a analyse dos documentos submettidos ao ministro do interior por M. Paganelli de Zincavo, depois de sua missão.

Em resumo, resulta dos estudos feitos sobre a organisação dada na Inglaterra ao movimento da emigração, que os soffrimentos que outr'ora mortificavam tão cruelmente as classes operarias, teem diminuido á proporção que tem crescido o movimento da emigração, secundado pelas sympathias do governo, pela acção incessante das sociedades philantropicas, pela beneficencia publica e privada. A taxa dos pobres, esta chaga que ia alargando-se progressivamente, achar-se-ha em breve reduzida ás proporções que a humanidade e a razão economica admittem em todos os paizes. Emfim, o pauperismo, objecto das constantes preoccupações dos estadistas do reino unido, deixou de ser a carga esmagadora do presente e a ameaça do futuro.

(*Monitor Universal.*)

As tabellas do censo da população ingleza tem feito publicarem-se factos curiosos, que os leitores estimarão saber. Foi por este modo que averiguou-se que em Londres a população adulta não he originaria da cidade, mas vinda dos campos. Ha condados que tem em Londres mais representantes do que os habitantes que possuem suas capitaes. Londres tem mais cidadãos do condado de Glocester do que a mesma capital deste condado. O mesmo acontece a respeito do Warwickshire. Quanto ao Harpnshire, fornece a Londres mais do dobro dos habitantes; de Winchester, e quasi numero igual ao da população da grande cidade de Southampton. Suffolk fornece tantos habitantes quantos possue Ipswick; Devon quasi tantos quantos fornece Exeter; Wiltshire quasi o dobro de Salisbury; Herts quasi quatro vezes a população de Hertford; Bruks, mais do que Buckingham e Aylesbury juntas; Somersel mais que Well, Tanton e Bridgewater reunidas; Sussex mais que Lewes e Hastings, Dorsel mais do que qualquer cidade do condado.

A população vinda para Londres de diversas partes da Inglaterra, do paiz de Galles, da Irlanda e do estrangeiro compõe-se em seis setimos de adultos. O numero dos emigrantes eleva-se a 723, 156, além de 182, 353 colonos irlandezes, escocezes e estrangeiros e forma uma parte muito importante dos 2:362:236 habitantes da capital. De 1841 a 1851 o crescimento médio da população de Londres pela sua emigração foi de 27:000 por anno, e o crescimento medio dos nascimentos foi de 14:500 pelo mesmo tempo. O campo não rouba á capital numero consideravel de habitantes.

Na epoca do censo não havia na Inglaterra e no paiz de Galles senão 231,593 *londrinos* (naturaes de Londres) dos quaes 64:683 haviam-se estabelecido em torno da capital, em Midelese, Surrey e Het. Grande parte destes ultimos tinham ainda occupação em Londres, assim como alguns daquelles que haviam fixado sua residencia em Essesx Herts.

O Lancashire, esse paiz da manufactura, appresenta um quadro semelhante ao de Londres. Nossas duas cidades gigantes de Manchester e de Liverpool, os tres quartos dos adultos são emigrantes. Este fluxo vindo de fóra tem engrossado desde a época do recenseamento precedente ao ponto de igualar o numero dos nascimentos no Lancashire e no Cheshire. Grande parte dos emigrantes he do norte.

A emigração, como he facil de comprehender, desenvolve-se por todo o reino. Assim, por um lado, de meio milhão de naturaes de Norfolk, 90,000 deixaram este condado e habitam hoje em outros condados de Inglaterra, ou do paiz de Galles, e por outro, Norfolk conta 50:000 habitantes nascidos fóra de seu territorio.

Do mesmo modo o Wiltshire tem fornecido para os outros condados 46,211 habitantes, Suffolk, 47, 231; Essex 37,961; Steropshire, 41,775; Sorset 38,836; Devon 37,421, e os outros condados numeros menos consideraveis.

As relações de familia contribuem ao menos tanto quanto as razões de interesse para esta emigração, com effeito, he digno de reparo que em nenhum dos condados encontram-se naturaes de todos os outros districtos. He igualmente notavel quanto a emigração he consideravel nos condados visinhos. Dos 90:000 naturaes do Norfolk que procuraram fortuna por outros lugares de Inglaterra, um terço existe em Londres e mais do segundo terço nos discriptos de Cambridgeshire, Suffolk, e Lincolnshire, que são visinhos de Norfolk. Da mesma sorte em Nortemptomshire, que fica no coração do reino, dos 66,000 emigrantes do condado, dous terços se tem fixado nos condados circumvisinhos. Todavia uma parte consideravel dos que deixam os lares paternos vão para Londres e para os districtos manufactureiros ou de minas.

No Lancashire o numero da população excede de 378:300 numero dos naturaes do condado que habitam outros districtos na Inglaterra e no paiz de Galles. Igualmente Londres encerra 673:916 habitantes mais que os naturaes; Durham 65:024; Warwickshire 50:395; Cheshire 43:753; Montmoullshire 38:138; Staffordshire 29:728.

Em Londres e nas 61 cidades principaes da Inglaterra e do paiz de Galles, e nas 10 cidades principaes da Escossia, o censo verificou existirem 3:767:626 adultos de mais de 20 annos, e destes 2:288,577 nascidos fóra destas cidades. Nas 61 cidades da Inglaterra e de Galles, a proporção dos emigrados he quasi de dous terços.

Existem na Grão-Bretanha 70 cidades que tem uma população de mais de 20:000 almas. Em 1801 a população destas cidades não formava um quarto da do reino, em 1851 formava mais do terço:

Tomando maior numero de cidades —212— comprehendidas nelle as capitaes, as cidades maritimas, os centros manufactureiros, as minas etc., achamos os factos seguintes: Desde 1801 em quanto a população do resto da Grão-Bretanha cresceu 6790 (de 7:532:38[illegible] a 12:549:456), a população dessas cidades augmentou 176 % ou de 3:046:371 a 8:410:021.

Resulta que na primeira metade deste seculo a população dos campos tem duplicado, entretanto que a das grandes cidades tem quasi triplicado. O crescimento foi:

[illegible] Londres. . . .	:	146,4 %
Capitaes.		122,1 »
Portos de mar		195,1 »
Cidades de minas, e quinquilharia.		217,3 »
Cidades manufactureiras. .		224,2 »
Cidades de banhos. . .		254,1 »

Nas cidades onde o algodão fabrica-se em grande escala o crescimento foi de 282,4 %, e nas de quinquilharia de 289,9 %. A população inteira da Grão-Bretanha he considerada como dividida igualmente entre as cidades e os campos dez milhões e meio em cada cathegoria.

A proporção dos jovens escossezes menores de vinte annos que habitam a Inglaterra he pequena, não constitue o quarto dos adultos.

A proporção dos jovens inglezes existentes na Escossia he maior quasi duas vezes. A emigração da Escossia fornece a Inglaterra quasi 5,000 habitantes todos os annos; a da Inglaterra fornece a Escossia 1,700 habitantes por anno. Ha na Escossia 1 estrangeiro por 11 naturaes, na Inglaterra 1 por 25.

Em 1841 existiam 419,256 Irlandezes na Grão-Bretanha; em 1851 existiam 733:866. O termo médio da emigração dos Irlandezes para Inglaterra he de 40,000 por anno; mas recentemente esta emigração só he dirigida para a America. Os emigrantes Irlandezes vem de preferencia para as grandes cidades da Inglaterra, Ha 108:548 Irlandezes, em Londres, 83:313 em Liverpool, e 52:304 em Manchester, encontra-se grande numero delles (144:155) nos condados do meio dia da Escossia. (*Times.*)

LITTERATURA.

A SOCIDADE E OS GOVERNOS DO INDOSTÃO NOS SECULOS XVI E XIX.

(*Continuação*)

Instituições do governo de Akbar.

1. — O Indostão e suas instituições depois da conquista mussulmana.

As memorias de Babar e as primeiras reformas de Akbar.

O chefe da aldeia (*grámádupati* em sanscrito, *patel* no Dakkhān e no Indostão central, *mandel* em Bengala) he ao mesmo tempo agente da communa e do governo. Ha seculos estas funcções são hereditarias. Em consideração da sua qualidade de primeiro magistrado, o governo abona-lhe uma certa extensão de terreno e concede-lhe um ordenado annual; porem a melhor parte deste ordenado consiste nas rendas que recebe dos chefes de familia. He elle que com o governo recebem o excedente do imposto territorial e o repartem entre os camponezes, segundo a natureza e extensão de suas terras. Elle alluga os terrenos que estão sem cultivadores, distribue as aguas pela irrigação, decide as questões, prende os malfeitores, remette-os para o official do destricto.

Estas funcções municipaes são exercidas em publico em um lugar designado para este effeito, e a respeito de todas as questões que affectam o interesse da communidade, os camponezes tomam livremente parte na discussão. O chefe da aldeia he acompanhado por diversos officiaes, os principaes são: o responsavel da aldeia (conhecido geralmente no Indostão pelo nome de *patwari*) e o guarda campestre. O Cambista, que he ao mesmo tempo o ourives da communa, o padre e o astrologo (um destes dous he ordinariamente o mestre-escola,) o ferreiro o carpinteiro, o oleiro, barbeiro, o cortidor-de-pelles, algumas vezes a dansarina e a cantora publica, completam geralmente o pessoal dos empregados da communa.

Estas minuciosidades bastam para dar uma idéa do governo de uma aldeia india governada por um chefe, unico intermediario entre o governo e os cultivadores. Todavia, em um grande numero de communas, existem proprietarios principaes com os quaes o governo deve tratar, quer seja collectivamente, quer seja individualmente, e nestas aldeias distinguem-se abaixo dos grandes proprietarios, os rendeiros permanentes, os rendeiros temporarios, os trabalhadores, emfim os artistas que se estabellecem na aldeia porque ahi acham um mercado para os productos da sua industria.

Aquelles cultivadores que arrendam terras, quer seja aos proprietarios quer seja ao governo, são conhecidos geralmente na India pelo nome de *rayat*, e os pequenos cultivadores mais particularmente pelo de *assani*. Os verdadeiros rayats ou rendeiros permanentes transmittem o campo que cultivam a seus filhos. A descripção dos direitos que confere ao cultivador a cultura permanente do solo e as obrigações que ella lhe impõe, direitos e obrigações que variam segundo as localidades, levar-nos-hia alem do nosso fim actual. Basta que affirmemos que a administração do imposto territorial, em toda a extenção da India gangetica (e mesmo em toda a extremidade do Oriente), bazeava-se, antes da invasão mahometana, no principio que as leis de Manu exprimem pela maneira seguinte: « Os sabios, que conhecem os tempos antigos, olhām sempre esta terra (Prithivi) como a esposa do rei Prithu, e decidiram que o campo cultivado he a propriedade daquelle que foi o primeiro a deitar abaixo os bosques para rotea-lo. » O comportamento desta regra, debaixo do ponto de vista governamental, acha-se em um velho adagio dos Radjputs, que procuramos traduzir por estas palavras; « A terra pertence-me, a renda he do rei! »

A noção do direito do soberano sobre a propriedade do solo não existe na India senão depois da invasão mahometana. A lei mahometana, tal qual a comprehendia uma grande autoridade legal da escola *hanifa*, Shans-oul-Aima (de Sarakhs), deixava somente ao infeliz cultivador *com que nutrir a si a sua familia durante um anno, e com que semear suas terras; ella o submettia alem disso a capitação.* Os primeiros soberanos mussulmanos exerceram cruelmente este pretendido direito, e o mesmo Aurāngzeb, neto de Akbar, não envergonhou-se de ordenar, por um firman que nos foi conservado, que se cobrasse o *kharadj* (imposto territorial) seguindo a santa lei e os commentarios de Abu-Hanifa! Outras eram, segundo acabamos de mostrar, as condições fundamentaes a que devia satisfazer um governo sabio, e mais particularmente um governo imposto pela conquista, na repartição e percepção do imposto territorial, primeira fonte de suas rendas. Shere-Shah foi o primeiro a comprehender e pôr em pratica, no Indostão, um systema de administração que póde conciliar os interesses do fisco com os dos cultivadores; porem a curta duração de seu reinado não permittio que se desse a esse systema senão um começo de execução. Ao imperador Akbar estava reservada a gloria de assentar a administração territorio sobre largas e duraveis bases. Eis o que elle fez. Propoz-se: primeiro a obter uma medida exacta da terra; segundo, determinar o producto médio de cada bijah de terra, e a proporção deste producto que cada cultivador deveria pagar ao governo; terceiro, fixar um equivalente em prata para esta proporção uma vez determinada.

Para alcançar seguramente o primeiro fim, Akbar resolveu e estabelleceu um novo systema de medidas uniformes para todo o imperio, idéa simples e fecunda, cuja applicação devia necessariamente resentir-se da imperfeição dos conhecimentos mathematicos e dos instrumentos dessa época, porem quem por isso deixou de ter em resultado a simplificação e regulamento das relações dos cultivadores para com o governo e entre si. A base do novo systema metrico introduzido por Akbar para este effeito foi o *ila hy gaz*, de 41 dedos, que servio tambem para formar o *akbary bigah*, de 3,600 *gaz* quadrados. Akbar aperfeiçoou os instrumentos de agrimensura, e officiaes intelligentes foram enviados para todo o imperio afim de presidirem as operações cadastraes.

A determinação relativa do imposto era uma operação mais delicada que a agrimensura, e pedia mais precauções.

As terras foram divididas em tres classes, segundo o seu grão de fertilidade. Determinou-se o producto médio de bigah para cada classe; e o médio destes tres productos foi considerado como representando o producto do bigah. Um terço deste producto constituio o direito do governo ou imposto territorial. Admittido uma vez o principio, o governo não deixou de reconhecer em cada cultivador que julgava-se muito onerado, o direito de reclamar uma nova medição de suas terras com a partilha da colheita que era o seu producto.

Alem disso, afim de conciliar os direitos do fisco com a justiça devida aos cultivadores, decidio-se que as terras que não tinham necessidade de descanço pagariam a totalidade do imposto todos os annos, — e que as terras de pousio não pagariam senão quando fossem cultivadas, que as terras inundadas, ou que estivessem treze annos sem cultura e exigissem algumas despezas para que tivessem valor, não pagariam senão dous quintos no primeiro anno, tres quintos no segundo, quatro quintos nos dous annos seguintes e o imposto inteiro no quinto anno.

Toda terra finalmente que não produzia durante o espaço de mais de cinco annos obtinha condições mais favoraveis ainda.

Estes pontos sendo assim regulados, restava determinar como na maior parte dos casos, o modo porque o pagamento do imposto em productos seria substituido por um pagamento em dinheiro.

O governo verificou pois os preços correntes das mercadorias em cada communa, nos dezenove annos anteriores á medição das terras. E o valor das colheitas foi estimado segundo o médio dos preços offerecidos nestes documentos. No fim de dez annos o imposto foi estabelecido segundo o médio das percepções feitas durante esses dez annos, e determinou-se que para o futuro regulasse assim de dez em dez annos.

Este systema de cadastro e de percepção está ainda em uso hoje, mesmo nas partes do Indostão que Akbar não póde submetter á sua autoridade, nas quaes as vantagens que distinguem este modo de percepção o fizeram adoptar.

No mesmo tempo que esta grande medida recebia a sua execução, Akbar abolio um numero infinito de imposições indirectas e de honorarios exigidos pelos agentes da administração, e que pesavam da maneira a mais vexatoria sobre as classes inferiores. O resultado destas diversas mudanças foi reduzir consideravelmente as demandas do fisco, isto, *herevenu brut*, porem diminuir em uma proporção maior ainda, as despezas de percepção e das cobranças retardadas.

As rendas reaes do estado ficarám assim pouco mais ou menos naquillo que tinham sido na hypothese mais favoravel á realisação deste producto sob o antigo regimen, e os povos ficaram alliviados. Abu'l-Fazl observa mesmo a este respeito que o imposto era menos pesado no governo de Akbar do que o era no tempo do usurpador Shere-Shāh, ainda que este pretendesse não exigir do cultivador senão o quarto producto de sua terra emquanto Akbár exigia o terço.

As instrucções de Akbar a seus governadores recebedores geraes nos foram conservadas) no *Ayeên-Akbary*, e mostram toda a solicitude do mesmo pela applicação justa e liberal do seu systema, como em geral, pela segurança e bem estar dos seus subditos. Nenhum ramo das rendas publicas foi cedido mediante paga durante o seu reinado; elle ordena aos seus recebedores geraes que tratassem directamente tanto quanto fosse possivel com os cultivadores, e que não confiassem cegamente no chefe da aldeia e no patwari. As instrucções de Akbar redigidas com particular cuidado por Abu'l-Fazl, são bem dignas de serem estudadas e meditadas por quem quizer ter uma idea exacta da capacidade administrativa desse habil ministro, digno interprete de um monarcha justo e bemfeitor.

As convicções do imperador Akbar em materia de governo e os principios fundamentaes que elle adoptára como regras de conducta deduzem-se de sua correspondencia, do testemunho d'Abu'l-Fazl, e de outros escriptores mahometanos dos seculos XVI e XVII de *Dabistan* em particular. Para Akbar, como para todos os principes de sua raça, « um rei he a sombra de Deos sobre a terra » alem disso um soberano não pode bem governar senão sendo ajudado pelo conselho de sabios ministros, mostrando-se cuidadoso da honra e da dignidade das *grandes familias*.

O imperador Akbar, diz o *Dabistan* (3.º volume, pag. 136 e 137) escreveu um livro inteiro de conselhos para o rei da Persia, e esse livro foi escripto pela mão do sharkh Abu'l-Fazl. Alguns preceitos deste livro dizem: « Os grandes entre o povo que são depositarios dos segredos divinos, devem ser considerados com uma admiração benevola, e conservar o seu lugar nos nossos corações. O Creador do universo confiou-lhes a direcção do mundo, para que elles vigiem sobre a felicidade dos povos sem desprezar principalmente a honra e gloria das grandes familias. » Esta passagem he notavel. Quer Akbar tenha sido levado pelas suas proprias reflexões a considerar a manutensão das grandes familias e de

MUTILADO

ILEGÍVEL

sua influencia como um dos principaes meios de bom governo, quer tenha encontrado a idéa desse principio nas antigas instituições dos Hindus, o que he certo he que fez constantemente applicação delle ao paiz que a conquista poz sob seu dominio. Os *omrahs* da corte moghol representam historicamente o pariato na Inglaterra com esta differença sómente, que não transmittem a seus descendentes nem seus titulos nem suas dignidades. Esta circumstancia he digna de attenção; ella mostra-nos com effeito que na infinita variedade dos governos, sob que as grandes nações tem prosperado até á nossa época, o principio da igualdade civil das familias póde ser mantido com vantagem em um estado despotico, entretanto que a instituição da nobreza hereditaria e os privilegios de nascimentos se tem combinado sem inconvenientes sensiveis, em uma monarchia republicana com uma representação nacional restrictiva do poder soberano e da liberdade da imprensa. O certo he que a organisação do vasto imperio moghol, tal qual a concebeu e realisou o genio de Akbar, differia essencialmente de todos os governos que precederam o seu. Era uma monarchia despotica, temperada pelo protectorado, pelos privilegios das communas, e subsidiariamente em um grande numero de casas, pelos direitos da feodalidade hereditaria, pelo poder senhorial concedido por certo tempo.

II

L'Ayin-Akbary e as theorias governamentaes de Akbar.

A fonte principal em que devemos procurar não só os dados precisos sobre o governo de Akbar, porém ainda as noticias positivas sobre o espirito e costumes da sua época he sem contradicção o Ayin-Akbary. As justas censuras que foram feitas á redacção desta grande obra, e que Elphinstone em particular julgou com sabia critica e grande imparcialidade, devem advertir-nos contra os testemunhos de Abu'l-Fazl em tudo o que diz respeito a narração dos factos que podem affectar a reputação de prudencia, sabedoria, impeccabilidade relativa que elle reivindica por toda a parte para o seu heroe; porém a respeito das instituições governamentaes, dos regulamentos administrativos, da vida publica do soberano e dos costumes da sua vida privada, o Ayin-Akbary, apoiado como o he o seu testemunho por todas as autoridades contemporaneas sem excepção, deve ser considerado como o momento mais precioso que nos fora transmittido pelo seculo XVI sobre o estado politico e social do extremo Oriente. Estamos longe de pensar entretanto que a traducção de Gladwin faça conhecer plenamente esse admiravel livro.

Esta pretendida traducção (como o diz Duncan Forbes) publicada ha sessenta e nove annos, não he senão uma versão mesquinha e incompleta a todos os respeitos, antes um extracto do que uma traducção, e sendo esse mesmo extracto cheio de omissões importantes, de erros e de negligencias palpaveis. He necessario concordar ao mesmo tempo que a traducção de uma semelhante obra era um trabalho de extrema difficuldade na época em que Gladwin a emprehendeu, mesmo com o soccorro de Warren-Hastings que comprehendia entretanto toda a sua importancia. Este grande estadista na minuta em que, em sua qualidade de governador geral, recommenda a publicação da traducção de Gladwin á protecção do conselho das Indias, assim se exprime: « Esta obra será uma acquisição tanto mais preciosa para a sciencia europea, quanto ella expõe a primeira constituição do imperio moghol, tendo sido escripto o original na presença do *fundador d'este imperio*. Ella ajudará o juizo dos directores sobre muitos pontos importantes para os interesses da companhia; mostrará em que a administração actual se aproxima dos principios do antigo governo indigena, *principios que talvez pareçam superiores áquelles sobre cujas ruinas foram baseados*, e certamente de uma applicação muito mais facil como sendo mais familiares ao espirito dos povos da India; ella fará ver igualmente as consequencias provaveis de um desvio qualquer d'estes principios.

Nesta mesma *minuta* Warren Hastings exprime uma opinião mui favoravel sobre o trabalho de Gladwin. Não ha duvida alguma que se deve levar em conta a Gadwin o zelo e talento que mostrou na execução desta versão, por mais imperfeita que seja, assim como á franqueza com que faz allusão ás omissões e incertezas que podiam ser-lhe censuradas. Os tempos mudaram-se: o estudo das linguas asiaticas e do Indostão todo inteiro tem feito taes progressos, que uma traducção completa de Akbar-Nameh e do Ayin Akbary (que não formam, propriamente fallando senão uma só obra) poderia ser executada hoje com successo consultando-se os annaes indianos (os de Radjasthan em particular) e os autores mahometanos, cujos trabalhos entraram no dominio da sciencia historica europea de um quarto de seculo para cá. Realisada nas condições philologicas que indicamos, com o concurso de um certo numero de sabios e de artistas, seria uma empreza digna de uma grande nação, porque far-se-hia ao mesmo tempo conhecer uma das épocas mais interessantes da historia oriental, verificar-se-hia, por assim dizer, o que passou-se em uma das principaes phases da humanidade, e esclarecer-se-hia talvez com nova luz a ethnographia e a historia natural da India.

Os extractos que já publicamos do Ayin-Akbary, principalmente no que diz respeito á reforma do culto e á administração das rendas territoriaes, bastam para mostrar a mistura singular de enthusiasmo religioso e de espirito philosophico, de vastos designios e de minuciosa pontualidade na pratica dos negocios, que distingue o caracter de Akbar e o de seu ministro. Algumas citações relativas á administração geral do imperio, á organisação da corte moghol, algumas noticias sobre os costumes do imperador, completaram o todo dos conhecimentos que nos parecem indispensaveis para a appreciação geral do governo de Akbar.

« He nobre entre nós, diz Abu'l-Fazl, aquelle que sabe refrear suas paixões e conduzir-se com um igual decoro para com os homens de todas as classes da sociedade.... O mais nobre exercicio do poder supremo, diz elle ainda, consiste em melhorar os costumes, animar e aperfeiçoar a agricultura e regular convenientemente os differentes ramos d'administração, e manter um exercito bem disciplinado. He impossivel conseguir estes resultados tão desejaveis sem procurar merecer a affeição dos povos por uma sabia administração das finanças, e pela mais estricta economia nas despezas do estado. Quando se não perdem da vista estas condicções indispensaveis, as differentes classes da sociedade gozam de igual prosperidade. Esta theoria governamental repousa evidentemente sobre a noção de um poder absoluto, porém paternal. A pratica correspondeu a isso durante todo o reinado de Akbar; porém só vinte annos depois do começo do seu reinado foi que o imposto foi definitivamente estabelecido, e só quarenta annos depois foi que todo o systema do governo beseou-se sobre regulamentos e instituições regularmente promulgadas.

He a esta ultima época que devemos referir a divisão do imperio em governos ou *subahs*. Não havia senão doze em sua origem. Eis como Abu'l-Fazl expõe esta importante parte do trabalho governamental d'Akbar: « quarenta annos depois de começo do reinado de sua magestade, seus estados comprehendiam cento e quinze *sircars* (provincias), divididas em duas mil settecentas e trinta e sette *babas* (cidades), cuja renda regulada por dez annos elevava-se annualmente a 3 *arribs* 62 *krores* 97 *laks* 55,245 *danes*.

O imperio foi então dividido em doze grandes partes e cada uma destas grandes partes confiada ao governo de um subadar ou vice-rei.

O soberano do mundo (o imperador) fez distribuir nesta occasião 12 laks de bétels. Os nomes dos subahs ou lugar em que os vice-reis exerciam o seu imperio eram: Allahabad, Agra, Audh, Adjmeir, Ahmedabad, Bahar, Bengal, Dehly, Kabul, Lahore, Multan, Malwa. Quando sua magestade conquistou o Berar, Khandeish e Ahmadnagar, formaram-se tres subahs, o que elevou o numero dos subahs a quinze. O vice-rei tinha o titulo de sipah salar (correspondente a general em chefe). Elle correspondia-se directamente com o imperador e reunia os poderes civis e militares. O mais alto funccionario militar depois delle era o faodjar, commandante em chefe das milicias e das tropas regulares em cada provincia, encarregado da manutenção da policia territorial, isto he, de assegurar a cobrança das contribuições territoriaes. A justiça era feita em nome do soberano, por um tribunal composto do *mir ad'l* (grande juiz) e do *quazy* assistidos em caso de necessidade pelos ministros das differentes religiões, segundo a crença das partes, nos casos litigiosos.

O recebedor das contribuições, *amil guzzar*, era o principal official das rendas publicas nas provincias: elle tinha sob as suas ordens os tepaktchis ou recebedores e os thesoureiros (cujo nome na lingua da Persia não he dado por Gladwin.) Nas grandes cidades, a policia era confiada a um funccionario de ordem elevada conhecido ainda hoje sob o nome de Katwal ou Kutwal. As instrucções mui minuciosas dadas e este magistrado collocam-no tanto quanto he possivel, nas condições da importancia politica, da utilidade e da influencia local que distinguem entre nós o prefeito de policia. Estas instrucções são em geral irreprehensiveis debaixo do ponto de vista de humanidade e de justiça. Notamos nellas um principio que devia ter sido muitas vezes desconhecido antes do reinado de Akbar, e que o he ainda em nossos dias em muitos paizes civilisados—a inviolabilidade do domicilio.

Esta disposição tão honrosa para Akbar he especialmente lembrada no *Dabistan*. Ao lado de muitos preceitos de um caracter igualmente recommendavel affligimo-nos e summamente nos admiramos de encontrar uma ordem ao Koutwal para cortar a cabeça daquelle que beber no mesmo copo em que beber o carrasco—ou o dedo somente se elle comer alimentos cozidos por este executor publico. Não podemos explicar este desvio inexperado dos principios de justiça e dos habitos essencialmente *humanos* d'Akbar, senão pelo horror que lhe inspiravam as profissões ligadas de perto ou de longe a destruição das creaturas de Deos. Tambem nestas mesmas instrucções ao Kuutwal lhe he expressamente recommendado que tome cuidado para que os carniceiros, aquelles que lavam os corpos mortos ou entregam-se a outras occupações *impuras*, morrem em quarteirões apartados das casas dos outros homens os quaes, accrescentam as instrucções *devem evitar a sociedade destes miseraveis de espirito acanhado e de coração petrificado*.—Bem que os vice-reis tivessem o poder de condenar a pena capital, era-lhes ordenado que não recorressem a esta pena senão em caso de flagrante delicto, em caso de sedição por exemplo; fóra destas circumstancias excepcionaes não deviam ordenar a execução do culpado senão depois de confirmada a sentença pelo imperador.

A reunião das instrucções dadas aos principaes officiaes do governo nas provincias, he repitimo-lo, rellada com o cunho da previdencia, da sabedoria, da humanidade e da justiça. Alguns habitos de despotismo mostram-se ainda aqui e alli, algumas observações frivolas ou vaidosas, alguns prejuizos pueris contrastam com a elevação ordinaria do pensamento e solidez do juizo; mas o systema governamental de que ellas são a expressão, garantia evidentemente a esta singular agglomeração de povos, collocados pelo direito divino ou pela conquista sob o sceptro de Akbar, as condições de liberdade, de bem estar e de progresso compativeis com suas crenças, habitos e grão de civilisação geral a que haviam attingido.

(*Continuar-se-ha.*)

A LITTERATURA HESPANHOLA E OS SEUS HISTORIADORES MODERNOS.

(*Continuação do n. antecedente.*)

II.

No vasto dominio da litteratura hespanhola, he especialmente o theatro do seculo XVI e do XVII, depois da poesia da idade media, que mais tem occupado os historiadores e criticos. A propria Hespanha, he força confessar, posto que tenha muitas vezes deixado aos estrangeiros o cuidado de exhumar-lhe as riquezas, deu aqui o signal das exposições corajosas. Sabe-se que uma pleiada de escriptores, ha cousa de vinte annos, hão tentado regenerar a scena de Calderon e de Lopez da Vega. Era mui natural que este generoso movimento dos poetas provocasse os trabalhos da erudição. Ao passo que dom Angelo de Saavedra, duque de Rivas, e dom Antonio Gil Zarate, sacudiam afinal o jugo da imitação franceza, e reconduziam a arte dramatica ás fontes nacionaes, os criticos não deviam ficar surdos a este appello, e era dado á sciencia encontrar nos livros a grande tradição enfranquecida, como o autor da *Fuerza del Sino* a despertava no intimo das almas. Este movimento se declarou quasi no dia seguinte em que o duque de Rivas mandou representar o bello drama da *Fuerza del Sino*. O drama do duque de Rivas (foi uma eventualidade na historia litteraria do seculo XIX) he de 1835. Começava em 1836 em Madrid a publicação do theatro antigo e moderno da Hespanha, que já conta mais de cem volumes: *Galeria dramatica, theatro antigo, theatro moderno*. O *theatro antigo* especialmente foi uma revolução que acontecia quando devia acontecer. De então para cá, os trabalhos sobre Lopez, sobre Calderon, e até sobre os poetas dramaticos menos conhecidos que precederam os seus triumphos, se succedem continuamente e satisfazem a viva curiosidade dos espiritos. Em 1839, he dom Agustinho Duran que dá na *Revista de Madrid* um bello estudo sobre Lopez da Vega; em 1840, he uma collecção mui digna de estima, o *Semanario pittoresco espanol*, que publica as investigações de M. João Colon y Colon acerca dos predecessores de Lopez, *Noticias del Teatro espanol anterior a Lopez*. Em 1842, a *Revista de Madrid* um trabalho substancial de M. Mesonero Romanos, intulado *Rapido exame historico sobre o theatro hespanhol*. De 1842 a 1844, M. Gonzalo Moron dava tambem na sua *Revista de Espana y del estrangero*, um ensaio litterario e philosophico sobre o mesmo assumpto. Em fim M. Gil y Zarate, o mesmo que renovava de uma maneira mui brilhante sobre a scena a vehemencia e audacia de Lopez, publicava no segundo volume do seu *Manual de Litteratura* paginas scientificas acerca do seu querido mestre. Não omittamos o primeiro talvez de todos estes criticos, o celebre poeta dom Alberto Lista y Aragon, que, no segundo volume dos seus *Ensayos litterarios y criticos* (Madrid 1844), deu uma serie de excellentes capitulos acerca dos mestres da scena. Ainda poderia citar outros trabalhos que pertencem a este periodo; poderia assignalar a bella *Bibliotheca dos autores hespanhoes*, cujo segundo volume reproduz, com muitas notas e addições indispensaveis, a dissertação de Moratin acerca das origens do theatro em Hespanha. Vê-se cabalmente por este concurso de criticos e poetas, a quantas sympathias apaixonadas deu lugar a longa indifferença da Hespanha para o seu theatro nacional.

Entretanto releva que estes trabalhos dos criticos hespanhoes possam dar uma idéa completa do antigo theatro. Haviam curiosos estudos particulares ou considerações geraes repassadas de enthusiasmo intelligente; mas quem tinha procurado traçar a historia inteira desta scena hespanhola, segui-la no seu começo, nas suas primeiras tentativas, na sua audacia que se desperta, nas suas transformações caprichosas, na sua passagem da inspiração ecclesiastica á inspiração romantica, e no seu retrocesso do romance á igreja? Semelhante trabalho he daquelles que exigem uma vida inteira de paciencia. Quantas investigações laboriosas! Quantas lacunas a encher e quantas trevas a illuminar! Verdade he que o resultado a que se aspira val a pena taes esforços. O theatro hespanhol he ao mesmo tempo um dos mais curiosos problemas que temos a resolver e uma das mais ricas conquistas que temos a fazer na historia da poesia. Tal tem sido a ambição de um sabio escriptor da Allemanha M. Adolpho Frederic de Schack, e o bom exito da sua obra sem duvida o tem recompensado. Não direi que ella tenha resolvido o problema, que tenha proferido um juizo decisivo sobre esta parte tão original e ainda tão controvertida da litteratura moderna, mas certamente fez a este respeito as mais serias descobertas, e ou seja mister desprezar os seus arrestos, ou um dia, com o intermedio de novos documentos, alguem encha as suas lacunas inevitaveis, será sempre impossivel não tomar-se em consideração o que elle fez. As mui graves censuras que somos obrigados a dirigir ao autor não prejudicam em nada ás victorias da sua erudição. Aquelle que escreveu semelhante livro se apossou para sempre da historia do theatro hespanhol.

A obra de M. de Schack, *Historia da Litteratura e da arte dramatica na Hespanha*, se compõe de tres volumes: o primeiro nos conduz até Lopez da Vega; o segundo he consagrado a Lopez e á brilhante pleiada que o cerca; o terceiro, cheio quasi todo por Calderon, expõe depois a longa decadencia do theatro e os ensaios de regeneração que hão sido tentados nos nossos dias. Depois de rapida introducção sobre a origem do theatro moderno, introducção em que M. de Schack encontra necessariamente as doutas investigações de M. Magnin, nos faz atravessar os dous curiosos periodos que vão dos primeiros tempos do povo hespanhol ao reinado de Fernando e de Isabel, e do reinado de Fernando e de Isabel ao reinado litterario de Lopes da Vega. M. de Schack não tinha um só guia que consultasse: Moratin podia sem duvida ministrar-lhe algumas indicações; mas a Hespanha não possuia nenhum dos repertorios semelhantes aos que compozeram Collier para a Inglaterra, Riccobani para a Italia, e os irmãos Parfaict para a França; era preciso encontrar tudo no primeiro movimento, á custa de sagacidade e ardor. A tarefa não assustou a M. de Schack, e estes dous periodos que precedem Lopez da Vega não são os menos interessantes do seu livro; ahi se formam pouco e pouco todos os elementos populares d'onde os poetas do seculo XVI e do seculo XVII saberão extrahir ouro.

He especialmente a influencia da igreja que se manifestara desde o começo. Na Hespanha assim como em toda a parte, a igreja foi a instituidora do theatro. O desenvolvimento das representações dramaticas sob a egide e direcção da igreja ja estava mui adiantado no seculo XIII para que Affonso Sabio, no seu codigo das *Siete Partidas*, tenha julgado necessario regular-lhes o emprego. Assignalemos um facto que não parece ter impressionado o espirito de M. de Schack: no mesmo momento em que a influencia da igreja sobre o theatro vai desapparecer quasi por toda a parte na Europa, regula-se e consolida-se na Hespanha. Desde o seculo IX até o seculo XII, a veia-motrix dramatica, como tão bem diz M. Magnin, he a inspiração sacerdotal; mas no meiado do seculo XIII, esta inspiração vai perdendo pouco e pouco a primeira cathegoria, e os dous outros elementos da litteratura dramatica na idade media, a charlatanaria senhoril e a charlatanaria forasteira e popular, para ainda empregar as formulas do sabio escriptor francez, se substituem manifestamente ao drama ecclesiastico. Em França na Allemanha, na Inglaterra, este desenvolvimento natural segue pouco e pouco o mesmo curso. Nada semelhante alem dos Pyreneos. Existem alli sem duvida, assim como entre nós, contrarios de comicos que trabalham para emancipar a arte theatral; mas ao mesmo tempo que a autoridade ecclesiastica reprova as representações profanas, autorisa e protege as representações edificantes, utilisando dest'arte em proveito da fé « o instincto mimico que he (ainda cito M. Magnin) um dos attributos da nossa natureza, » e que se desenvolvia mais do que em parte alguma nessas energicas imaginações do meio-dia. Na epoca em que Affonso Sabio condemnava os espectaculos demasiado livres e permittia que se representassem scenas do Evangelho, a festa do Santissimo Sacramento, instituida por Urbano IV, era acolhida na Hespanha com devoção fervorosa. Foi esta uma occasião nova para os espectaculos ecclesiasticos. He impossivel acreditar que estes espectaculos tenham sido sempre fieis ao seu programma; o ardor espontaneo da arte ainda infantil conduzia-o incessantemente fora dos limites traçados, e todo este periodo nos offerece uma luta continua entre o instincto dramatico que quer quebrar-lhe os laços e o poder religioso que o reprime. O que he notavel he que a alliança destes dous espiritos, alliança ha muito rota no resto da Europa, nunca se rompe completamente. A igreja não amaldiçoou a arte dramatica, quer somente moralisa-la e emprega-la em seu proveito; não a expelle, e se ella se transvia, leva-a de novo aos pés dos altares. O concilio d'Aranda, em 1473, renovando ao mesmo tempo com vigor as prohibições das *Siete Partidas*, faz tambem as mesmas reservas em favor do drama religioso.

Eis pois dous factos mui expressivos que este primeiro periodo torna evidentes. O theatro hespanhol tem relações prolongadas com a igreja, introduz-se no culto, serve-lhe de accessorio importante e ao mesmo tempo a necessidade de liberdade, sem que a arte não existe, arrasta-o incessantemente, ainda debaixo das abobadas dessas cathedraes acolhem-no de uma maneira mui agradavel, a obras profanas em que as paixões mundanas reclamam o seu lugar. He esta uma face particular do caracter hespanhol, e que se encontra até no ultimo dia da sua historia. Calderon, com os seus *autos* mysticos e longos romances dialogados, he o producto brilhante das candidas contradições deste velho theatro.

He admiravel quanto este duplice caracter se vai tornando mais distincto de seculo a seculo! O primeiro periodo litterario succede a este periodo dos instinctos primitivos. O escriptor que o inaugura he um certo João del Encina, que florescia sob o reinado de Fernando e de Isabel; depois de uma vida agitada, tornou-se padre como Lopez da Vega e Tirso de Molina, como Calderon e Antonio Solis, e morreu em 1534 em Salamanca, em cuja velha cathedral se lhe vê o tumulo. Estes poetas dramaticos, revestidos do habito do padre ou do frade, não são raros na historia litterario da Hespanha. A maior parte da vida intellectual de João del Encina se passára a sombra da igreja; poeta, tinha ahi feito representar seus dramas; padre, exercia ahi o santo ministerio, e muitas vezes acontecia-lhe praticar estas duas funcções: á vista disso, não convinha que a cathedral de Salamanca lhe prestasse o seu ultimo asilo? As peças que fizeram a reputação de João del Encina são dramas religiosos. De ordinario o quadro he mui simples e a composição inteiramente infantil; pastores se reunem em torno do berço de Christo ou á porta do presepio; communicam uns aos outros a grata noticia, celebram a gloria do menino miraculoso e exprimem as emoções piedosas que os espectadores deviam sentir. Entretanto algumas vezes o poeta se vai enthusiasmando pouco a pouco; anima a scena e procura o interesse, se não na acção, ao menos na variedade das personagens. Assim, uma destas peças nos mostra dous eremitas que vão ao Santo Sepulcro e conversam sobre a morte de Christo com dor piedosa. Santa Veronica apparece e junta suas lagrimas ás queixas dot dous; chegam ao tumulo, ajoelham-se, e apparece um anjo que lhes annuncia a ressurreição proxima do Salvador. Não ha acção; são antes grupos do que dramas; dissereis algum quadro de fra Angelico cujas personagens tomam de repente uma voz. O merito destas obras infantis he a terna ingenuidade da inspiração. Pois bem, este mesmo poeta tão benigno, tão religioso nos seus dramas evangelicos, tambem escreveu peças profanas, e ora são estas chocarrices que mais tarde se tornaram os *entremezes* de Lopez e de Calderon, ora são aventuras romanticas, galantes historias d'amor como na obra que elle intitulou *Fileno e Zambardo*. Da inspiração monacal á inspiração mundana a distancia não era longa para poetas que obedeciam tão fielmente a todos os instinctos de sua alma.

Uma eventualidade litteraria que pertence ao periodo de João del Encina contribuio singularmente para derramar o gosto das pinturas profanas sem diminuir por isso o numero das peças religiosas: acabava de apparecer *a Celestina*, no anno de 1500, em Salamanca. Todos conhecem o caracter desta obra extravagante; conhecem-se as vivas cores com que elle pinta as loucuras, os desvarios, as miserias da paixão, de sorte que as vezes a gente se esquece do cynismo do assumpto para ver somente o espirito e a fina observação das particularidades. Já no seculo XIV João Ruys, o audacioso arcipreste de Hita, tinha tomado os mesmos quadros a uma comedia latina da idade media, comedia falsamente attribuida a Ovidio, e que antes recorda as lubricas invenções de Petrone. O autor da *Celestina* não poz em versos o *Pamphilus* que inspirára João Ruys; fez disto um romance, meio narração, meio dialogo, que exerceu grande influencia na litteratura dramatica. Ao passo que peças religiosas como as de João del Encina continuam a edificar os fieis na festa de Natal ou do Santissimo Sacramento, não deve admirar que os autores destes singelos *autos sacramentaes* comecem a pintar livremente todas as peripecias das aventuras galantes; a *Celistina* he que lhe ministra modellos. Comparai estes dramas de João del Encina com as composições do piedoso dominicano de Fiesole, o que he extraordinario para nós, e o que he todavia sem duvida hespanhol he ver reunidos n'uma mesma pessoa o pintor ingenuo da Italia do seculo XIV e o poeta licencioso do XVI, Organa e o cardeal Bibiena, fra Angelico e Machiavel!

Algumas vezes esta mistura, não só no mesmo escriptor, mas, o que ainda he mais notavel, na mesma obra. Gil Vicente a este respeito nos dá lições curiosas. Gil Vicente, poeta portuguez, pertence á historia do theatro hespanhol, e pela influencia que exerceu em Madrid, e pelas peças castelhanas que escreveu. Ao mesmo tempo autor dramatico e actor, obteve gloriosos triumphos nos fins do seculo XV, e elevou-se logo a uma reputação européa: Dizem que Erasmo aprendeu o portuguez unicamente para ler as suas comedias. Gil Vicente he o primeiro que deu o nome d'*autos* ás suas composições religiosas; fazia-as de duas sortes, umas — especies de eclogas sagradas como os dramas de João del Encina, as outras mais complicadas e representando allegorias mysticas. Ora, estas allegorias continham muitas vezes um amalgama singular do sagrado e do profano, da inspiração religiosa e das pinturas mundanas. Gil Vicente escreveu grande numero de comedias romanticas onde a influencia da *Celistina* he visivel. He este com effeito o momento em que o theatro secular começa a emancipar-se de dia a dia. Durante toda a primeira metade do seculo XVI, este theatro se desenvolve, se organisa e assegura a sua liberdade. Eis-aqui Torres Naharro com a sua collecção de comedias intituladas *Propaladia*, e Lopez de Rueda com as suas comedias, seus dramas e suas peças buffas (pasos). Antes que as investigações de M. de Schack tivessem revelado as obras de João del Encina, Torres de Naharro e Lopez de Rueda eram considerados como os fundadores do theatro hespanhol; Cervantes e Lopez da Vega mais de uma vez deram-lhe este nome, e ainda he desta maneira que os designa M. Ticknor, posto que elle tenha aproveitado não só das lições de M. de Schack, como de uma illustrada biographia de João del Encina, por M. Fernando Wolf. Se Torres Naharro e Lopez de Rueda não fundaram o theatro hespanhol, são elles ao menos que mais tem contribuido para emancipa-lo da tutella ecclesiastica. Não se encontra nas obras de Lopez de Rueda um só destes *autos* religiosos que eram a principal inspiração dos seus predecessores. Quererá isto dizer que as relações do theatro e da igreja vão ser interrompidas? Não certamente; e este he ainda um caracter particular da Hespanha. No momento em que o instincto dramatico recua os limittes do seu dominio, a igreja tem cuidado de não deixar desatar-se os laços que uniam a arte da scena á predica das cousas santas. O concilio de Toledo em 1565 e 1566, renovando as prescripções de Affonso X e do concilio d'Aranda, fixa mais regularmente o uso das representações sagradas: ninguem poderá mais representar *autos* nas igrejas sem que os tenha submettido á autoridade religiosa; as representações nunca terão lugar durante a missa, são prohibidas tambem em certos dias, por exemplo o dia dos Innocentes, e especialmente he vedado aos padres representar papel algum. Assim se exprime o concilio, mas tem cautela de não proscrever o uso dos dramas que podem reanimar por vivas imagens a piedade dos fieis. Ainda mais, dous annos depois, em 1568, a propria autoridade religiosa invoca este precioso soccorro: decide que « todos os annos na festa do Corpo de Deos, serão representados dous *autos* tirados da Escriptura Santa. »

He pois um facto estabelecido que os dous elementos do theatro hespanhol, a inspiração sacerdotal e a inspiração romantica, nascem, crescem, triumpham justos e que se por instantes a sua intimidade parece rota, em breve os laços são habilmente renovados. Ha nisto manifestamente um duplice instincto nacional a que os poetas satisfaziam. As vezes tambem os mestres da scena se serviam do drama religioso como de um meio para proteger a audacia das representações profanas; he assim que na segunda metade do seculo XVI os dramas religiosos, reservados até então ás igrejas e aos pequenos espectaculos forasteiros, passam para os verdadeiros theatros e se tornam uma das formas da litteratura dramatica. Não será esta precisamente a differença das *Comedias divinas* e dos *autos sacramentaes*? M. de Schack não sabe como deva explicar semelhante distincção; suppõe sómente que as *comedias divinas*, correspondiam aos mysterios e os *autos* á *moralidade* da idade media; mas porque razão estes dous generos não se desenvolveriam quasi ao mesmo tempo, como entre nós?

E ja que segundo M. de Schack as *comedias divinas* são muito posteriores aos *autos*, não será natural pensar que os *autos* representam especialmente peças representadas nas igrejas, ao passo que os dramas, tambem religiosos, porem mais complicados, mais litterarios, e executados nos theatros, tomavam o nome de *comedias divinas*? Que mais tarde o nome consagrado de *autos* tenha sido applicado a obras compostas para a scena, especialmente por poetas que eram, como Calderon, a personificação brilhante da idade media, — não penso que este facto tire nada a validade da nossa conjectura.

Como quer que seja, eis todos os elementos do theatro hespanhol reunidos pelo trabalho continuo do instincto e da imaginação popular: os successores de Torres Nabarro e de Lopez de Rueda se animam de hora em hora; outras tentativas de theatros seculares se operam em Sevilha, em Valença, em Madrid. A escola de Sevilha he uma escola illustrada que tenta imitar o theatro antigo; a escola de Valença tambem paocura novas emoções fora das tradicções nacionaes; mas nem uma nem outra, apezar dos homens de talento que as sustentam, não conseguem se fazer aceitar. Em toda a parte triumpham a inspiração irreligiosa e a inspiração romantica. Cervantes publica as suas novellas que serão para este theatro mais cultivado o que foi a *Celestina* para o theatro nascente, e as *comedias divinas* passam da sombra discreta do sanctuario á grande claridade da scena. Estes elementos ainda são mui confusos, assim como attestam as severas censuras de Cervantes á litteratura dramatica do seu tempo; mas emfim tudo está prompto, tudo se agita; o chaos só espera o sopro do espirito; Lopez da Vega e Guillen de Castro, Alarcon e Tirso de Molina, Moreto, Solis e Calderon podem apparecer.

Alguem muito se tem occupado com todos estes brilhantes poetas, particularmente com Lopez da Vega. Sem remontarmos até os dous volumes que lord Holland lhe consagrará em 1817, sem remontarmos até a biographia que um litterato consciencioso, M. da Beaumelle, inseria em 1822 nos *Chefs-d'Oeuvre des Theatres etrangers*, biographia bebida nas fontes e de que M. de Schack se servio mais de uma vez, os trabalhos não faltam em França, em Hespanha, na Allemanha, na Inglaterra, acerca do homem que Cervantes chama o *milagre da natureza*. Os poetas seus contemporaneos e aquelles que o seguiram immediatamente tem sido tambem o objecto de curiosas indagações; as lições enthusiastas de Guilherme de Schlegel deitavam os seus fructos, e o theatro hespanhol do seculo XVII, pelo que possue brilhante e mysterioso, aguilhoava a curiosidade dos historiadores litterarios. Não venho repetir o que ha sido dito aqui mesmo ou em outras paragens a respeito de Lopez e dos seus emulos; quero saber somente se o livro de M. de Schack modifica sobre alguns pontos os resultados adqueridos. A occasião he opportuna: M. de Schak he sem duvida de todos os criticos da nossa era o que penetrou mais adiante na obra do poeta de Madrid. Não se Lopez da Vega entre os seus contemporaneos, isto he, entre os seus admiradores apaixonados, contou muitos que tivessem lido ou visto representar os seus mil e quinhentos dramas, os seus quatro centos *autos*, e as suas innumeraveis chocarrices conhecidas sob o nome de *intermedes*; o que sei cabalmente, he que os trezentos dramas que nos restam do poeta, sem fallar em uns quinze *autos* e n'uma curta serie d'*intermedes*, so tem sido lidos todos por um mui pequeno numero de amadores intrepidos. Talvez fosse mais facil ver representar os mil e quinhentos dramas do seculo XVII do que ler no XIX os trezentos escapos ao naufragio; alem dos laços que unem o poeta aos homens da sua epoca, alem da communhão de linguagem, de recordações, de inspirações, que faziam de semelhante estudo um prazer sem esforço, apenas as obras de Lopez appareciam em scena, provocavam a curiosidade sympathica da multidão; hoje alguns dramas somente do prodigioso mestre se tem sustentado no theatro de Madrid, e se alguem quizer ler as suas obras impressas, será obrigado á procurar aqui e alli os tomos truncados, este no *Britsh Musum*, na bibliotheca imperial de Paris, aquelle outro em Madrid, em Sevilha, em Vienna, em Goetingue, em Boston. M. de Schack não desprezou nada para chegar ao fim da sua tarefa; vigilias, fadigas, viagens, sacrificios de saude e dinheiro, nada lhe póde embargar o ardor, e leu com effeito, leu, com a penna na mão, com a attenção de um navegante que marca todas as passagens dos mares inexploradas, leu os trezentos dramas ou comedias de Lopez da Vega. Ainda repito; quaes são os novos resultados deste laborioso inquerito?

A idea que domina toda a obra de M. de Schack, que he a sua inspiração continua, que lhe explica as exagerações e os erros, se pode resumir em poucas palavras. Segundo o escriptor allemão, so ha theatros verdadeiramente modernos, verdadeiramente originaes, dous theatros que exprimem com franqueza o genio nacional do paiz onde nasceram:—he o theatro hespanhol e o theatro inglez,—e o theatro hespanhol, em virtude da sua riqueza, do seu desinvolvimento completo em todos os sentidos, he mui superior de Shakspeare. Por tanto o theatro hespanhol he o primeiro de todos, e o homem que representa este theatro; o escriptor em quem se personifica esta gloria incomparavel, he Lopez da Vega. Tal he a these que sustenta M. de Ichack, tal he a inspiração das suas profundas indagações e analyses seductoras. Resumo a opinião de M. de Schack a fim de direnti-la mais precisamente. Para refutar os erros que M. de Schack misturou com as indagações de um valor inestimavel, fora mister recomeçar o seu livro, e esta comparação dos theatros de Inglaterra e de Hespanha exigiria volumes; quero ser claro sobre este assumpto, obscurecido pelo enthusiasmo irreflectido dos Allemaes, quero ser breve e preciso n'uma materia immensa. Ora M. de Schack, em consequencia da exactidão e imparcialidade da sua analyse, nos ministra amplamente materia para rectificar as suas theorias. Nunca houveram tantas lições luminosas sobre as obras de Lopez da Vega, nunca fora tão commodo penetrar na inspiração do grande poeta dramatico hespanhol, seguir-lhe os caprichos, medir-lhe a altura e a extensão. Estas analyses tão numerosas, estas citações tão bem escolhidas, he o systema mais completo que se possa desejar para pôr fim a este grande processo; so pediremos ao proprio M. de Schack os meios de combate-lo.

Suspeitava-se ha muito tempo que Lopez da Vega entre os prodigios da sua fecondidade, não se elevara uma so vez ao fastigio supremo da sua arte, que nenhuma das suas obras realisava a belleza maravilhosa em que a naturesa, interpretada pelo talento, torna-se um ideal sagrado, ao mesmo tempo charo e veneravel a todos os tempos, assim como a todos os paizes. Suspeitava-se que nesta phalange innumeravel de composições dramaticas não havia um *Othello*, um *Cinna*, uma *Athalia*, um *Egmont*, um *Wallenstein*. As analyses tão completas de M. de Schack ja não deixavam duvida alguma sobre este ponto. Certamente não me esqueço do respeito com que se deve fallar em um homem como Lopez da Vega; quando o vemos, durante meio seculo, de 1585 a 1635, alimentar a scena do seu paiz, despertar as emoções da multidão, sustentar uma admiração sempre ingente; quando vemo-lo juntar a este trabalho espantoso obras poeticas de toda a especie, poemas epicos, poemas didacticos, poemas comicos, epigrammas, satiras, tratados de meditação religiosa; quando vemo-lo continuar o Ariosto, lutar com a epopea italiana, escrever um poema sobre Maria Stuart, e sempre, em todos os assumptos, fallar uma lingua multas vezes carregada de cores, he verdade, mais cheia de vida, de suavidade e de mocidade, o espirito fica confundido diante da fertilidade de semelhante inspiração. Inclino-me, como Cervantes, diante deste *milagre da natureza*, mas recordo-me que Cervantes tambem censurou denodadamente em Lopez o emprego destes dous incomparaveis. Estou disposto, tanto quanto ninguem, a enthusiasmar-me por este engenho privilegiado, e admiro tudo quanto elle teria podido fazer: entretanto trata-se do que fez. « O que fez? diz M. de Schack; creou o theatro nacional, apresentou na scena, em centenares de obras-primas, todas as grandes recordações da historia d'Hespanha, chronicas, tradições, lendas, e fundou para sempre, pela magia da sua arte, o patriotismo soberbo dos seus concidadãos. » Que gloria admiravel, se fosse possivel concede-la a Lopez! mas não, elle não fez mais que submetter-se ao espirito do seu tempo, e vendo dominar o gosto romantico das cousas romanticas, poz em romance todas as tradições maravilhosas que lhe ministrava o passado do seu paiz. A materia estava em seu poder, a mais bella materia que em tempo algum tenha sido dada a um poeta, as immortaes recordações de uma cruzada de sete centos annos; se Lopez da Vega d'ahi houvesse tirado o grande drama, a grande tragedia, ao mesmo tempo hespanhola e humana, nacional e universal, não haveria um poeta que se comparasse a elle em toda a historia da poesia moderna. Preferio curvar-se ao espirito litterario da sua época, ao espirito prolongado da idade media, ao gosto das aventuras, das anecdotas, das sorprezas, da confusão, e esta grande tradição epica de que devera apoderar-se como senhor, não foi para elle mais que o quadro em que elle collocou os seus romances.

Ha no theatro de Lopez da Vega grande numero de dramas historicos que podem illudir á primeira vista. Quasi toda a historia de Hespanha desde a sua origem ministrou assumptos a esta imaginação prodiza. A *Amistad pagada* (a Amisade recompensada), são as lutas dos Celtiberos contra os Romanos; *el Rey Wamba* he o quadro das desordens que precederam a ruina da monarchia gothica; *el Postrer Godo de España*, que recorda o titulo de Roberto Southey (*Rodrigo, o ultimo dos Godos*), he uma especie de trilogia que representa primeiramente a historia de Rodrigo e Florinda, depois a invasão dos Mouros, e em fim a reconstituição de um reino christão no tempo de Pelagio. *El Primer rey de España* nos pinta os primeiros triumphos desta Hespanha christãa. Em *las Almenas de Toro* (*as Ameias de Toro*), vemos as contendas de Sanches Vallente e das suas irmãas, o assassinato do rei e alguns traços da historia do Cid; em *lo Cierto por lo Dudoso* (*o certo pelo incerto*), a rivalidade de Pedro Justiceiro e de Henrique de Transtamara. *El Milagro por los Celos* (*o Milagre do ciume*) narra a queda de Alvaro de Luna no tempo de João II; *el Piadoso Aragonez* (*o Aragonez digno de piedade*), a historia de Carlos de Vianna, suas revoltas, sua morte, apos da-qual Fernando Catholico se torna herdeiro d'Aragão. Lea-se *el Mejor mozo de España* (*o melhor filho da Hespanha*), e ver-se-ha o annuncio da futura grandeza de Fernando e de Isabel; *el Nuevo Mundo discubierto por Christobal Colon*, he a maravilhosa conquista do grande navegador Genovez. Em fim *la Vitoria del marques de Santa Cruz* he consagrada a um feito de armas em que Lopez da Vega tomou parte na sua mocidade. Eis as principaes peças historicas de Lopez da Vega, aquellas em que elle mais se esforçou para representar sob forma poetica os acontecimentos reaes, e ver-sa-ha que, desde os tempos primitivos até o meiado do seculo XVI, nenhuma epoca destes annaes, nem o periodo romano, nem o periodo gothico, nem a luta contra os Mouros, nem a anarchia da idade media, nem os principios da unidade moderna escaparam a esta imaginação intrepida. Ha nisto certamente uma serie de assumptos brilhantes, mas quasi sempre as aventuras romanticas e as peripecias extravagentes vem alterar a magestade da historia. São intrigas amorosas, princezas encerradas em masmorras, descobertas, sorprezas, tudo quanto póde ministrar occasiões propicias á altivez dos sentimentos cavalleiroses. Se o poeta se priva algumas vezes deste recurso, fiquemos certos ao menos que recorrerá ás anecdotas; em vez de larga pintura, encontraremos particularidades sem grandeza, e este drama com a sua vehemencia, com o seu brilhantismo, com as suas palavras energicas, com as suas situações singulares e notaveis, ja não será muitas vezes senão uma chronica dialogada. O que faltará sempre a Lopez da Vega he esta potente unidade que concentra os raios n'um ponto e crea um figura immortal. A colera de Achilles *dirigida com arte*, como diz Boileau, encheu todo a Iliada; Lopez da Vega desconfia da sua arte, gosta demasiadamente de narrar, accommoda-se com muita facilidade ao gosto do seu paiz e do seu seculo. As suas chronicas e biographias dramaticas scintillam bellezas de segunda ordem; mas por ventura o poeta permittirá que se perceba nellas uma só destas concepções vigorosas que são a suprema grandeza de *Hamlet* e de *Cinna*, de *Macbeth* e de *Athalia*?

(*Continuar-se-ha.*)

VARIEDADES.

O PODER DA INDUSTRIA.

O mundo novo e mundo velho.

Ha vinte annos existia no condado agricola de Wiltteshire, na Inglaterra uma pequena villa, que ninguem conhecia, habitada por algumas familias dadas a agricultura, as quaes alli viviam e alli morriam, desde remotos tempos, entregues aos trabalhos do campo, lavrando, ceifando e colhendo trigo, luzérna, trevo e batatas, e tão estranhas a vida intellectual como os vegetaes ou os animaes que respiravam o mesmo ar puro e bebiam da mesma agua limpida. Davam-lhe o nome de Swindon: ainda hoje existe esta pequena villa, e o viajante que se dirige de Londres para Bristol pelo caminho de ferro Great-Western, avista as suas choupanas afumadas e cobertas de amarellentos colmos. Esta povoação he hoje o que sempre foi, e se as gerações passadas volvessem a vida reconheceriam alli o berço da sua infancia e a terra que regaram como o suor do seu rosto: a unica differença he que agora chamam-lhe Old Swindon, a velha Swindon.

E de feito esta povoação envelheceu repentinamente: em quanto o mundo progredia, ella ficou o que era e o que tinha sido, e quando o mundo novo, a sociedade moderna se aproximou della conduzida triumphalmente na locomotiva e percorrendo 80 kilometros por hora, acharam-na tão velha, tão decrepita, tão longe do movimento das novas idéas que foi mister abandona-la para ao pé levantar uma cidade nova, alegre, sociavel, e reunindo as condições exigidas pela moderna civilisação; esta cidade levantava-se para ser a estação do Great-Western.

Quando o comboy chega impellido por toda a força do vapor a Nova-Swindon, os empregados repetem de um a outro extremo da estação; Swindon! mudança de carruagem para Gloucester, Cheltenham e para a Galles do Sul. Dez minutos de demora!...

Dez minutos não bastam para examinar e observar as grandezas da Nova-Swindon, por isso deixaremos o comboy voar ao seu destino, e nós vamos estudar como he que se funda uma cidade no seculo XIX.

A companhia do Great-Western estabeleceu na Nova-Swindon o seu principal deposito de locomotivas, bem como as officinas necessarias para o fabrico e reparação das suas immensas machinas. As locomotivas deste caminho de ferro são as maiores, e de mais força até hoje conhecidas; porque este caminho difere dos outros em que o espaço entre os dous carris da mesma via he de 7 pes inglezes, em vez de 4 pés e 8 pollegadas e meia. Uma destas locomotivas o *Lord of the Isles* (o lord das ilhas) esteve na exposição universal de Londres: he uma machina da força de quasi mil cavallos, que poe em movimento um comboy de cento e vinte toneladas com a velocidade de 80 kilometros por hora. Esta locomotiva pesa 31:000 kilog. e quando as caldeiras estão cheias e as fornalhas com o necessario carvão, o seu peso he de 35:000 kilog. O wagon de abastecimento que o acompanha pode levar perto de 70 hectol de agua e 1:500 kilog. de carvão. Este tender e a locomotiva pesam mais de 50 mil kilog.

O diametro das rodas do *Lord of the Isles* he de 8 pés inglezes, e o comprimento total da machina 24 pés. Comtudo a companhia possue outras destinadas exclusivamente a rebocar os comboys de mercadorias, cujas dimensões são ainda mais extraordinarias.

As officinas de serralheria da companhia occupam um espaço de quatorze a quinze geiras. O primeiro edificio, que attrahe a vista he um immenso telheiro com mais de 500 pés de comprimento, onde podem accommodar-se 50 locomotivas com os seus tenderes, ao lado está um edificio que pode dizer-se o hospital do estabelecimento, he para aqui que são conduzidas as desgraçadas victimas da idade e dos desastres do caminho. Estão sempre aqui 40 ou 50 locomotivas em concerto: varias vezes he um tubo da caldeira, que he mister substituir, outras he a grelha das fornalhas que precisa ser concertada, ou uma roda que carece de reparo, um cylindro ou um piston que se desconcertaram. Em pequena distancia outro edificio serve para guardar as novas locomotivas, que ainda não se estrearam, umas garridas e esbeltas, adornadas de brilhantes cores envernisadas, outras, e destas he o maior numero ainda em embrião passando pelas differentes phases da sua formação. Estas aguardam que lhes mettam as rodas, aquellas que montem os cylindros, umas esperam que lhes ponham as grades, outras só lhes falta a chaminé de cobre polido.

Bor detraz destes tres edificios, um outro construido com maior solidez, he destinado a officinas; aqui milhares de operarios torcem, encurvam, ligam furam dilatam, ou comprimem com a força dos seus nervosos braços gigantescas massas de ferro, que semelham outras tantas fornalhas abrazadas; aqui a vista perde-se por entre um labyrintho de assombrosas machinas. Basta dizer que neste antro de Vulcano não existem menos de noventa e seis forjas, fornos ou fornalhas, cento e cincoenta machinas para cortar, aplainar, tornear, cylindrar, etc., etc., e dous valentes malhos a vapor que com uma só pancada achatam uma grande massa de ferro ou abrem com summa delicadeza um avellã.

Porém o que talvez mais deve sorprender, he o grande trabalho que alli se faz sem o estrepitoso martelar de outr'ora; formidaveis machinas apertam, amalgamam a massa de ferro sem estrepito, depois estendem-na, encurvam-na, amoldam-na como he mister antes de ir para as mãos do operario. Porém deixemos este expectaculo do trabalho na sua maior acção, e vamos visitar as habitações desta colonia de operarios.

A compainha do Great Western construio, em conveniente distancia da estação, umas duzentas e cincoenta casas que aluga aos operarios e aos seus empregados, por tal fórma que a velha Swindon permanecera como uma memoria das éras, que já la vão, como uma memoria, no meio do mundo novo, porque a desampararam, porque não quizeram sobre as suas ruinas levantar a nova povoação, para que não accusassem a industria de accumular os operarios n'um lugar infecto e insalubre.

A Nova Swindon não he uma linda cidade; mas he perfeitamente acommodada ás necessidades dos seus habitadores. No meio de uma praça que fica no centro da povoação levanta-se um templo construido no estylo vulgar na Inglaterra no seculo XV, e a que chamam Isabeltuo. N'um dos lados da praça ha uma escola para rapazes e outra para raparigas. A casa que fica um pouco mais adiante, no centro de um jardim he a residencia do cura; e as duas que além estão entre flores e arbustos pertencem, uma ao director da estação e a outra ao director das officinas. Todos estes edificios são de architectura igual á da capella.

As ruas são symetricamente abertas, formando um parallelogramo oblongo, e deram-lhes os nomes das principaes terras ou estações com que o Great Western communica. Temos pois primeiro a rua de Londres e a de Farrington, depois as de Oxford, Exeter, Taunton, Bristol, Bath, etc. Em cada casa reside uma familia, e possue um pequeno jardim que faz frente para a rua; uma passagem aberta entre cada duas fileiras de casas, communica com as portas trazeiras, de fórma que por alli se faz todo o serviço e despejo das casas, ficando as ruas principaes inteiramente livres dos inconvenientes que d'ahi podiam resultar.

A companhia he não só liberal, mas he tolerante, a pouca distancia do templo do rito anglicano, mandou construir duas capellas, uma para os methodistas e outra para os baptistas, e toda esta gente vive em paz, porque o trabalho não deixa tempo para perder na discussão das preferencias desses diversos cultos.

O edificio mais importante que logo depois se encontra he o hotel, hospedaria, a que chamam o hotel da Locomotiva; difficilmente se lhe acharia uma denominação mais adequada. Ha nesta hospedaria uma sala bastante espaçosa para ahi se levantar um theatro, onde se representam algumas comedias de costumes, com que se entretem as mulheres e os filhos dos grosseiros operarios de Swindon.

Os empregados da companhia e os operarios, contribuiram para se formar uma bibliotheca n'uma sala proxima das officinas. Com a protecção da companhia, conseguiram juntar uma importante collecção de obras de litteratura, de historias, de viagens, de historia natural, e principalmente de mechanica.

Quinhentos operarios subscrevem para a manutenção da bibliotheca, que possue ja 4,000 volumes: e além disso he assignante de quarenta publicações periodicas; he nesta bibliotheca que os mais intelligentes e industriosos passam o tempo que lhes sobra dos seus rudes misteres.

De vez em quando, esta associação cede a sua sala a varias sociedades musicaes, que alli dão concertos. A gente da Nova Swindon gosta muito de musica, pois que não possuem menos de seis sociedades phylarmonicas. Quando he mister appellar para a caridade publica, em favor de algum infortunio, n'um abrir e fechar de olhos se organisa um concerto, abrem-se todas as bolsas, e o producto da festa vai até ao ultimo penny levar o consolo e o allivio a algum infeliz.

Além destas associações destinadas ao prazer e á caridade, ha outras, cujo objecto são as discussões scientificas, o ensino mutuo, e o progresso dos conhecimentos em mechanica, estatistica e desenho. He grande o futuro da Nova Swindon, e provavelmente assistirá ao completo desmoronamento da velha Swindon, cuja memoria em breve se esquecerá; pois que não são menos de 350 as creanças dos dous sexos, que frequentam as escolas communaes. São na maior parte os filhos dos empregados e dos operarios da companhia.

Todos estes milagres se fizeram no espaço de dez annos, porque antes disso não havia uma só choupana no lugar onde hoje existe a nova povoação.

Outr'ora as cidades edificavam-se á sombra das altas muralhas de algum castello, propriedade do barão, que se dizia senhor dos terrenos, que alcançava com os olhos do alto do seu castello. Tambem se construiam em redor dos conventos ricos, ou das cathedraes, e ahi as casas agglomeravam-se, apinhavam-se umas sobre as outras, pequenas e humildes como o vassallo ao pé do seu senhor; porque todos accudiam a buscar o apoio e a protecção do senhor feudal, e quanto mais proximos estavam do seu solar, mais seguros se julgavam. Nestas épocas o direito era a força; e o senhor opprimia e avexava os que não reconheciam a sua soberania.

Hoje existe o direito; se ás vezes he calcado aos pés, não he isso como outr'ora o resultado de um principio generico, he uma excepção, e por isso mais tarde ou mais cedo triumpha.

A unica soberania he a soberania nacional: a associação substituio o protector clerical ou secular, e apezar disso, o individualismo he bastante forte, para que o homem goze da sua liberdade de acção, e da sua propria independencia. He por isso que a sociedade progride, e que mao grado do vozear interesseiro daquelles que desejam ressuscitar o passado, ella segue o seu caminho, deixando-os na retaguarda, estacionarios e esquecidos.

Tempo virá em que pasmarão de ver, que o seculo passou por junto delles e os deixou no caminho, sem para elles olhar sequer, e que junto da velha Swindon surgio, como por encanto, a Nova Swindon.

T. N. *Bénard.*
R. G.
(*Jornal do Commercio* de Lisboa.)

SARAH MARTIN.

Caister he uma pequena villa do condado de Norfolk, situada a tres milhas de Yarmouth, um dos portos mais frequentados de Inglaterra, e que por muito tempo tem sido ponto de um contrabando activo. Nesta villa vivia, ha 40 annos, uma pobre viuva, chamada Beunett, fabricante de luvas, quasi septuagenaria, e que subsistia do trabalho de suas mãos, e de uma pequena renda de 300 francos aproximadamente. A filha desta obreira havia desposado um tal Martin, que possuira uma pequena loja na villa; maso marido e a mulher tinham morrido ambos muito moços, deixando uma unica filha, que a velha avó recolhera e educára. Sarah Martin, era o nome da orphãa, que sua avó mandára á escola para aprender tudo quanto se póde ensinar em uma villa; mais tarde, a leitura fortificou a sua instrucção.

Quando tinha 14 annos, foi posta de aprendiz, por espaço de um anno, em casa de uma costureira. Agradavel, simples e modesta, não tendo belleza nem em que occupar os seus cuidados, empregava-se sómente em aprender o seu mister, e bem depressa se fez uma habil costureira. Em consequencia disto, o trabalho nunca lhe faltava, uma vez que ella se occupasse todos os dias. Durante a semana, alegre e contente, levantava-se com a aurora, punha em ordem o seu aposento, abraçava sua avó, e fosse qual fosse o tempo, debaixo de chuva, de vento e de neve, partia para Yarmouth. Percorria tres milhas antes que chegasse ao armazem, e outras tantas na volta. Andava esta distancia com passo ligeiro, e o contentamento interior que produz sempre o trabalho e a boa conducta. No domingo, depois do serviço divino, chegava muitas vezes a fazer a classe ás crianças pobres, ou ia ao *workhouse* mais proximo ler a Biblia aos enfermos e doentes. Era effectivamente uma creatura piedosa, ligada a todos os seus deveres, e sempre occupada na sua salvação e na do proximo. Todas as vezes que entrava em Yarmouth, passando pelos sombrios muros da prisão da villa, não podia deixar de pensar nos pobres presos, excluidos da sociedade que haviam offendido, e privados da instrucção religiosa, que unicamente os podia consolar. Desejava poder penetrar onde elles estavam, e ler-lhes a Escriptura Santa.

Havia 3 annos, que Sarah Martin exercia assiduamente o seu mister de costureira; tinha por consequencia 28 annos, quando em agosto de 1819, presenciou um acontecimento tragico, que se passava em Yarmouth. Uma mãi, em accesso violento de cholera, castigava cruelmente seu filho. Os vizinhos haviam corrido aos gritos da pobre criança, e tinham com grande difficuldade conseguido arranca-la cheia de sangue das mãos de sua mãi. Depois de presa fora esta conduzida á cadeia de Yarmouth. As circumstancias deste facto emudeceram todos aquelles, que o presenciaram, mas ninguem sentio uma impressão mais viva do que a joven costureira. Seu coração se comprimio, e, dominada pela sua commoção, perguntou *qual era o nome da culpada*, e conservou esse nome na memoria.

Um unico pensamento occupava effectivamente o espirito de Sarah Martin; como podia uma mãi deixar de ter compaixão do fructo das suas entranhas? A que degradação moral não acarretava este crime contra a natureza! Era necessario que esta mulher nunca tivesse sido instruida dos deveres de christãa; que nunca tivesse ouvido a palavra de Deos, para assim ultrajar os sentimentos naturaes do seu sexo, e para ser surda ao grito do amor maternal. Qual seria o deploravel estado de uma alma desta maneira affastada do verdadeiro caminho? Poderia ella jamais voltar-se para Deos? E se escapasse a dureza do coração, não sentiria um remorso sem esperança? Sarah sentio um irresistivel desejo de tratar com esta mulher, afim de sondar o seu coração e abrir o seu espirito ás luzes e ás consolações do evangelho. Pensava com acerto, quando suppunha, que a entrada na prisão lhe seria recusada, mas um irresistivel impulso a guiava. « Não dei, diz ella, as minhas intenções a saber a pessoa alguma, nem mesmo a minha querida avó, porque temia fazer nascer alguma opposição, ou ouvir tratar o meu projecto de quimerico. Guiando-me Deos, consultei unicamente a minha vontade. » Dirigio-se, pois, á prisão, e timidamente pedio permissão para ver a mãi desnaturada. A licença foi-lhe effectivamente recusada. Sem desanimar, Sarah Martin insistio, e por fim conseguio. Conduziram-na á presença da mulher, que desejava ver. Esta, de principio, manifestou extrema sorpreza; mas quando Sarah lhe fez saber o motivo da sua visita, e lhe fallou do seu crime, e da necessidade que tinha da Misericordia Divina, aquella desgraçada, banhada em pranto, offereceu-lhe os seus agradecimentos. Sarah, então abrio a sua Biblia, e para animar a culpadr, leu em voz alta o capitulo XXIII de San Lucas, historia do malfeitor que, ainda que justamente punido pelo julgamento dos homens, encontrára a graça diante do Salvador.

Esta primeira visita decidio da vocação de Sarah Mantin; havia sido bem acolhida, onde podia encontrar irrisão e talvez o insulto: vendo correr lagrimas a uma simples insinuação, entendeu que este successo lhe apresentava o caminho que devia seguir, e lhe impunha novos deveres. Renovou, pois, o seu procedimento, para fortalecer a converção que já havia operado; depois dirigio-se a outros presos, e consagrou a esta visita os curtos intervallos de descanço, que o seu trabalho lhe deixava; lia a Biblia aos presos, escolhia as passagens proprias para lhes fazer impressão, ou que diziam respeito ao estado da sua alma; depois, para remediar a sua extrema ignorancia, propoz-se a ensinar-lhes a ler e escrever, mas as suas curtas visitas não eram sufficientes! Sarah sahio desta difficuldade sacrificando-lhes uma parte do seu tempo! Pensei, dizia ella, que seria conveniente que eu voltasse um dia por semana ao serviço dos presos. Votando-lhe, pois, regularmente um dia e muitos outros, não senti nenhuma contrariedade pelo prejuizo que d'ahi me resultava; ao contrario, tinha grande satisfação porque a benção de Deos estava sobre mim!

Apezar das prescripções da lei, não havia então na prisão de Yarmouth nem instituidor para instruir os presos nem capellão para lhes pregar a palavra de Deos. Os presos passavam o seu tempo a jogar ou a conturiar; não se ouviam senão juras, improperios, gritos e injurias. Todos estavam reunidos, e os mais depravados acabavam de corromper aquelles, que não haviam feito mais do que debutar no caminho do crime; os parentes e os amigos dos criminosos eram admittidos a visita-los quasi a toda a hora. Foi ao abrigo desta falta de regularidade, que Sarah Martin obteve entrada na prisão, podendo alli voltar tão frequentemente. Mais tarde, o bom resultado das suas visitas e a salutar influencia que ella exercicia sobre os presos, lhe abriram todas as portas; Sarah occupou-se então de restabelecer as orações do domingo, completamente esquecidas. Isto foi objecto de longas e pacientes negociações; afinal, Sarah dicidio os presos a assistir no domingo pela manhãa e de tarde, a uma leitura piedosa, que devia ser feita por um delles. Não tardou em reconhecer, que não podia contar com a exactidão dos presos, e para se assegurar do cumprimento deste dever, impoz-lhes a obrigação de assistir regularmente ao serviço no domingo pela manhãa. Mas a leitura da tarde, que tinha lugar na sua ausencia era desprezada, e dentro em pouco descontinuada; Sarah, sempre infatigavel, tomou o partido de assistir igualmente ao serviço da tarde.

Os dous officios do domingo reduziam-se então á leitura de alguns capitulos da Biblia. Como naquella prisão, quasi inteiramente povoada de contrabandistas, malfeitores, domesticos condemnados pelo roubo, marinheiros entregues a embriaguez e mulheres publicas, não fosse possivel encontrar um preso que estivesse habilitado a ler em voz alta, Sarah Martin tomou sobre si o encargo de leitora. A Biblia, Sarah substituio, e juntou como objecto da leitura os sermões que extrahia dos autores ecclesiasticos. Mas estes sermões eram raras vezes apropriados á intelligencia, as necessidades moraes e á situação dos presos. No fim de alguns annos, Sarah, cada vez mais familiarisada com a obrigação a que se havia ligado, tomou o partido de escrever todas as semanas o sermão que devia ler no domingo. Era esta seguramente uma ardua tarefa para uma mulher, a quem, faltando quasi a instrucção, apenas podia ser inspirada pela sua ardente caridade; mas este não foi o ultimo melhoramento feito por Sarah. Depois de 5 annos deste trabalho, entendeu que estava habilitada a improvisar os seus sermões: « a graça de Deos, dizia ella, me permittio poder dirigir a palavra aos presos, sem escrever antecipadamente o que devia ler, simplesmente, segundo os escriptos santos. » Sarah, com effeito, impoz a si propria a obrigação de ler completamente a Biblia quatro vezes por anno. Havia redigido para seu uso uma tabella analytica da Escriptura, e o commercio continuo com os livros santos tinha esclarecido um pouco as suas idéas e linguagem. Vejamos qual o juizo que em 1836 o inspector das prisões fez em um relatorio official, ácerca dos sermões de Sarah Martin.

« No domingo, 29 de novembro de 1835, assisti ao officio divino na prisão de Yarmouth. Estavam presentes unicamente os presos. Uma mulher, que me disseram ser da villa, preenchia as funcções de ministro; sua voz era singularmente melodiosa; sua expressão assentuada e a pronuncia extremamente correcta. O serviço era conforme a litturgia da igreja: os presos cantaram dous psalmos com uma união notavel, muito melhor do que jamais havia ouvido em nenhuma das mais bem organisadas igrejas. Aquella mulher lhes lia então um discurso da sua propria composição: este discurso, puramente moral, sem tratar de nenhuma outra doutrina, pareceu-me excellentemente apropriado ao seu auditorio. Os presos pareceu-me tomarem interesse no serviço; pelo menos prestavam intima attenção, e a sua apparencia era reservada e respeitosa. Depois do meio dia ella leu de novo aos presos o officio da tarde. »

Havia 12 annos que Sarah Martin exercicia o seu apostolado voluntario entre os presos de Yarmouth, quando o capitão William assistio ao seu sermão. Ella tinha adquirido então um perfeito conhecimento dos habitos e do caracter das pessoas a quem tinha de dirigir-se: a longa pratica lhe tinha ensinado a maneira porque devia fallar áquellas naturezas grosseiras e depravadas, e o caminho que devia seguir para convence-los. Empregava ao mesmo tempo na direcção daquellas almas, as qualidades naturaes do seu sexo, o tacto, a finura instinctiva e a arte. Mas, não póde duvidar-se que era sobretudo uma fé viva e uma vizivel caridade, que transformava em pregador habil aquella filha do campo. Era o assento do coração que dava á sua palavra o poder de commover; era a perfeita sinceridade, a profunda convicção de christãa, que inspiram confiança na Misericordia Divina áquelles entes desregrados, e os rehabilitava ao arrependimento.

Sarah Martin não se limitou ás allocuções piedosas, nem á leitura da Biblia. Bem depressa adquirio a convicção de que a ignorancia era frequente causa da depravação, e emprehendeu ensinar a ler a todos os presos ignorantes; na sua ausencia fez-se substituir pelos presos mais instruidos. Logo que um preso sabia ler, engajava-o a saber de cór alguns versos da Biblia e se se suscitava alguma duvida sobre a utilidade desta pratica, Sarah Martin respondia pelo seu proprio exemplo ou pelo menos recommendava um ensaio. Depois da leitura seguia-se a escripta, e todos aquelles, que sabiam escrever faziam extractos das brochuras religiosas e de livros instructivos que Sarah lhes emprestava ou fazia emprestar. Sem nenhuma outra autoridade além da persuasão Sarah Martin chegou ao termo de todas as objecções, a de todas as resistencias; viam-se os mais endurecidos criminosos conformar-se com docilidade ás suas recommendações.

Sarah Martin entendeu que o trabalho era um indispensavel meio de moralisação. Durante o seu apostolado, algumas pessoas caritativas lhe haviam dado quarenta francos aproximadamente para applicar em interesse dos presos.— Occorreu-me desde logo, diz ella, a ideia de empregar aquella somma em comprar objectos para costura, e immediatamente puz mãos á obra; consegui modêlo,s talhei as peças, e fixei os preços; por este meio muitas raparigas aprenderam a coser, e as que eram industriosas e economicas poderam reunir, um pequeno peculio, para quando sahissem da prisão. Este fundo, que Sarah obteve, augmentou pouco a pouco, e Sarah pondo conseguir trabalho não só para as mulheres como para os homenes. Estes entrançavam chapéos de palha, faziam pequenos objectos de osso, ou artigos de vestir. Sarah recebia com verdadeira satisfação quaesquer pedaços de estofo, que as pessoas caritativas punham de parte para lhe entregar, os quaes ella applicava aos usos, e instrucção dos presos. Empregava as creanças em fazer camizas com aquelles pequenos retalhos, com o fim unico de as ensinar a coser, e para as arrancar da ociosidade. Um pouco mais tarde Sarah Martin empregou uma parte do dinheiro, que lhe era mandado, em procurar trabalho aos presos, depois de recobrarem a sua liberdade, afim de prolongar a vigilancia, que desejava ter sobre a sua conducta, e evitar-lhes a repetição do crime.

Desta maneira, fóra de todas as preoccupações da educação, e de todos os exames theoricos, a frequencia assidua dos presos, o estado diario das suas necessidades, e a experiencia haviam levado uma pobre costureira a resolver esse problema tão difficil da regeneração dos criminosos. O ensino da verdade religiosa, a cultura da intelligencia, e o trabalho, tal era a serie de meios, que Sarah havia procurado empregar para mudar gradualmente uma mal para o bem. Coroava o seu trabalho, fazendo succeder a expiação uma protecção, que adoçasse ao que obtinha a liberdade, as prmeiras amarguras da sua entrada na sociedade.

Mas Sarah Martin não era unicamente admiravel pelo bem, que desta maneira fazia;—era-o pelos sacrificios pessoaes, a que se sujeitava, e pelo preço *porque os punha em pratica*. Tres annos depois da sua primeira visita á prisão tinha infelizmente perdido sua avó; então deixou a villa, em que habitava, para vir alojar-se nas vizinhanças de Yarmouth. Uma senhora caritativa lhe dava todas as semanas o valor de um dia de trabalho; era este, assim como a pequena renda de trezentos francos que herdara, o unico recurso de Sarah Martin. Effectivamente, as suas visitas á prisão haviam prejudicado as suas occupações ordinarias, e a sua clientella, como costureira, desappareceu quasi inteiramente; vio-se collocada na alternativa de renunciar a obrigação, que se havia imposto, ou de lhe faltar muitas vezes o necessario. Fez pois a escolha, e agora citaremos as suas proprias palavras:

« Quando todo o meu tempo estava occupado com as minhas obras de costura, tinha tambem cuidado e apprehensões no futuro. Mas, logo que esse trabalho me faltou, cessaram os meus receios. O Senhor havia dito, chamando-me para a sua vinha: « Eu te darei tudo, quanto te fôr necessario.» Pela minha parte, tinha lido nos livros da verdade, que com o seu auxilio nada faltaria. Deos era o meu patrono, e elle não podia abandonar a sua serva; era o meu pai, e elle não podia esquecer a sua filha. Sabia tambem que elle julgava algumas vezes conveniente experimentar a fé e a paciencia dos seus servos, limitando-lhes singularmente os seus recursos. Vejamos Ruth, e Noemi, Eliê, e a viuva Sarepta; e, pensando nestas provas, sentia a minha alma transportada por uma energia sobrehumana, porque havia calculado quanto me custaria, e a minha resolução estava tomada. Se, fazendo conhecer a verdade a meus irmãos, me achava em luta com certas necessidades materiaes, este soffrimetno passageiro e individual não podia estar em parallelo com a felicidade, que experimentava de trabalhar para a salvação do meu proximo, e o bem que dahi resultava.»

Esta alma heroica, que tão corajosamente comprava, a preço de soffrimentos e de privações, o direito de fazer o bem, alcançava pelo menos a recompensa, ambicionava; o seu sacrificio não foi esteril. O seu desinteresse era tão manifesto, sua sinceridade tão evidente, sua caridade tão infatigavel, que os mais endurecidos malfeitores sentiam por ella um invencivel respeito. A sua bondade domava aquelles, que os seus discursos não convenciam. O seu desejo era mais obedecido, do que os mais severos regulamentos, e as mais rigorosas ameaças. Apenas o mais pequeno facho de luz apparecia em uma alma, logo Sarah Martin se apresentava, inspirando-lhe a confiança, que havia sido recusada aos outros, arrancando-lhe os ultimos escrupulosos, e fortalecendo-lhes as boas resoluções. Os apontamentos que havia guardado acerca dos presos de Yarmouth, durante o espaço de 20 annos, mostram quantos desses malfeitores sahiram da prisão completamente reformados, e depois viveram como pessoas honestas. Quando recobravam a sua liberdade, procuravam Sarah Martin, ou lhe escreviam, para a pôr ao facto da sua conducta para lhe agradecer os seus beneficios, e para lhe dar parte das suas esperanças. Mais um delles depois de solto, deveu effectivamente á instrucção, que havia adquerido na prisão, os meios de entrar em uma carreira, e de chegar a viver commodamente pelo seu trabalho. Todos aquelles que podiam, não deixavam jamais de lhe enviar alguns pequenos presentes em testemunho do seu reconhecimento.

Desde o mez de agosto de 1819, Sarah Martin consagrou inteiramente a sua vida á obrigação generosa, a que se havia ligado. Sarah passava todos os dias seis ou sete horas com os presos, a exorta-los, a instrui-los, a dirigir ou vigiar seus trabalhos. Quando sahia da prisão, ia visitar os doentes indigentes, quer fosse na casa dos pobres, quer fosse na cidade. Duas noites por semana fazia a classe em uma igreja as crianças occupadas nas officinas, misturando o seu ensino de instrucção familiar, áquelles que explicavam as verdades da religião, e os deveres da moral. Muitos mestres não deixavam de conduzir seus discipulos á igreja, para os fazer aproveitar aquellas lições não só engenhosas, mas solidas. Terminada a classe, Sarah não deixava os seus educandos, estava sempre prompta para ouvir as suas confidencias, ministrar-lhes os seus conselhos, e occupava-se em procurar-lhes o trabalho, ou assegurar-lhes a protecção. Se alguns momentos lhe restavam livres, visitava as pessoas caritativas de Yarmouth para reclamar o seu apoio, e para receber o que lhe tivessem preparado; livros piedosos, brochuras instructivas, moldes de fato, objectos usados e retalhos, nada recusava certa de que tudo se aproveitava no serviço dos desgraçados, a favor de quem votara a vida.

Era unicamente a noite, depois de quebradas as forças, que Sarah voltava ao seu modesto alojamento. Então tomava uma refeição, e por fim occupava-se de si. Vivia em uma pobreza absoluta, e muitas vezes lhe teria faltado o necessario, se os protectores não occorressem em partes ás suas precisões. Mandavam-lhe vestidos, roupa, e algumas vezes os proprios alimentos: era porém necessario especificar cuidadosamente, que aquellas remessas eram destinadas ao seu uso pessoal; se assim não fosse, Sarah nunca deixava de os dispor a favor dos pobres. Quanto as subscripções particulares, que algumas pessoas lhe remettiam, as pequenas sommas, que depunham em suas mãos, Sarah Martin conservava dia por dia uma rigorosa conta da sua applicação. Este dinheiro era distribuido em esmolas, ou servia para a compra de Biblias e outros livros que Sarah destinava ao uso dos presos.

Algumas tentativas se fizeram de diversas maneiras, para lhe fazer aceitar um subsidio pelos fundos municipaes. Aquella nobre mulher havia sempre recusado essas propostas com extrema vivacidade. O segredo de qualquer successo, dizia ella, está no ca-

MUTILADO

racter desinteressado do seu desenvolvimento ! A menor remuneração tirava toda a força da sua voz: as suas exhortações não seriam, senão o cumprimento de um mandado salariado. A este respeito escrevia : « Prestando-me a um arranjo, que eu considero como contrario ao interesse dos presos, encorreria no desagrado de Deos, os reproches da minha consciencia, por toda a parte me seguiriam. Quanto á minha posição, tenho tudo quanto me he necessario, e acho-me sufficientemente contente.» No entretanto a commissão das prisões conseguio triumphar das recusas de Sarah Martin, mas foi unicamente por meio da violencia : notificou-lhe que a autorisação para entrar na prisão não lhe seria conservada, senão com a condição de aceitar uma retribuição. Este procedimento brutal, e a cifra irrisoria do abono (300 francos por anno) dão uma triste idéa da intelligencia e da delicadeza do magistrado de Yarmouth. Era antes uma estranha aberração de espirito, do que a idéa de pagar serviços de semilhante natureza ; estima-los em tal preço era o cumulo do insulto. A alma verdadeiramente christãa de Sarah Martin elevava-se ácima do seu ministerio ; via unicamente o bem, que tinha a fazer, e continuava a sua obrigação, como antes da remuneração municipal.

Inteiramente os dias de Sarah estavam contados ; antes de concluidos dous annos depois deste incidente, em consequencia do inverno de 1842, foi presa de uma extrema fraqueza, á qual succederam intensas dores. No dia 17 de abril de 1843, fez a ultima visita aos presos, e depois de haver jazido 6 mezes no seu aposento solitario, victima de grandes soffrimentos, que unicamente o opio podia calmar, deixou de existir a 15 de outubro. A sua occupação, durante a enfermidade, tinha sido compôr versos religiosos, dos quaes alguns foram colligidos e publicados. Aceitou a morte como um alivio, agradecendo a Deos.

Em conformidade com a sua ultima vontade, foi enterrada no territorio da sua villa, ao lado de sua avó, e na pedra, que cobrio o seu corpo, foram gravados sómente o seu nome, a idade, e a epoca da sua morte. Os habitantes de Yarmouth nunca cuidaram em perpetuar com o mais insignificante monumento a lembrança daquella que no meio delles havia dado o exemplo de tantas e tão eminentes virtudes ; parece que não haviam percebido « que um justo sahira deste mundo. »

Se temos narrado esta nobre vida, he antes para apresenta-la á admiração, do que á imitação dos homens ; porque um juizo raro, faculdades eminentes e uma eloquencia natural, unidos em um grande coração, guiaram uma simples costureira a resultados, que excedem os que os philosophos ousaram prometter, posto que não julgassem, que o mais sincero zelo fosse sufficiente para transformar os elementos criminosos da sociedade. Não nos fundamos em um exemplo isolado, para pedir, que se abram as prisões a todos aquelles, que uma vocação bem ou mal entendida levem a modificar a opinião dos presos. Da narração, que acabamos de fazer, tiramos a unica conclusão legitima, de que um máo resultado, tão frequente como inevitavel, frustra-se pelos mais bem dirigidos esforços. A França não tem ainda emittado o exemplo de Inglaterra, concorrendo para a regeneração dos culpados na instrucção religiosa, na instrucção material e trabalho : as suas prisões não se assemelham de Yarmouth. A maior parte dos criminosos alli permanecem rebeldes a todos os ensaios de reforma. Não basta fecundar as melhores palavras, e os mais sabios conselhos, he necessorio juntar esta mysteriosa scentelha, e ligar, ainda que por momentos, duas almas. Nos vivemos pelo coração, he elle que se eleva, e que nos fallece, e para aquecer ao seu contacto um coração endurecido e gelado no crime he preciso ter o que o ceu raras vezes concede, e de que partilhava a costureira de Yarmouth : um reflexo do amor divino, e o fogo de uma ardente caridade.—*Cucheval Clarigny*—(*Moniteur Universal*). (*Idem.*)

CARTA DE BRAZ TISANA, BOTICARIO DE LISBOA, AO BARBEIRO.

Outubro 17.

Mon cher.—Tenho a honra de lhe escrever no dia de Santa Edwiges, viuva, duqueza de Polonia. A respeito desta senhora dir-lhe-hei que foi tia da nossa rainha Isabel : aos doze annos de idade casou com o Sr. Henrique, duque de Polonia, de quem teve prole. Para de todo se entregar aos officios divinos propoz á seu marido a separação do leito ; o duque annuio e desde então dormiram á parte. Eu se estivesse no lugar do Sr. duque talvez não annuisse, porém elle que consentio la teve os seus motivos. O duque morreu e a senhora duqueza tomou o habito cisterciense.

Esta senhora, de quem hoje resa a igreja, não tinha a prosapia das duquezas : passava os dias e as noites em orações, jejuns, e penitencias, e achava prazer em macerar as suas carnes, pois em lugar de camisas finas, trazia-as da peior estopa da Polonia, e o seu corpo ducal coberto de celicios. Dizem que ressuscitara um menino afogado, e feito em cavacos pela roda de um moinho. Eu, mestre, o que lhe posso dizer desta duqueza santa, he que foi mãi do duque Henrique de Silesia, morto na guerra contra os Tartaros.

A minha Gertrudes, que he tambem muito temente a Deos, que jejua, da esmolas, e ouve a sua missa não concorda em que para servir a Deos seja preciso macerar as carnes que Deos lhe dera ; nem cobrir o corpinho de chagas, nem de celicios, mesmo em attenção ao aceio e a hygiene. Eu acho que a minha Gertrudes falla com cabeça, mas desde já aposto em como não ressuscitará meninos pequenos, feitos em pedaços pelas rodas de moinho, nem mesmo pelas de alguma sege, destas que a todo o trote esmagam por essas ruas a fraca humanidade.

Saberá, mio charo, que domingo passado, dia de Santa Thereza de Jesus, fui com a sobredita, minha sobre todas muito amada e presada Gertrudes, a feira do Campo Grande, não *pede calcante*, como os antigos frades franciscanos, mas sobre o lombo de dous arrebitados jumentos, tão seguros, e tão suaves de piso que julguei ia no caminho de ferro. Quando cheguei a Arroios encontrei o meu praticante que ia n'um omnibus, *vis-á-vis* de sua pequena, que aqui para nós me pareceu bem boa fazendinha. Se a carinha não mente, parece-me que não pedirá como a duqueza de Polonia, a separação do leito conjugal.

A feira, mestre, metteu gente que fazia pasmar ; o dia esteve muito lindo, e o sol vestido em corpo e de camisa lavada. As queijadas de Cintra exportaram-se em quantidade espantosa para os paizes estomacaes ! O deos Baccho mostrou a sua omnipotencia, e a arte culinaria o seu aperfeiçoamento. A proposito da arte culinaria dir-lhe-hei que vai em progressivo adiantamento, graças as luzes do seculo e á liberdade de que gozamos. Hoje ha petiscos e piteus, que nunca os nossos avós encontraram na classica mesa do Isidro.

A minha Gertrudes, depois de ter dado que fazer á dentuça, correu a feira, e comprou para o arranjo domestico passas, e nozes : as passas a 2$600 reis a arroba, e as nozes a 540 o alqueire. A mulher he muito economica, e arranja-me a casa de uma maneira admiravel. Tem um livrinho de receita e despeza, e nunca apresenta deficit, nem recorre a creditos supplementares. Todos os sabbados lança ao mialheiro os sobejos argenteos da semana, e diz, muito senhora de si, que o seu mialheiro he a sua caixa de amortisação ! Deos dê ao tal mealheiro melhor sorte do que teve a tal caixa.

A nossa Lisboa está com panico, por causa das muitas quebras, ou fallencias, que por aqui tem vindo á tona d'agua. Diz-se geralmente que algumas são naturaes, e outras artificiaes ! que alguns commerciantes se estenderam por necessidade, e outros por calculo ! tudo pode ser, porque tudo está no gosto do seculo. Em tudo se especula, até nas concordatas. Mestre, eu não me admiro de que estes senhores quebrem, porque o luxo he muito, e todos querem ser milionarios, seja como for. Ha homens de *lettras*, e homens com *lettras*, os de lettras não quebram nunca, porque andam sempre á paz de pirolo ; os homens com lettras esses apresentam a sua fallencia sem vergonha nenhuma, porque á custa dos padecentes tem cabriolêts, camarote de assignatura, e dão jantares e bailes.

A Santa Casa da Misericordia borrou-se com a historia da loteria, o que tem dado muito que fallar ás más linguas, e mesmo ás boas. Sahio um premio de 100$000 rs., e não pôde sahir o numero correspondente porque o não havia na caixa ! O caso he novo, mas tambem está no gosto do seculo. Os que tinham comprado bilhetes berram que tem diabo ; quem se ri são os cambistas, que desta vez venderam bilhetes com 3$600 rs. de premio ! Parece que os taes cambistas tem amigo na cozinha, ou são agentes do tal amigo. Veremos o que faz o governo : se nomeia commissão de inquerito, já fico assentando o meu juizo.

Mestre, quando um medico não sabe o que ha de receitar ao doente manda-o tomar banhos do mar ; assim o governo, quando não vê sahida aos negocios, nomeia commissões de inquerito. He assim que cortam o nó gordio os delegados do procurador regio ; quando não mettem dente nas questões, custumam pôr—*fiat justitia*—que he o mesmo que dizer—*lá se avenham*. Bem dizia o velho raposa Italiano :

Com arte e com engano
Se vive meio anno;
Com engano, e com arte
Se vive a outra parte.

Mio charo. Assim como tive o desgosto de assistir á morte do tenor Porti na Norma, passei pelo desgosto de assistir ao seu enterro na Luiza de Lamermoor. Quem matou o pobre homem foi o Bellini, quem o enterrou foi o Donizetti ! morreu com cara de Polcon, enterrou-se com cara de Edgard. Inda não assisti a enterro algum mais applaudido, e que promovesse maior gargalhada. O theatro de S. Carlos foi o seu *cemiterio dos Prazeres* ! Em fim, deste estamos nós livres, pois consta que já pedira os seus passaportes, e que sahe no paquete. Deos o leve em paz.

A Castellan brilhou como sempre, como a rainha das recitas ordinarias. O Bartolini quando appareceu sobre a scena, chuchou uma boa dose de palmas e bravos. Ouço dizer que a condessa Alboni, viuva do conde Pepoli, adiara o seu debut. Mr. de Vitry acaba de aperfeiçoar a arte dental, dando solidez aos dentes artificiaes, que mastigam tudo, como se fossem naturaes. Um pequeno incommodo que a minha Gertrudes teve no utero, me privou do prazer de assistir ao primeiro concerto do Camillo Sevori em S. Carlos ; e tive pena, porque o homem he cousa grande, e correspondeu aos alaridos da fama.

Pessoas que ja ouviram tocar rabeca, antes da vinda do Junot, me informam que nunca ouviram tocar tão bem ! O respeitavel enthusiasmou-se, e por varias vezes interrompeu o grande artista com bravos e palmas. O meu praticante, que assistio, diz que o Carnaval de Cuba lhe ia quasi fazendo perder o juizo : o canto do passaro encheu-lhe as medidas. Hei de assistir ao segundo concerto, ainda que o utero da minha Gertrudes, e todos os uteros de Lisboa me incommodem a botica nessa noite. Já não padece duvida a morte do marechal Saint-Arnaud, o heroe do dous de dezembro. Morreu como morreria o meu sapateiro ! Se morre de uma bala na victoria do Alma, morria com a sua alma cheia de gloria ; mas escapar das balas russas, triumphar, e dous dias depois morrer de desintheria, he de certo uma morte vulgar.

Recebi cartas da Crimea, que desmentem a noticia que nos deu o ratão do Tartaro, da entrega de Sebastopol. A praça inda he russa, e parece que este osso não he tão facil de roer como por ahi se dizia. O tio Menschikoff dizem que se encaixara dentro da praça, e que ha de fazer suar o topete aos alliador. O Matheus Torradoff, que com a primeira noticia do Tartaro, apresentou uma beiça, que afugentava os freguezes, hoje já esta risonho, e chalaceia com os amigos da Turquia que cada vez tem mais esperanças na senhora D. Austria, que me parece os está engodando a todos.

A minha correspondencia particular de Madrid, me affirma que trinta Democratas conseguiram sahir deputados para o proximo congresso que parece será a boceta de Pandora ; neste numero entra o celebre Orense, marquez de Albaida. A rainha Isabel continúa amuada no seu retiro do Prado ; e, como diz o cura da minha freguezia, *Procul negotiis*. Dizem que lá Madre del Pueblo, uma vez que não possa ter mão no throno de sua filha, se inclina a seu primo Montemolin, e que o Narvaez fizera as pazes com esta senhora. Se o cholera morbus der licença, e se o typho não se oppozer, hei de ver o desenlace desta comedia dynastica, que não ha de ser feia ! Adieu, que vou *diner*.

Sou, etc.

Seu amigo

saude, patacos
e fraternidade. *Le Citoyen.* (*Braz Tisana.*)

Outubro 21.

Mon cher.—Em quanto a minha Gertrudes se demora la por fora, dir-lhe-hei o que ha, que nao he muito ; pois a Sr.ª D. Politica está em calmaria podre, e podre em todo o sentido. A minha Gertrudes sahio para ir a Santa Martha assistir á festa da virgem martyr Santa Ursula e das suas companheiras as Onze mil Virgens. A respeito destas onze mil flores, dir-lhe-hei que eram inglezas e naturaes de Inglaterra, Escocia e Irlanda. Os Hunos e os Bretões, que eram inimigos da pureza, julgaram que ellas eram roupa de francezes, porém ellas preferiram a morte á deshonra, e foram passadas á fio de cutello.

Mestre, eu não fico por fiador que fossem onze mil, que com effeito he muita gente, comtudo assim tem passado de pais a filhos. Não façamos questão disso. —Nasceu hoje a lua de outubro, eram oito horas e 48 minutos da tarde quando nasceu. Eu tenho um calo que he lunatico ; em o tal amiguinho entrando a doer-me, he signal que temos mudança de lua : veremos que tal se comporta esta senhora que segundo consta nos pasmatorios astronomicos ha de obsequiarnos com chuva e vento.

Na quinta-feira 19, dia de S. Pedro de Alcantara, morreu em 1595 enforcado em Madrid o muito reverendo padre mestre Frei Miguel dos Santos, confessor e pregador de el-rei D. Sebastião, por quem inda se espera em certas casas desta capital, menos na minha. Este pobre Frei Miguel era frade graciano e natural de Santarém : dizem que era muito boa cabeça e por isso lh'a tiraram ! e o motivo porque os Srs. hespanhoes lh'a separaram do corpo foi porque o reverendo se implicou na conspiração do pasteleiro do Madrigal, Gabriel de Espinosa, natural de Toledo, que queria por força ser el-rei D. Sebastião ! Os castelhanos pelo sim pelo não o arrastaram, enforcaram e esquartejaram no dia 2 de agosto do dito anno. Quem mandou o pobre pastelleiro metter-se em cavallarias altas ?

Acaba de passar por cima dos nossos telhados uma trovoada, que apresentou uma carranca tremebunda ! Lançou sobre a cidade uma faisca electrica, que felizmente não fez mal a bicho vivo, ao menos que me conste. A minha Gertrudes tomou o caso serio ; acendeu o cyrio bento e gritou por S. Jeronymo e Santa Barbara, como boa christãa que he—pelo contrario o meu praticante, aprendiz de philosopho, em quanto a trovoada passava assobiava uma peça do trovador ! Eu como sou tolerante, segui o exemplo do tio Rodrigo, fiz que não ouvia.

Ainda se não sabe quando debutará a condessa Alboni de Pepoli ; dizem porém que irá primeiro cantar ao Paço das Necessidades. A noticia mais importante que tem corrido nos pasmatorios e enchido de prazer os habitantes he a chegada do tenor Miraglia, que vai cantar na Luiza de Lamermoor. Depois que se divulgou tão feliz noticia ninguem mais fallou a respeito de Sebastopol. O nosso homem do Quelhas acaba de enfeitar as casacas do Ayres de Sá Nogueira e do Antonio Esteves de Carvalho com dous pratos de estanho da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo : foram muito bem empregados. Segundo o Dr. Gendron desde o principio do mundo tem morrido 26.628,843;075:840 creaturas da nossa especie.

Depois de amanhãa temos grande funcção na nova igreja de S. Julião, que debuta depois do fatal incendio de 1816. Ouvi dizer que assistiam suas magestades : o joven rei he juiz.—O celebre republicano Barbes, que desde o dia 2 de dezembro estava á sombra, escreveu uma carta a um seu amigo com phrases patrioticas sobre os Francezes do Oriente. O Luiz exaltou-se com a leitura da epistola, e mandou soltar o cidadão Barbes ; este porem tendo posto os pés na rua declarou que não aceitava a graça ! que queria tornar para a chena, que se offerecia de novo á prisão, ou então que se exilava ! ! nem todos lhe acharam razão.

Depois de tanta demora, de tantos pretendentes e de tamanhos empenhos a excellentissima camara do municipio acaba de cortar o nó gordio. Nomeou para seu secretario ou escrivão o Nuno de Sá Pamplona, que servia interinamente ! Este Nuno he empregado da excellentissima ha mais de 28 annos e goza de creditos. Doze pretendentes ficaram a chuchar pelo dedo. Continua o panico de fallencias, e todos se tem admirado do Batalha, proprietario do theatro francez, pois todos acreditavam que o homem Batalha tinha mundos e fundos — bem diz a minha Gertrudes : o negociante e o porco depois de morto.

O meu correspondente particular de Antuerpia, dá-me a noticia de ter alli chegado o principe russo de Woronzow, que veio de candeias ás avessas com o seu imperial amo, por não ter triumphado dos Circassianos. O tal Woronzow, pelo que se vê, preferio Antuerpia á Siberia, e julgo que obrou com juizo. Um velho contraregra do theatro de Ouro, acaba de ser mimoseado com um par de bofetões tezos, que lhe prodigalisou o amantetico da menina Gertrudes, uma das *virtuosas* do theatro do pai Simão. He o caso.

Representava-se a *Honra e o Dinheiro* de Mr. Ponsard ; o velho contraregra apitou ; Gertrudinhas estava no camarim; ao som do apito desce mais assanhada do que uma gata, atira-se ao contraregra ! este põe-se em defeza ; a heroina lança mão de uma cadeira ; o velho foge-lhe com o corpo e a cousa ficou nisto pró interim, porque depois a menina assanhada exige que o descortez do velho seja multado para sua emenda, exemplo de outros e satisfação da republica offendida ; e como o imperador Simão não estivesse pelos autos, a vingança ficou reduzida a quatro bofetões á sahida do theatro ! os quaes nem Santo Antonio he capaz de tirar das bochecas do pobre homem.

Acaba de concluir-se em Porto-Brandão a construcção de um navio do Osorio ; foi constructor o mestre Silva, que tem dedo para a cousa. Houve *lunch*, a que dizem assistiram os ministros do reino e justiça, o Sampaio da Bica, o Pai Celestino e outros Celestinos de que resa a historia. Corria em Paris que um alfaiate sueco, que fôra o porta-voz do general francez, he hoje senhor e possuidor de Bomarsund, que o tal general lhe deu. Parece que o tal mestre alfaiate, que se chama Berggren, ou o quer que seja, vai fazer reliquias do tal Bomarsund : havemos de ter anneis de Bomarsund ! alfinetes de peito de Bomarsund ! e até braceletes para as senhoras !

Não he verdade o boato que se espalhou de ter Affonsinho de Castro mandado lythographar o seu focinho para com elle presentear os povos de Solor e Timor. Ha gente que se diverte á custa dos outros, e por isso trazem sempre na ponta da lingua o nosso Affonsinho, que alias he bom mocinho. O Swift tem sido applaudido nos Puritanos. O Fonseca Telles vai melhor, e segundo affirmam os facultativos, desta vez ainda escapa. Segundo me disse Mr. Detry, por estes dias chegam os novos artistas francezes para o theatro de D. Fernando.

Saberá que a filha do Wanzeller, acompanhada de seu pai, vinha a cavallo pela praça de D. Pedro ; o animal tropeçou, e a gentil menina cahio sobre umas pedras e recebeu algumas feridas no rosto, que era digna de melhor sorte ; todos logo lhe acudiram e a levaram sem sentidos para a botica do collega Azevedo : tornou a si, e as feridas não são de consequencia. O nosso Julio Cesar Machado acaba de declarar-se contra os banhos e contra as barcas na loja folhetinistica da Bica. Sua senhoria invocou lord Byron—madames Montespan, e Maintenon—Marion Delorme—Victor Hugo— Mery—Cinq-Mars—Didier—a deosa Diana a Velha—a Chiato—a Triphone ; e faz o elogio das barcas do caes do Sodré, sobre as suas irmãas do Terreiro do Paço. As aguas do caes do Sodré são menos frias, e a razão he porque se banham alli menos mulheres velhas e menos feias.

Póde ter a certeza que o Sr. Henrique Shmidt, cirurgião dentista e documentado, continúa a curar radicalmente todas as enfermidades da bocca ; extrahe prepindicularmente os dentes, esquirolas e raizes, e faz tudo isto de dia e mesmo de noite sendo preciso. Os nossos janotas não estão muito satisfeitos com o corpo de baile do regenerado theatro de San-Carlos ! Ha quem diz que algumas são bonitas de cara e do *reliqua*, mas que pelo que diz respeito á Sr.ª D. Therpsicore, pouco excedem ás do batalhão fixo, que já deviam ter a sua reforma, mesmo com o soldo por inteiro.

Hoje não recebi a minha correspondencia da Crimea, o que não admira, porque o tio Menschikoff está atrapalhado e não tem tempo de se coçar. A respeito de Sebastopol, ouço dizer que inda está onde estava. De Paris só me fallam das exequias de Saint-Arnaud, que são estupendas. Da nossa vizinha D. Iberia nada sei, além das ultimas noticias ; só para a reunião do soberano congresso he que veremos os meninos orphãos a cavallo. A respeito da cholera não ha novidade ; o que reina são as desintherias, que são a sua guarda avançada.

Sou, etc.

Seu amigo

saude, patacos,
e fraternidade. Le Citoyen. (*Idem.*)

Outubro 22.

Mon cher.—A minha Gertrudes ainda não está restabelecida do grande susto que mamou com a ultimo trovoada ! a luz dos candieiros lhe parece relampagos e continua a resar a Santa Barbara, não pelos trovões passados porque esses já lá vão, mas pelos futuros, porque segundo a opinião dos mais abalisados astronomicos, havemos de ter mais desta fazenda. Comtudo apesar do susto a mulher nos entre-actos continua a tocar rabeca, como qualquer peccadora, isto he, em bom portuguez, faz a sua perninha de má lingua ! a mulher as vezes he o diabo ! Tem vivido muito e como he muito curiosa sabe tudo, até se lembra de uns amores que teve o visconde de Monção ha mais de 50 annos.

O tenor Bejart está no Lazaretto para se purificar da sugidade suspeita. Sua Exc. o Sr. barão de York o mandou comprimentar pelos emprezarios, elles lá foram humildemente tributar-lhe os seus respeitos. Olhe, Mestre, he muito verdadeiro o ditado—se querem vêr o villão, mettam-lhe a vara na mão—para prova ahi temos S. Exc. o Sr. York; he um gosto vê-lo na caixa do theatro a ralhar com os carpinteiros, a bater o pé e a dizer que elle he quem manda e que porá no andar da rua todo aquelle que commetter a menor falta !

Quem vio aquelle mediocre e desengraçado dansarino e quem o vê agora fica pasmado !! Eu não me admira que de um alferes communista se possa fazer um escriptor retrogrado, porque segundo os entendedores de um instrumento de suplicio fez-se o symbolo sagrado de uma religião sublime; mas que de um dansarino mau se fizesse um homem com ares de alguem que vem d'algures, pondo o chapéo para traz, e retorcendo o bigode, essa, Mestre, lá me custa a roer ! porem deixemos ir o mundo como vai. O ceo he de quem o ganha, e o mundo de quem mais apanha.

Já fallei com o Miraglia—esteve aqui na botica, e mais o F. de [illegible]—Corre como certo que se evaporava o tenor Forti e o baixo Manfredi, os assassinos da Norma—parece que foram fazer outros estragos para outra parte ! O Forti, como ja lhe disse, assassinou a Norma, e o Manfredi fez a mesma graça aos Puritanos, que se não morreram de todo foi porque a Castellan e o Bartolini *il caro professore*, como lhe chama o homem Lopes, o não consentiram. Tenho pena, Mestre, que não ouvisse cantar a Castellan no rondó da Lucia, a mulher canta como um anjo ! he pena que não seja viuva de algum conde acabado em i !

Mestre, a leitura a que agora se entrega a maior quantidade de gente he a da descripção da batalha do Alma. O tal rio passava desapercebido, como um deputado de provincia, se não fosse a batalha ! O mesmo succedeu ao Chão da Feira.—O Matheus Torradoff anda aprendendo geographia, e ja poz no botequim um grande mappa em que os freguezes do café medem as leguas ou milhas do Alma a Sebastopol ; e aposta em como os alliados não mettem este anno o nariz dentro da praça ! O tal Sebastopol e o rapto são os dous negociarrões que dão mais cuidado ao tal Matheus que jura que desta vez deita o marechal de pernas ao ar ! !

O conselheiro Rosa parece não ter alma, porque me consta que deixa as pobres desgraçadas que tem pretenções na repartição a seu cargo a eterna espera do andamento dos seus negocios. Se he por velhice ou por falta de saude, peça a sua reforma ; não acha, mestre ? e não engane aquella pobre gente infeliz.

O coronel Rebellinho está como uma bixa, por causa do titulo do Joãozinho. Dizem que o governo vai faze-lo barão das Granadas, em attenção aos immensos serviços por elle prestados a patria, durante a guerra que estivemos para ter com a Hespanha em 1842, e das grandes granadas que trazia na farda, quando mandava o batalhão de artilharia ao lado do barão da Folgoza, que Deos tenha em gloria.

Saiba, mestre, que Sebastopol não cahio, se cahir ha de morrer muitissima gente, e não sera por em quanto. Disse-me um Russo, que veio aqui comprar malvas, que Sebastopol e Cronstadt eram duas praças inconquistaveis, e mostrou-me os desenhos das ditas ; eu digo que não ha nada inconquistavel. No Marrare lastima-se a demora da estrea da condessa Pepoli, que dizem sera na *Cenerentola*. Olhe, mestre, lá uma vez ainda eu caio com quatro pintainhos duas vezes he possivel, mas para mais não *aceso lana*, como dizem os fadistas.

Falleceu o Sr. Caetano Mazziote, deixando inconsolavel a sua respeitabilissima familia ; era homem muito honrado, servio o paiz em mais de um cargo de responsabilidade, e deu a alma a Deos, quando estava na Ameixoeira a tomar ares ; foi enterrado no alto de S. João, acompanhado pelos seus amigos, que não eram poucos ! inimigos he que elle não tinha.

Olhe que vi o tal passo calabrez, executado pela Dominichetes e pela Marmet. A primeira he ja conhecida do nosso publico, e he bailarina de merito. A Dominichetes não he uma belleza, mas dansa bem, ao mesmo tempo que a Marmet he bem feita mulher, mas pouco leve. O noticiador de Arauto põe-na nas nuvens, mas se o homem está convencido do que diz, pelo menos tem peneira nos olhos.

O meu praticante esta louco pela Fleury ; diz-me que he linda ; disse-me mais que era a mais bonita mulher que elle tinha visto na sua vida. Asseveram-me outros que a mulher he pouco leve; *he pessima cousa*, como diz o T..

Esta he fresquinha. Omer-Pacha trata de atacar os Russos no alto Danubio. A questão turco-russa deve durar muito tempo ; he o opinião da gente mais sensata. Agora por isso asseguro-lhe que o Keller dos quadros vivos continua a dar cavaco por causa da Russia.

Ouvi dizer que os feirantes do Campo-grande pediram mais alguns dias de licença para tirarem a despeza que fizeram, ou algum interesse, porque a feira não tem estado muito concurrida.

No dia 21 he o segundo concerto pelo insigne rabequista Sivori. Quanto dizia delle o Aboim, ainda era pouco ; veja, mestre, o que diz a Imprensa e Lei : « A rebeca de Sivori canta, chora, geme, ri, suspira, arqueja, trina, remoreja, ribomba, tremelica, assobia e resomna.... O que he verdade he que ninguem deve deixar de ouvir o Sivori, uma vez pelo menos.

Hontem, indo o F. de D. na sua bonita sege pelo Chiado abaixo, aconteceu vir em direcção contraria uma carroça pertencente a Sr. M. de Vallada, puxada a custo por um cavallo doente, que cahio no chão por não poder mais, quando a sege do D. passava. Os cavallos da sege passaram por cima do cavallo cahido, e passou tambem a roda, sem que o Sr. D. soffresse, nem houvessem desgraças a lastimar.

Por estravagancia, fui á rua dos Condes, Aquelle theatro he feissimo, mais he muito concurido, e o publico que o frequenta he d'uma animação espantosa. A Fialho canta como uma sereia, e tem milhões d'apaixonados. O unico assignante que tem a plateia da rua dos Condes, chama-se Nheco ! ..

A Maria do Ceo, está contente alli e sem saudades de S. Carlos, onde começou a sua vida artistica como dansarina ; esta pequena tem boa voz, bom methodo de dizer e naturalidade. No opio e no champanhe gostei muito, mesmo muito, de a vêr !..

Adeos, mestre, até amanhãa. Antes de fechar esta sempre lhe quero dizer que o Tasso veio aqui, e deu-me um bilhete para o seu beneficio : leva o *Odio de Raças*, drama escripto pelo Amorim, e Condessa de Novion, que se diz imitação do vinconde d'Almeida Garrett, que não tem passado lá muito bem de saude.

Sou, etc.

Seu amigo

saude, patacos,
e fraternidade. Le Citoyen. (*Idem.*)

Novembro 5.

Mon cher. — Na minha ultima tinha-me esquecido dizer-lhe que no dia 2 em 1512 o senhor duque de Bragança, D. Jayme, assassinara sua mulher a duqueza D. Leonor, que enviou logo ao reino da Gloria. Segundo a historia o duque padecia de dor de cotovelo, e por isso despachou a sua cara metade para o reino da Gloria. Vê-se pois que já em 1512 os senhores duques perdiam a caximonia como qualquer João Fernandes. Mestre, pessa a Deos que o livre de ter ciumes, olhe que he uma molestia muito má.

Hontem fez annos a Belemzada, á favor da carta constitucional; foi dia de luta e de sangue. A guarda nacional negociou no campo de Ourique, e a corôa vio-se em grandes colicas. Foi neste dia e nesta occasião que assassinaram o Agostinho José Freire; Deos lhe falle n'alma. Tambem hontem foi dia de San Carlos Borromeu que teve o chapéo cardinalicio. Hontem o que se dava com certeza astronomica he que a lua teve o seu enchimento ás oito horas da noite com mais ou menos 25 minutos. Em nenhum dos nossos ministerios tem as luas enchido mais vezes do que neste. Hontem houve ecclipse parcial da lua ; declaro-lhe que o não vi, e nem por isso passei incommodado.

Correm boatos nupciaes que põem os miolos em agua aos nossos politicos do direito divino. Dizem que se trata de enlaçar matrimonialmente o principe Napoleão com uma neta do Luiz Filippe ! Parece que o rei dos belgas dá a mão de sua filha ao herdeiro presumptivo do senhor Napoleão III ! Veremos se se verifica este boato que não deixa de ser gordinho. Está chamando muita gente ao theatro da Galeria em Bruxellas o drama *Suzanne ou les deux Sœurs*, composição franceza ; brilham nesta peça madamas Marly, *Cebe* e Dautrive, que Vmc. não conhece, nem eu.

Finalmente decidio-se a gravissima questão da loteria. — O tio Rodrigo ouvindo o conselho de estado resolveu que a ultima loteria que havia parido o aborto fosse riscada da familia das loterias, segundo o codigo francez, e que se procedesse a outra nova ! Ergo quem tinha contado com os premios, ficou com a agua na bocca ! comtudo, fallando a verdade, o tio Rodrigo sahio-se do embroglio o melhor possivel, e nem podia seguir outra estrada. Sua Exc. da umas verdes outras maduras. Esta he madura.

Acaba de haver na rua de Ciudade Rodrigo, Madrid, um pronunciamento femenino. A desordem foi entre as vendedoras. Houve palavriado indecente, saias levantadas, açoutes, cabellos arrancados, gritos, blasphemias, insultos á autoridade, e mulheres arrastadas pelos cabellos. Foi preciso que intervisse a força armada. He mais facil acommodar os Russos e os Turcos do que acommodar uma guerra de mulheres ! Segundo as minhas correspondencias particulares da joven Iberia, o Pikenismo está fazendo rapidos progressos em Madrid depois da revolução. Os pekeniques são diarios. A gastronomia tambem participa das evoluções politicas.

O nosso embaixador extraordinario a união Iberica participa á ultima hora que as senhoras de Madrid principiam a usar de pós na cabeça como D. Branca de Castilha. Uma noite uma senhora que estava n'um camarote sacudio a cabeça por acaso e empoeirou meia plateia !

Estabeleceu-se em Madrid uma casa que dá *cama redonda* aos gallegos desoccupados — e um barbeiro estabeleceu um banco ambulante de tres pés na *Calle maior*, onde faz barbas a seis quartos, com agua quente e sabão branco ! garante o escanhoar com *sangre*. A Kepes, mania, está fazendo furor na villa Caronada. A Kepes immortalisa-se — e pulula por toda a parte ! Ha Kepes assim : Kepes assado — Kepes á ingleza — Kepes á franceza — Kepes para os dias de sol — Kepes para os dias de chuva — Kepes para os campos — Kepes para as povoações ! e até ha Kepes para dormir ! ! emfim Madrid he toda um Kepes. Certa senhorita namorou-se de um joven só porque elle trazia Kepes !

Segundo as ultimas noticias perderam-se em Madrid nos ultimos oito dias 27 cães de ambos os sexos — entre as cadellas perderam-se tres ainda no estado de donzelas — chamam-se Linda, Atala e Norma. Até que finalmente se resolveram a incommodar a senhora urna para os supplimentares que são 13. O vaudeville eleitoral ha de representar-se no dia 10 de dezembro, segundo domingo do advento. —Ouço dizer que os Torradoffs fazem força de vela por levar á camara o Rebellinho : he muito digno disso. O Latino Coelho desta vez senta-se no capitolio ao lado do seu collega Antonio Pedro. Desconfio que o acto ha de ser chocho : a maior parte da gente está com fastio.

Foi Deos servido chamar á sua presença a rainha viuva da Baviera, que se me não engano, chamava-se D. Thereza Augusta Maria Frederica Amelia. Foi casada com o ratão do rei Luiz, que fazia versos e deu o titulo de condessa não sei de d'onde, á Lola Montes, que me dizem reside agora na California. Segundo noticias de Paris, o marechal Saint-Arnaud foi enterrado de fardalhão, chapéo de plumas, espada e bastão ! foi embrulhado em uma bandeira russa, tomada na batalha do Alma ! Que grande figuram quando entrar no outro mundo !

Está decidido que os Anglo-gallos tomam conta de Saint-Petersburgo, por isso que o rio Neva, a cuja margem está esta capital, se compõe de quatro letras, que querem dizer—N. Napoleão—E. Eugenia —V. Victoria—A. Alberto. Olhe que he uma grande descoberta ! Tivemos na noite de sabbado uma segunda data da Cenerentola em S. Carlos. Madame a condessa de Pepole, foi coberta de applausos que retribuio repetindo o rondo final, que realmente he um pedaço de musica admiravel.

Sinto dizer-lhe que nessa noite, na rua da Boa-Vista, largo do Conde-barão, teve lugar um grande incendio no estaleiro do Abreu, e na fabrica dos Coilares : ardeu tudo, apezar dos esforços das bombas e do auxilio da marinha franceza e nacional. Ha quem diz que toda a culpa he da Cenerentola, que onde apparece designa calamidade. Eu cá não como esta. Por mais meiguices que o velho Evaristo S. Miguel fez á guarda nacional de Madrid, de que he commandante, para que ella jurasse e promettesse defender a rainha Isabel, os taes nacionaes fizeram ouvidos de mercador ! Parece que o tal Evaristo amuara, e se demittiria aquillo por lá cheira a esturro.

Houve na noite de 28 uma invasão do deos Baccho, no baile nacional da Guia. Esta divindade vinha representada por quatro inglezes, qual delles mais quente da moafa ! os homens cambaleavam, cahiam, esmurravam o nariz, e queriam dansar ! Acudio o Regedor, e com muita custo os foi agarrando, apezar de não estar suspenso o Habeas-Corpus ! O meu gallego acaba de me mostrar uma carta de *su madre*, na qual lhe diz que vive em Madrid uma senhora, que tem cento e dezenove annos ! ! ! Corcovado seja eu, se não estiveram caçoando com o lorpa do meu gallego !

Saberá que o Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, publicou no Arauto uma carta, desmentindo o que de S. Exc. disseram os homens do Portuguez. Diz S. Exc. que faz uma despeza modica em Madrid, apezar de que podia gastar mais, por que tem á bolsa quente, não só pelo seu trabalho litterario, mas pela affeição bondosa de certa pessoa, muito sua conjunta ! Aqui anda obra, por mais que me digam ! S. Exc. diz que vem breve. Tem andado por ahi a caçoar o Arauto por ser mettido no estalão da Bica e ficar do mesmo tamanho, por causa da formatura !

Com effeito, o Arauto parecia o tambor-mór da imprensa periodica! mas em igualar a despeza com a receita obrou bem : he melhor, como S. Exc. diz, viver humilde, mas com dignidade, do que viver com fausto, mas com calotes; quem deixará de achar razão ao humilde Arauto ! Em quanto ao joven Ricardo Guimarães, saiba que elle não substituio o Affonsinho de Castro ; veio ajuda-lo na redacção : era um, agora são dous. Dizem que o Ricardo fora engajado na invicta por certo deputado influente. O Ricardo não desertou ; convenceu-se da injustiça com que fazia opposição, e tratou de desmanchar com os pés o que fizera com a cabeça.

Publicou-se o retrato mtido de mad. Alboni ; o retrato custa 600 rs. Assisti ao soirée em casa do amigo L... ; esteve cousa grande : houve muito doce, muito chá, muita agua e muitos palitos. Foram convidadas muitas madamas, mas janota nem um para uma mesinha ! O P..gosta de fazer o papel de pavão da sala, e não deixa de ter seu geito. Uma certa Ella, gabou-lhe muito a camisa de renda ; Deos queira que o conjuge não pesque, pois he capaz de tomar o caso a serio, e tem pistolas de 6 tiros que matam *el hombre* oito vezes por minuto ! Houve duello entre dous leões por causa da Alboni ; ninguem morreu : os nossos lords não são como os londrinos, e continuam a ralhar dos preços do nosso Convent-Garden Chegaram no vapor D. Maria II, varios macacos e macacas, entre estes animaes vinha um barão !

Sou, etc.

Seu amigo

saude, patacos
e fraternidade, *Le Citoyen.* (*Idem.*)

AVISO AO POVO.

O respeitavel Sr. Dr. Nilo prestou um serviço á humanidade, publicando um opusculo sobre a cholera-morbus. He de tanto interesse, tão claro, e tão necessario este opusculo que nós julgamos de grande utilidade a publicação no nosso jornal de alguns artigos da mesma obra, que podem servir ao povo. Recommendamos esta obra, que se vende em Lisboa na loja do Sr. Lavado.

CONSELHOS PARA EVITAR A INVASÃO DO CHOLERA-MORBUS.

Pertence as autoridades administrativas de districtos, de conselhos e camaras municipaes, o fazer remover das cidades, villas, aldeias, e lugares, todos os fócos de infecção e miasmas.—Mandar varrer as ruas.—Mandar, por editaes, que ninguem lance sugidades nas ruas : que os donos dos animaes domesticos (cães, gatos, gallinhas, e quaesquer outros) que morrerem em casa, os façam logo enterrar fora da povoação.—Prohibir que os visinhos das aldeias ou lugares mantenham porcos dentro de casa ou proximo á habitação da gente.—Estabelecer vasadouro de immundicias fora das povoações, no lado opposto ao vento que reina mais frequentemente na localidade. As mesmas advertencias se devem fazer, por caridade, aos lavradores, que vivem em casaes afastados das povoações. Para isso pode a autoridade chamar, á sua morada, os donos dos casaes e dar-lhes estes salutares conselhos. Nas freguezias ruraes podem os freguezes ser convidados pelo parocho, na occasião da reunião á missa, para irem á casa do rezedor de parochia receber as instrucções convenientes sobre este objecto. Pertence ainda ás autoridades administrativas promover, pela sua benefica influencia, a formação de juntas ou associações de beneficencia, cujos membros adquiriram gloria e louvor, inspeccionando e visitando as habitações da gente pobre, aconselhando-lhe todo o aceio compativel com os seus meios, e informando as juntas de beneficencia das necessidades que, de promptio, devem ser remediadas, afim de entreter a todos no melhor estado de sanidade.

Todos se devem lembrar que por toda a parte, a *falta de aceio, de alimentos, e de agasalho do corpo*, teem sido as principaes causas da grande mortandade durante a epidemia.

CONSELHOS A TODOS OS CHEFES DE FAMILIA.

Os meios de prevenção que acabamos de lembrar ás autoridades administrativas, relativamente ao aceio das povoações devem occupar, constantemente, a maioria de todos os individuos. Todos os chefes de familia, ou seja em suas casas, ou em estabelecimentos de qualquer natureza, devem dar, aos seus dependentes ou empregados, o mais evidente exemplo de aceio no seu corpo, e no seu trafego. Devem aconselhar á sua gente que lave a cara pela manhãa e á noite : que lave os pés, pelo menos uma vez cada semana, em agua morna com sal ; que vista roupa lavada duas vezes por semana, e mais se for possivel.

Todas as pessoas favorecidas da fortuna deveriam, *em todo o tempo*, tomar banho geral, pelo menos uma vez cada semana.

No tempo da epidemia, os banhos aromaticos ou sulphureos, e sobre tudo as fumigações ou vapores de enxofre, são dos melhores preservativos do cholera-morbus ; porque destroem os miasmas e o virus particular della, fortificam a pelle, e a põe em estado de resistir melhor á penetração delles no corpo.

Os donos das casas devem mandar que ellas sejam varridas e lavadas frequentemente : casas pequenas, e de muita frequencia, devem ser lavadas todas as semanas, uma ou duas vezes.

Nas terras onde ha limpeza publica, como em Lisboa, devem os donos ou donas de casa mandar que os criados estejam *álerta*, quando passam os carros, para nelles despejarem, diariamente, os barris do lixo, e lava-los antes de os trazerem para casa. Devem vigiar incessantemente que os criados não deitem cousa alguma para os saguães. Não podemos deixar de lamentar aqui a continua transgressão das posturas municipaes relativamente ao aceio dos saguães. He uma vergonha ver os habitantes da primeira cidade do reino despresar as ordens que a autoridade municipal só promulga em beneficio dos mesmos habitantes ! Só isto basta para provar o atrazamento da nossa civilisação. *Nem para nos somos !*

E que diremos nós das cloacas abertas nas cozinhas ? ! Dalli se estão exhalando continuamente miasmas que infectam a atmosphera em que os alimentos são preparados ; e por este vehiculo são aquelles miasmas ingeridos no estomago, como se não fosse ja bastante nocivo a saude a absorpção que delles se faz pela pelle e pela respiração !

Desejariamos que contra esta tão geral e tão perniciosa origem de infecção interviesse a autoridade administrativa e municipal, compellindo os senhorios ou inquilinos a estabelecer latrinas *inodoras*, ou syphões.

O custo de qualquer destas duas machinas he tão pequeno, que só a ignorancia, ou o deleixo pode fazer que o seu uso não seja geral. Esta medida he urgentissima na occasião de estarmos, tão de perto, ameaçados pelo cholera-morbus.

Os chefes de familia devem prohibir que os cães, ou gatos fiquem de noite nos quartos onde dorme gente.

Todas as exhalações animaes são nocivas á saude, viciando o ar que se respira. Isto he tão sabido, como mal apreciado. Muitos e mui desgraçados exemplos, do quanto são nocivas as exhalações animaes, nos tem dado a accumulação de pessoas nas enxovias a que tyrannia tem por vezes, condemnado os martyres da crença evangelica—igualdade de justiça para todos.

As victimas que nas masmorras teem succumbido *por falta d'ar* como vulgarmente se diz, morrem asphyxiadas, não por falta absoluta d'ar, mas sim porque o pouco que respiram he mephitico, está envenenado pela propria respiração dos individuos accumulados. He necessario que todos saibam ; que todas as exhalações e excreções do corpo são venenosas para o mesmo corpo ; que a natureza, o principio vital, que preside á conservação dos individuos, regeita fora do corpo tudo quanto lhe seria nocivo se continuasse a conservar-se nelle. Em poucas palavras: Tudo o que he excretado ou lançado fora do corpo, pode matar o mesmo corpo, se nelle tornar a entrar.

Por tanto, os chefes de familia devem recommendar que a sua gente não escarre pelo chão, nem pelas paredes, no interior das casas; que despejem os urinoes e bacios ; que os lavem bem e que lhes deitem agua limpa, que cubra o fundo, antes de os levarem para os quartos de dormir. Por este meio se evita a formação do sarro nos mesmos vasos e o máo cheiro que infecta o ar que se respira. Da pureza do ar independe a perfeição da saude.

(*Idem.*)

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

A rainha do baile militar. (*)

Cantam todos a seu geito—
Do baile—a sua rainha,
E eu que não sou suspeito,
Vou cantar tambem a minha;
Pois tambem tenho direito
Como official de marinha.

Ouçam : lá brada a orchestra
Que a dansa vai começada ;
Corramos... ai ! mas da festa
Eu não vejo a coroada !...
Oh ! o baile ja não presta,
Vai me cheirando a massada !

Boa noite, minha senhora,
Já tem par vossa excellencia ?...
Tenho : mas só p'ra agora ?
P'ra todas : sim ?... paciencia !...
Schotisarei, muito embora—
Do mais faça abstinencia.

Vejam como vai calado...
Não me conhece, tenente ?
Ai ! se eu vou desapontado
Por um calo impertinente !...
Já me julga desculpado ?
Sempre o julguei innocente...

Que demonio, ó ! que empada !
Sim... faz obsequio, senhor ?
Estou muito incommodada...
Me veja, pois, por favor
Um copo de limonada,
Que arrebento com o calor !

Não aguento... que caipora !
Das feias toda a caterva !
Nada... ponho-me fóra,
Venham outras p'ra reserva...
Não sou paio, vou-me embora...
Todo o mundo se conserva !... —

Mas quem he a fidalgona
Que alli vem—tão requestada ?
He a rainha pimpona,
Que ficou, meu Deos ! marcada
Por uma ruim dragona !...
—He a rainha arranhada ! !

Qual nos galhos se balança
A gomosa pitanguinha,
Tal—abrindo os braços—dança
Minha bella yayazinha...
Arredem, moços, a pança,
Deixem passar a rainha.

* * *

Dezembro 14 de 1854.

DECRETO N.º 1478 DE 22 DE NOVEMBRO DE 1854.

Altera as condições annexas ao decreto n.º 1113 de 31 de janeiro de 1853 que concedeu á companhia Pernambucana o privilegio exclusivo para a navegação a vapor entre os portos do Recife até o de Maceió na linha do sul e os da Fortaleza nos do norte.

Attendendo ao que representou por seu procurador bastante a direcção da companhia Pernambucana, que tem por empreza a navegação a vapor entre os portos do Recife até o de Macció ao Sul, e da Fortaleza ao norte : e conformando-me, por minha imperial resolução de 21 do corrente com o parecer da secção dos negocios do imperio do conselho do estado, exarado em consulta de 18 do mesmo mez : Hei por bem alterar as condições annexas ao decreto n. 1113 de 31 de janeiro de 1853, que concedeu a dita companhia o privilegio exclusivo para a referida navegação, segundo as que com este baixão assignadas por Luiz Pedreira do Couto Ferraz, do meu conselho, ministro e secretario d'estado dos negocios do imperio, ficando porém dependentes de approvação do poder legislativo na parte em que carecerem d'ella. O mesmo ministro assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em 22 de novembro de 1854, trigesimo terceiro da independencia e do imperio. Imperador com rubrica e guarda, *Luiz Pedreira do Couto Ferraz.*—Conforme.—*Fausto Augusto de Aguiar.*—Conforme.—*Antonio Leite de Pinho.*

Condições a que se refere a decreto d'esta data.

1.ª A subvenção de sessenta contos de réis, concedida pelo governo imperial á companhia Pernambucana de navegação a vapor entre o porto da cidade do Recife e os de Maceió ao sul, e da Fortaleza ao norte, por decreto n. 1113, de 31 de janeiro de 1853, será augmentada com a quantia annual de vinte e quatro contos de réis.

2.ª A tabella pela qual se tem de regular os preços dos fretes e passagens será organisada pelo governo imperial, de accordo com a companhia nos termos do art. 8 das condições annexas ao referido decreto, cessando porém a base estabelecida no mesmo artigo e que consistia em não poder o maximo d'aquelles preços exceder a dez centezimos sobre o que se pagar nos barcos de vella.

3.ª O governo imperial de accordo com a companhia designará os portos intermedios, em que devam os vapores fazer escalla, a proporção que se forem removendo os obstaculos que ainda tornam alguns inaccessiveis, e a companhia por sua parte se habilitar a ter vapores capazes de entrar nos menos importantes, não podendo os vapores que empregar ter capacidade menor de 400 tonelladas, salvo os que forem especialmente designados para portos que os não admittam.

4.ª Ficam concedidos á companhia os mesmos favores, outorgados á companhia Brasileira de paquetes a vapor organisada n'esta côrte e que constam do decreto de 10 de março de 1851.

5.ª Os nacionaes empregados nos vapores da companhia gozarão da isenção do serviço activo da guarda nacional e do recrutamento. Para este fim será pela directoria entregue ao presidente da respectiva provincia de seis em seis mezes uma lista por ella assignada contendo os nomes dos que se acharem n'estas circumstancias, e na qual depois do primeiro semestre só poderão ser contemplados os individuos que tiverem pelo menos 3 mezes de effectivo exercicio. Convencida a associação de qualquer abuso sobre este objecto em detrimento do serviço publico, ser-lhe-ha imposta administrativamente a multa de 100$000 réis a um conto de reis, ou pelo governo ou pelo presidente da provincia, com recursos para aquelle.

Palacio do Rio de Janeiro em 22 de novembro de 1854.—*Luiz Pedreira do Couto Ferraz.*—Conforme. *Fausto Augusto d'Aguiar.*—Conforme, *Antonio Leite de Pinho.*

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 26 DE DEZEMBRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Hoje não houveram cotações.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 23	201:314$659
Idem do dia 26	4:185$316
	205:499$975

Descarregam hoje 27 de dezembro.

Barca ingleza—*Hindoo*—mercadorias.
Barca ingleza—*Enthusiast*—carvão e alcatrão.
Barca ingleza—*Rosamond*—mercadorias.
Brigue portuguez—*Laia II*—cebolas e batatas.

Importaçao'.

Brigue portuguez *Bom Successo*, vindo do Porto, consignado a Thomaz de Aquino Fonceca & Filho manifestou o seguinte :

50 rodas de arcos de pão ; a Delfino dos Anjos Teixeira.

120 rodas de pão ; a Luiz José de Sa Araujo.

2 barricas nozes, 1 caixão marmelada, 1 dito com um carrinho para criança ; a João Domingues Ramos.

12 barris enchadas, 3 fardos peneiras, 24 barris pregos, 60 duzias chumbo, 226 barras de chumbo ; a Barroca & Castro.

7 caixas tremoços ; a João Evangelista da Costa e Silva.

1 caixão marmelada, 1 barril vinho ; a Rosas Braga & C.

1 caixa cochins, 1 cunhete perfumadores e canecas ; a David Ferreira Balthar.

24 caixões miudezas, 1 dito brides ; a Thomaz Fernandes da Cunha.

3 barris enchadas, 2 caixas fechaduras, 2 ditas cordas de linho ; a Manoel Joaquim Ramos e Silva.

5 caixas palitos, 1,000 liaças de vimes, 8 cunhetes fouces, 1 barril pregos, 1 cunhete machados ; a Joaquim Ferreira Mendes Guimarães.

1 caixa alampadas de latão ; a José Baptista Braga.

7 pipas e 12 barris vinho ; a Francisco Alves da Cunha.

3 molhos mastros, 79 duzias garrunchos, 6 molhos arco, 18 taboas de pinho, 732 resteas de cebollas, 2,000 milheiros de sal ; a Manoel Gomes dos Santos Sena.

12 canastras louro, 430 resteas cebollas, 1 caixa figos, 72 balaios, 16 condeças ; a Luiz José da Costa Amorim.

12 cadeiras e 2 sofás de madeira ; a Antonio S. do Rego Medeiros.

2 caixas peras e maçãas ; a João Manoel de Barros.

1 peça panno de linho ; a José Duarte das Neves.

1 caixote ; a José Marques dos Santos Aguiar.

2 caixas miudezas ; a José Alves da Silva Guimarães.

1 pacote cochins e toalhas ; a José Antonio da Cunha & Irmão.

1 caixa maçãas e paios, 11 ditas castanhas, 1 barril paios ; a Manoel de Azevedo Andrade.

5 barris pregos, 1 caixão vasos ; a Balthar & Oliveira.

3 caixas cochins, brides e escovas, 2 fardos miudezas ; a Antonio Joaquim dos Santos Andrade.

6 barris nozes, 2 caixas figos, 6 saccas amendoas ; a Fonte & Irmão.

16 canastras alhos, 6 ancoretas azeitonas, 7 canastras fructas, 60 caixotes velas de sebo ; a Henrique da S. Moreira.

2 canastras castanhas, 4 ditas maçãas ; a Domingos Ribeiro da Cunha Oliveira.

3 barris vinho, 3 ditos vinagre, 2 ditos azeite, 2 ditos salpicões ; a Antonio Rodrigues Ferreira Vieira.

1 caixão doce secco ; a Manoel Gonçalves da Silva Junior.

6 cunhetes machados, 5 barris enchadas, 13 caixas miudezas ; a Bento Candido de Moraes.

1 caixão miudezas ; a Manoel J. Dias Castro.

3 caixas chapéos ; a Joaquim Antonio Pereira.

55 canastras alhos, 1 sacco baloques, 1 caixa velas de cera, 2 ditas maçãas ; a Firmino da Costa Moreira.

1 cunhete linhas e sementes, 1 caixa cochins e tapetes, 1 canastra raizes e sementes de flores ; a Domingos Alves Matheus.

2 fardos folhas de louro ; a José Francisco Barreto.

5 barris presuntos ; a Antonio Cardoso de Goovea.

8 canastras maçãas, 2 ditas batatas, 1 pacote lenços e meias ; a José Antonio de Oliveira.

5 caixões maçãas, 1 dito vinagre ; a José de Azevedo Andrade.

1 caixa cochins ; a Albino José da Silva.

7 barris vinho ; a João Teixeira de Souza Lima.

100 ancoretas azeitonas ; a Manoel Ferreira Guedes.

1 barril presuntos e paios, 3 canastras rolhas ; a José Rodrigues Ferraira.

3 caixas castanhas, 9 caixas e 1 cunhete peras, 40 canastras maçãas e castanhas ; a João Pinto Regis de Souza.

6 canastras rolhas ; a Candido Alberto S. da Motta.

1 caixa escovas para calçado ; a Antonio Affonso Novaes.

12 canastras batatas, 20 ditas castanhas, 13 ditas maçãas, 12 cadeiras de madeira, 4 caixas figos, 1 barril vinho, 3 canastras e 2,127 resteas de cebollas ; a Victorino José Corrêa de Sa.

Meia pipa vinagre ; a José Baptista Vieira Ribeiro.

3 caixas maçãas ; a Carneiro & Irmão.

1 caixote seda ; a T. A. Pereira de Vasconcellos.

2 canastras maçãas, 1 encommenda, 1 embrulho, 1 lata feijões, 4 viveiros canarios, 2 gaiollas meiros, 1 sacca nozes, 2 barris peixe salgado, 31 resteas cebollas, 2 saccos molhos de louro, 1 sacca maçãas, 1 embrulho figos ; a ordem.

Hiate *Sergipano*, vindo de Cotinguiba, consignado a José Teixeira Bastos, manifestou o seguinte :

475 saccos assucar branco, 225 ditos dito mascavado ; a Bastos Irmão & C.

Patacho americano *H. F. Ryder*, vindo de Boston, consignado a Henry Forster & C.ª, manifestou o seguinte :

3 volumes drogas, 21 caixas relogios, 8 caixas salsa parrilha, 1 dita charutos ; a R. Deppermam.

400 barricas farinha, 30 barris carne salgada, 20 rolos esteiras, 25 saccos sal, 199 barricas bacalhão ; a H. Forster & C.

5 caixas aço, 1 caixa de ferro ; a C. Starr & C.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 23.	41:377$272
Idem do dia 26	1:933$877
	43:311$149

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 23	4:490$785
Idem do dia 26	94$517
	4:585$302

Exportaçao'.

Assu', hiate nacional «Angelica», de 82 toneladas, conduzio o seguinte : — 60 volumes generos estrangeiros, 30 ditos ditos nacionaes.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 23	18:884$144
Idem do dia 26.	593$170
	19:477$314

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 23.	54:058$453
Idem do dia 26	2:097$930
	56:156$383

PAUTA

dos preços correntes do assucar, algodão, e mais generos do paiz, que se despacham na mesa do consulado de Pernambuco, na semana de 26 a 30 de dezembro de 1854.

Assucar em caixas branco 1.ª qualidade	@	2$700
» » » 2.ª »	»	2$300
» » » masc.	»	1$900
» bar. e sac. branco.	»	2$500
» » » mascavado	»	1$600
» refinado	»	3$200
Algodão em pluma de 1.ª qualidade	»	5$800
» » » » 2.ª »	»	5$400
» » » » 3.ª »	»	5$000
» em caroço	»	1$425
Espirito de aguardente	canada	$560
Aguardente cachaça	»	$320
» de canna	»	$500
» restilada	»	$450
Genebra	»	$480
»	botija	$220
Licor	canada	$480
»	garrafa	$220
Arroz pilado— duas arrobas, um	alqueire	3$200
» em casca	»	1$200
Azeite de mamona	canada	$560
» » mendobim e de coco	»	2$200
« » de peixe	»	1$280
Cacau	@	5$000
Aves — araras —	uma	10$000
» — papagaios	um	3$000
Bolachas	@	5$120
Biscoitos	»	7$680
Café bom	»	4$100
» restolho	»	2$800
» com casta	»	4$500
» muido	»	6$400
Carne secca	»	5$400
Cocos com casca	cento	3$000
Charutos bons	»	1$200
» ordinarios	»	$600
» regalia e primor	»	2$200
Cera de carnauba	@	8$500
» em velas	»	10$000
Cobre novo mão d'obra	@	$160
Couros de boi salgados	»	$160
» expixados	»	$180
» verdes	»	$090
» de onça	»	15$000
» » cabra cortidos	»	$200
Doce de calda	»	$200
» » goiaba	»	$160
» secco	»	$400
» jaléa	»	$320
Estôpa nacional	@	1$280
» estrangeira, mão d'obra	»	1$000
Espanadores grandes	um	2$000
» pequenos	»	1$000
Farinha de mandioca	alqueire	2$560
» » milho	@	2$000
» » araruta	»	5$500
Feijão	alqueire	3$200
Fumo bom	@	8$000
» ordinario	»	3$000
» em folha bom	»	8$000
» » » ordinario	»	4$000
» » » restolho	»	3$000
Ipecacuanha	»	32$000
Gomma	alq.	3$000
Gengibre	@	1$500
Lenha de achas grandes	cento	2$400
» » » pequenas	»	$800
» » toros	»	10$000
Pranchas de amarello de 2 costados	uma	16$000
» » louro	»	7$000
Costado de amarello de 35 a 40 p. de c. e 2 ½ a 3 de l.	»	25$000
» de dito usuaes	»	10$000
Costadinho de dito	»	9$000
Soalho de dito	»	6$500
Ferro de dito	»	4$000
Costado de louro	»	6$000
Costadinho de dito	»	5$200
Soalho de dito	»	3$200
Forro de dito	»	2$200
» » cedro	»	3$000
Toros de tatajuba	quintal	1$280
Varas de parreira	duzia	1$280
» » aguilhadas	»	1$600
» » quiris	»	$960
Em obras rodas de sicupira para c.	par	40$000
» » eixos » » » »	»	16$000
Melaço	canada	$160
Milho	alqueire	1$600
Pedra de amolar	uma	$640
» » filtrar	»	6$000
» » rebolos	»	$800
Pontas de boi	cento	4$000
Piassava	molho	$320
Sola ou vaqueta	meio	2$100
Sebo em rama	@	5$200
Pelles de carneiro	uma	$200
Salsa parrilha	@	18$000
Tapioca	»	2$500
Unhas de boi	cento	$210
Sabão	@	$095
Esteiras de perperi	uma	$160
Vinagre pipa	»	30$000
Cabeças de cachimbo de barro	milheiro	5$000

(*) Por um mero esquecimento ha deixado de sahir esta poesia, que esta em nosso poder ha oito dias. *Os. RR.*

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados nos dia 24.

Rio de Janeiro—19 dias, brigue portuguez *Viajante*, de 258 toneladas, capitão Manoel dos Santos, equipagem 12, em lastro ; ao capitão.

Terra Nova—44 dias, brigue inglez *Runymede*, de 200 toneladas, capitão Samuel Prowse, equipagem 13, carga baca hão ; a Mc. Calmont & Companhia.

Ilha de Santa Helena—10 dias, barca ingleza *Cambraia*, de 405 toneladas, capitão R. P. Bozey, equipagem 15, em lastro ; a Mc. Calmont & Companhia.

Antuerpia—35 dias, escuna prussiana *Kennett Kingsoford*, de 185 toneladas, capitão J. Ladewig, equipagem 9, carga fazendas e mais generos ; a C. J. Astley & Companhia.

Hamburgo—36 dias, brigue hamburguez *Olava*, de 348 toneladas, capitão J. Thormohlenr, equipagem 12, carga cemento ; a Bidoulac. Com 9 passageiros.

Navios sahidos no mesmo dia.

Dunckerque—Patacho francez *Le Bom Pére*, capitão Tourneau, carga algodão e mais generos.

Cotinguiba—Escuna hamburgueza *Minerca*, capitão T. Lolling, em lastro.

Rio de Janeiro—Brigue brasileiro *Sagitario*, capitão Francisco de Assis Gonçalves Penna, carga assucar e mais generos. Passageiro, Luiz de S. Boaventura Selerno, 1 filho, 1 criado e 1 escravo.

Navio entrado no dia 25.

Montevidéo—36 dias, escuna hespanhola *Coulebra*, de 122 toneladas, capitão José Ventura, equipagem 9, em lastro a Aranaga & Bryan.

Navios sahidos no mesmo dia.

Pará—Escuna brasileira *Flora*, capitão José Severo Moreira Rios, carga assucar e mais generos.

Havre—Barca franceza *José*, capitão Houdet, carga assucar, algodão e couros.

Navios entrados no dia 26.

Cotinguiba—8 dias, hiate brasileiro *Sergipano*, de 54 toneladas, mestre Henrique José Vieira da Silva, equipagem 7, carga assucar ; a José Teixeira Bastos.

Rio de Janeiro—40 dias, brigue brasileiro *Flor do Rio*, de 250 toneladas, capitão José Francisco Lopes da Costa, equipagem 11, em lastro ; a Isaac & Companhia. Veio receber pratico e segue para o Assú.

Boston—53 dias, patacho americano *Helien F. Ryder*, capitão G. B. Smith, carga farinha de trigo ; a Henry Forster & Companhia.

Lisboa—31 dias, brigue portuguez *Laia*, de 267 toneladas, capitão Caetano da Costa Martins, equipagem 16, carga vinho e mais generos ; a Francisco Severiano Rabello & Filho. Passageiro, José Lopes Oliveira.

Assú—8 dias, hiate brasileiro *Correio do Norte*, de 37 toneladas, mestre José Joaquim Duarte, equipagem 6, carga sal, palha e mais generos ; a Cetano Cyriaco da Costa Moreira.

Navios sahidos no mesmo dia.

Marselha—Polaca franceza *Le Jeune Barron*, capitão Penellon Jean Marie Lazar, carga assucar.

Liverpool—Barca ingleza *Midas*, capitão Wm. Anderson, carga assucar.

Rio da Prata—Escuna noruegense *Werand*, capitão N. Trap, carga assucar e mais generos.

Maceió—Brigue escuna de guerra inglez *Spy*, commandante R. F. Boyle.

EDITAES.

O Dr. Francisco de Oliveira Maciel, juiz municipal da segunda vara desta cidade do Recife de Pernambuco, por S. M. o Imperador, que Deos guarde, etc.

Faço saber aos que o presente edital virem que a requerimento de José Rodrigues da Silva Rocha, commerciante estabelecido nesta praça com loja de ferragens sita na rua do Queimado n. 30, se acha por este juizo aberta a sua fallencia pela sentença do theor seguinte :

A' vista da declaração a fls. 2, julgo fallido José Rodrigues da Silva Rocha, e declaro aberta a sua fallencia desde o dia 15 de novembro proximo passado, que fecho para termo legal de sua existencia, e por isto mando que se ponham sellos em todos os seus bens, terras e papeis ; e nomeio para curador fiscal da fallencia ao negociante Antonio Valentin da Silva Barroca, que prestará o juramento do estylo. Pague o fallido as custas. Recife 5 de dezembro de 1854. *Francisco de Assis Oliveira Maciel.*

Em cumprimento do que todos os credores presentes do referido fallido compaçam em casa da minha residencia no segundo andar da rua do Rosario estreita n. no bairro de Santo Antonio do Recife no dia 29 do corrente, pelas 9 horas da manhãa, afim de procederem a nomeação de depositario ou depositarios, que hão de receber e administrar provisoriamente a casa fallida.

E para que chegue a noticia de todos, mandei passar o presente, que será publicado pela imprensa, e affixado nos lugares designados no art. 129 do regulamento n. 738 de 25 de novembro de 1850. Dado e passado nesta cidade do Recife de Pernambuco 21 de dezembro de 1854. Eu Pedro Tertuliano da Cunha escrivão subscrevi.—*Francisco de Assis Oliveira Maciel.*

O Dr. Custodio Manoel da Silva Guimarães, juiz de direito da primeira vara do civel e commercio, nesta cidade do Recife e seu termo por S. M. I. e C. o Senhor D. Pedro II, que Deos guarde etc.

Faço saber aos que o presente edital virem, que tendo-se ultimado a instrucção do processo da fallencia de Victorino & Moreira, e devendo-se em conformidade dos artigos 132 e 133 do respectivo regulamento, convocar os credores dos mesmos fallidos, afim de se verificar os creditos ; por isso pelo presente chamamos a todos os credores dos referidos fallidos, cujos domicilios se não sabe, para que compareçam no dia 27 do corrente, pelas 10 horas da manhãa, em casa de minha residencia, na rua da Concordia, para dito fim, visto constar que não existem credores fóra da provincia e do imperio, ficando certo que pelo artigo 842 do codigo commercial não póde ser admittido credor algum por procurador senão tiver poderes especiaes para o acto, e que a procuração não póde ser dada á pessoa que seja devedora do fallido, e nem um só procurador representar por dous diversos credores.

E para que chegue á noticia de todos mandei passar o presente, e mais outro do mesmo theor, sendo um affixado na praça do commercio, e outro publicado pela imprensa.

Dado nesta cidade do Recife de Pernambuco em 22 de dezembro de 1854.—Eu Joaquim José Pereira dos Santos, escrivão o subscrevi.

Custodio Manoel da Silva Guimarães.

Ignacio José Pinto, fiscal da freguezia da Boa-Vista do termo da cidade do Recife etc. etc.

Faço publico para conhecimento de quem pertencer, que pelo Exm. Sr. presidente da provincia foi approvada a postura addicional abaixo transcripta, conforme me foi communicado pela camara municipal desta cidade em officio de 20 do corrente mez.

Postura addicional approvada em 16 de dezembro de 1854.

Art. 1.º Ninguem poderá estabelecer d'ora em diante padarias senão nos lugares seguintes : rua do Brum, desde a parte ainda não edificada até a fortaleza. Imperial, da casa do cidadão Antonio da Silva Gusmão para diante, Cabanga e volta dos Coelhos, rua do Caes projectada ao oeste da freguezia de S. José, a partir da travessa do Monteiro para o sul e pelos que ficam entre esta ultima e a Augusta, terreno devoluto a começar das edificações da praia de Santa Rita, lado do leste em seguimento, praia de S. José ao sahir no largo das Cinco Pontas, becco das Barreiras, Soledade e Santo Amaro. As ditas padarias terão os seus fornos construidos segundo o plano adoptado pela camara, o que será verificado por meio de exame. Os infractores serão multados em 30$000, soffrerão 4 dias de prisão e lhe serão fechadas as officinas.

Art. 2.º As que actualmente existem no centro da cidade serão removidas para os referidos lugares dentro do prazo improrogavel de 6 mezes, sob pena de pagarem os seus donos 30$000, e de lhe serem fechadas as fabricas. E para que não appareça a menor ignorancia, mandei publicar o presente pelo *Diario*.

Freguezia da Boa-Vista 26 de dezembro de 1854. —O fiscal, *Ignacio José Pinto.*

DECLARAÇO'ES.

— O conselho de administração do segundo batalhão de infantaria, precisando de contratar do primeiro de janeiro em diante, generos alimenticios de melhor qualidade para o rancho das praças do mesmo, convida por isso aquellas pessoas que quizerem fornecer de pão, assucar, café, carne verde, dita secca, bacalhão, toucinho, feijão, arroz, farinha, azeite doce, vinagre e lenha, dirijam á secretaria do referido batalhão ate o dia 30 do corrente as suas propostas em cartas fechadas.—*José Manoel de Souza*, tenente agente.

— Pela administração do correio desta cidade se faz publico a quem possa interessar, que no dia 30 do corrente se vai proceder a consumumo as cartas em ser do anno de 1853 a 1854, conforme determina o artigo 9 do decreto de 15 de maio de 1854. — O administrador interino, *Domingos dos Passos Miranda.*

— Em cumprimento das ordens do Exm. Sr. presidente esta repartição venderá em leilão publico a aguardente desembarcada ultimamente do transporte *Pirapama*, vinda da ilha de Fernando em consequencia de haver alli sido tomada como introduzida em contravenção as ordens do governo, sendo a quantidade duas pipas, pouco mais ou menos, e a renda effectuada com os respectivos vasilhames no

MUTILADO

dia 27 do corrente mez, pelas 11 horas da manhãa, na porta do almoxarifado. Inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco 21 de dezembro de 1854.— O secretario, *Alexandre Rodrigues dos Anjos.*

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo, em virtude da autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de comprar os objectos seguintes:

Para o hospital militar.

Apparelho a deslocamento 1, ballões de differentes capacidades 6, capsulas de porcelana de 4 libs. a 2 2, ditas ditas de 3 libras 2, ditas ditas de 2 libras 2, ditas ditas de 1 libra 2, ditas ditas de 8ª 2, ditas de vidro de differentes tamanhos 6, cadinhos de 1 a 10, 12, copos graduados de 2 libras 2, ditos ditos de 1 libra 2, ditos ditos de 8º 2, ditos ditos de 4º 2, caixas de pinho forradas de folha para guardar medicamentos, de palmo e meio em quadro, e 2 palmos e 2 pollegadas de alto, com as suas competentes tampas 26, flanella fina, covados 12, garrafas pretas de 24º 100, ditas brancas francezas 50, ditas pretas de 12º 100, madapolão, peças 12, machina para aguas mineraes 1, marmita de papim 1, marmita de pressão pela agua 4, maquineta com seus pertences 1, matrazes 4, partilhador completo 1, retortas de differentes capacidades 4, vasos de 4 libras 24, ditos de 2 libras 24, vidros a esmeril de 4 libras 12: quem quizer vender estes objectos apresente as suas propostas em cartas fechadas, na secretaria do conselho administrativo, as 10 horas do dia 27 do corrente mez. Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 22 de dezembro de 1854.—*José de Brito Inglez*, coronel presidente.

Conselho administrativo.

O conselho administrativo em cumprimento do art. 22 do regulamento de 14 de dezembro de 1852, faz publico que foram aceitas as propostas de Bartholomeu Francisco de Souza, Antonio Alves da Fonseca, João Fernandes Parente Vianna, Souza & Irmão, e Antonio Francisco Correa Cardoso, para fornecerem: o 1.º os medicamentos pedidos para a botica do hospital regimental, segundo já foi annunciado na importancia de 739$950 rs., e os pedidos para a colonia de Pimenteiras na importancia de 301$540 rs.; o 2.º os ornamentos para a capella da fortaleza do Brum, conforme o pedido ja annunciado, no valor de 160$640 rs.; o 3.º 4 colheres de pedreiro de 10 polegadas a 640 rs., 2 ditas de 6 ditas a 600 rs., 4 pinceis para caiar a 1$200 rs., 6 ferros de capa para garlopa com 2 ½ palmos de largura a 800 rs., 6 ditos sem capa de 1 ½ palmo a 240 rs., 6 ditos de 1 a 200 rs., 2 trados de meia polegada a 1$200 rs., 12 librasde cola da Bahia a 400 rs., 4 milheiros de pregos caixaes a 2$600 rs., 5 libras de ditos de arame de 1 polegada de comprimento a 480 rs., 10 arrobas de ferro sueco em barras chatas de 2 ½ palmos a 2$700 rs., 4 ditos de 1 ½ palmo a 2$700 rs.; o 4.º 30 enchadas calçadas de aço a 1$000 rs., 24 pas de ferro grandes a 14$500 rs. a duzia, 12 ditas pequenas por 11$500 rs., 3 duzias de formões de aço sortidos a 2$950 rs., 6 enxós com fuzil a 1$180 rs., 2 trinchas com 1 ½ pollegada de largura a 1$200 rs., 2 ditas com 1 pollegada a 1$000 rs., 2 ditas de 3/4 a 800 rs., 6 compaços de 12 pollegadas a 480 rs., 2 trados de 1 a 800 rs., 2 ditos de 3/4 a 640 rs., 12 limas triangulares de grãa fina para amolar serrotes por 2$400 rs., 119 milheiros de pregos caibraes a 2$200 rs., 11 ditos de ditos bateis grandes a 3$500 rs., 3 ditos de ditos caixaes a 2$600 rs., 10 ditos de ditos de assoalho a 2$360 rs., 2 ditos de ditos de guarnição grandes a 1$200 rs., 5 ditos de ditos pequenos a 800 rs., 2 arrobas de aço de milão a 5$500 rs, 3 limas meia cana de 14 pollegadas a 640 rs., 3 ditas de 8 a 200 rs., 3 ditas de 4 a 80 rs.; o 5.º 36 verrumas sortidas a 70 rs., 11 milheiros de pregos batel pequenos a 2$300 rs., 4 ditos de ditos caixaes a 2$600 rs., 11 ditos de ditos de forro de sala a 1$600 rs., 3 ditos de ditos de guarnição grandes a 1$200 rs., 5 libras de ditos de arame de 1 pollegada de comprimento a 480 rs., 3 limas chatas de 14 pollegadas a 600 rs., 3 ditas de 8 a 200 rs., 3 ditas de 4 a 80 rs., 3 ditas muças de 8 a 440 rs., 3 limas triangulares de 4 polegadas a 200 rs.; e avisa aos supraditos vendedores que devem recolher os referidos objectos ao arsenal de guerra no dia 27 do corrente mez. Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 23 de dezembro de 1854.—*Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

AVISOS MARITIMOS.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Sahe com muita brevidade, o bem conhecido patacho nacional «Valente», capitão Francisco Nicola'o de Araujo: para o resto da carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Novaes & C., ou com o capitão na praça.

— Para Lisboa pretende seguir com toda a brevidade a barca portugueza «Gratidão»: para carga e passageiros, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

Para o Rio de Janeiro

Segue em poucos dias, o brigue nacional «Hebe», capitão André Antonio da Fonseca, por ter a maior parte do seu carregamento prompto: para o resto e escravos a frete, trata-se com Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

— Para o Rio de Janeiro pretende sahir com a possivel brevidade o patacho nacional «D. Pedro V»: para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Para Lisboa pretende seguir com brevidade o brigue portuguez «Ribeiro» de primeira marcha: quem nelle quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

— Para o Porto vai sahir com muita brevidade por ter a maior parte da carga prompta, a veleira galera «Bracharense»; para carga e passageiros, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

RIO DE JANEIRO.

O brigue nacional «Damão» segue por estes dias; para carga e passageiros para os quaes tem optimos commodos: trata-se com Machado & Pinheiro, rua do Vigario n. 19, segundo andar.

LEILO'ES.

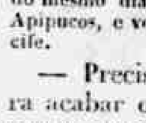
— Luiz Antonio Annes Jacome, como liquidatario da casa de Domingos Ferreira de Souza Vasconcellos, fara' leilão por intervenção do agente Borja, da armação e generos existentes na taberna daquelle senhor, sita no pateo do Terço n. 2, quinta feira 28 do corrente as 10 horas em ponto.

AVISOS DIVERSOS.

—Tendo-se reconhecido que a despeza de escripta e cobrança do importe dos annuncios he superior ao valor delles, previne-se aos senhores assignantes deste «Diario» que quando os mandarem, remettam igualmente a sua importancia; alias não serão publicados.

— Lava-se, engomma-se e cose-se, com perfeição: na rua da Guia, no fundo do sobrado n.º 44, sendo a entrada pelo becco que vai sahir na rua de Apollo.

— Precisa-se alugar um moleque para o serviço de um rapaz solteiro, que seja fiel, que não beba, e que entenda do serviço a que he destinado: na rua do Trapiche Novo, n. 16, segundo andar.



Domingo, 31 do corrente, sahirão dous omnibus para a cidade de Olinda, o primeiro partirá as 6 horas da manhãa e o segundo as 7, e voltará d'alli o primeiro as 5 horas da tarde, e o segundo as 6 horas: quem quizer ver Nossa Senhora do Monte aproveite a occasião comprando bilhetes no escriptorio da rua das Larangeiras n. 18; as 6 horas da manhãa, do mesmo dia sahirá um omnibus na direcção de Apipucos, e voltara as 7 horas da noite para o Recife.

— Precisa-se de uma ama de leite para acabar de criar uma criança de seis mezes, que tenha bom leite, preferindo-se sem filho: a tratar na praça da Independencia n. 1, ou na rua Bella n. 27.

— Chegaram os sellins de Borrenha: na rua da Senzalla Nova n. 42, em casa de S. P. Johnston & C.

— Perdeu-se na missa do Natal, na madrugada do dia 24 para 25, desde a porta da matriz da Boa-Vista até o principio da ponte, uma pulceira de ouro nova, de gosto francez; roga-se a pessoa que a tiver achado de mandar entregar no segundo andar da casa n. 3, no aterro da Boa-Vista, que sera' gratificado, e se lhe ficara' muito obrigado,

— O abaixo assignado deixou de vender charutos desde o 1. de dezembro, no armazem de Candido Alberto Sodré da Motta, e continúa a vender na rua do Amorim n. 36, por preços commodos.

Agostinho Ferreira Senra Guimarães.

— O Sr. Dr. Lourenço Bezerra Carneiro da Cunha tem uma carta na rua do Cabugá n. 11.

CONSULTORIO DOS POBRES

25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

25 RUA DO COLLEGIO 25

VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar á pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.

Ditas 36	ditos	a	20$000
Ditas 48	ditos	a	25$000
Ditas 60	ditos	a	30$000
Ditas 144	ditos	a	60$000
Tubos avulsos			1$000
Frascos de meia onça de tinctura			2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptá-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

— Novos livros de homeopathia no francez, obras todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes	20$000
Teste, molestias dos meninos	6$000
Hering, homeopathia domestica	7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica	6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes	16$000
Jahr, molestias nervosas	6$000
Jahr, molestias da pelle	8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes	16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos	10$000
A Teste, materia medica homeopathica	8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica	7$000
Clinica de Staoneli	6$000
Casting, verdade da homeopathia	4$000
Diccionario de Nysten	10$000
Attlas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano	30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua de Collegio n. 25, primeiro audar.

CASA DA AFERIÇÃO, PATEO DO TERÇO, N. 16.

O abaixo assignado faz ver a quem interessar possa, que no dia 31 do corrente finalisa-se o prazo marcado pelo art.2.º do tit. 11.º das posturas da camara municipal desta cidade, dentro do qual devem ser aferidos os pesos e medidas; findo este incorrerão os contraventores nas penas do mesmo artigo. Recife 13 de dezembro de 1854.— *Prazedes da Silva Gusmão.*

PUBLICAÇAO' DO INSTITUTO HOMEOPATHICO DO BRASIL.

THESOURO HOMEOPATHICO OU VADE-MECUM DO HOMEOPATHA.

Methodo conciso, claro e seguro de curar homeopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil, redigido segundo os melhores tratados de homeopathia, tanto europeos como americanos, e segundo a propria experiencia, pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho. Esta obra he hoje reconhecida como a melhor de todas que tratam da applicação homeopathica no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não podem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la. Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos etc. etc., devem te-la a mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura por 10$000
» » encadernados 11$000

vende-se unicamente em casa do autor, no palacete da rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque, professor jubilado de grammatica latina, tem estabelecido sua aula particular na rua Direita sobrado n. 27, segundo andar, onde recebe todos os alumnos, quer externos ou internos, tanto desta praça como do mato, mediante a razoavel convenção que pessoalmente offerecera'.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar.

Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— O Sr. procurador da camara municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

— O Sr. Antonio Ferreira da Costa Braga tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Aluga-se para o serviço de bolieiro um escravo mulato com muita pratica desse officio. Na rua da Saudade fronteira á do Hospicio, casa da residencia do Dr. Lourenço Trigo de Loureiro.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Antonio Egidio da Silva, lente de geometria do lyceu desta cidade, abre no dia 2 de janeiro do anno vindouro, na casa de sua residencia, na rua Direita n. 78, um curso de geometria por Euclides e Lacroix: os senhores estudantes que o quizerem frequentar, poderão dirigir-se a mencionada casa, de manhãa das 7 horas até as 9, e de tarde das 3 até as 5.

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

—Precisa-se fallar ao Sr. Jacintho Affonso Botelho, que morou no aterro da Boa-Vista, e hoje dizem que mora para as bandas de Beberibe, e como se não saiba o lugar de sua morada pede-se-lhe annuncie, ou dirija-se a esta typographia.

—Aluga-se uma casa terrea na povoação do Monteiro, com a frente para a igreja de S. Pantaleão, muito limpa, fresca, com commodos para familia regular, tendo uma porta e duas janellas na frente: a tratar com Antonio José Rodrigues de Souza Junior, na mesma povoação, ou na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

— Na rua de S. Francisco, como quem vai para a rua Bella, sobrado n. 8, precisa-se de uma preta escrava, que saiba tratar de uma criança: quem a tiver sendo fiel, dirija-se ao mesmo sobrado.

— L'iride Italiana, revista artistica, scientifica e litteraria, debaixo do immediato patrocinio de S. M. o Imperador, redigida em duas linguas pelas mais conhecidas capacidades do imperio, e dirigida pelo professor A. Galeano-Ravara. Subscreve-se em Pernambuco, na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Aluga-se o primeiro andar do sobrado da rua da Penha n. 17: a tratar no sobrado contiguo n. 19.

— A firma de Eiras & Companhia foi dissolvida no dia 20 do presente mez de dezembro de 1854, ficando o Sr. Eiras com a taberna, sita na rua de S. Francisco n. 68, e obrigado aos pagamentos dos credores que se dever até esta data; e o Sr. José Pedro Gaio de Miranda com a taberna, sita no pateo do Paraizo n. 14.

Loteria da Provincia.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima e Mello, avisa ao publico que tem as suas cautellas da loteria da amoreira e criação do bicho da seda, que corre no dia 13 de janeiro, no Recife loja n. 11, rua do Rosario n. 26, dita Direita n. 62, aterro da Boa-Vista n. 58, na povoação do Monteiro em casa do Sr. Nicoláo, e em sua loja rua Nova n. 4, pelos preços abaixo declarados.

Bilhetes	5$000
Meios	2$800
Quartos	1$500
Decimos	700
Vigesimos	400

AGUA DOS AMANTES.

Liquido são e especifico para tirar todos os pannos, as sardas e as espinhas (a estas ou as tira de todo ou desenflamma, segundo a sua qualidade), refresca a cutis e faz desapparecer a côr trigueira em cinco dias, de um modo particular; augmenta o lustre e tira as rugas das pessoas que tem feito uso do solimão, que he muito prejudicial á cutis e a saude: cura a bortueja com muita facilidade, por ser muito fresca e sem prejudicar a saude. Em algumas pessoas faz mudar os pannos em tantas pintinhas brancas, que se tornam em uma só de côr natural; ficando desvanecidas todas as manchas, tanto das sardas como de outras quaesquer manchas de todo o corpo.

O methodo de a usar he o seguinte: lavar o rosto (ou qualquer parte do corpo) bem lavado, e com uma toalha lavada se limpa e enchuga-se bem; deposita-se um pouco d'agua n'uma colher de sopa, e com um trapinho ensopado nella se esfrega na parte afectada na occasião de deitar-se e de manhãa. Esta operação será feita deixando ficar o rosto e o corpo untado até segunda fricção, tendo sempre o cuidado de lavar-se e enchugar-se bem antes de untar-se.

Volta-se o duplo do valor quando não faça effeito, e vende-se no unico deposito da rua do Queimado n. 27, preço fixo 2$ a garrafa.

— Antonio Joaquim Seve declara que o Sr. Francisco Xavier Alves Quintal deixou de ser seu caixeiro desde o dia 18 do corrente mez.

AO PUBLICO.

No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,

vende-se um completo sortimento de fazendas, finas e grossas, por preços mais baixos do que em outra qualquer parte, tanto em porções, como a retalho, affiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãas e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecendo elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida a' todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a' bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas, no armazem da rua do Collegio n. 2, de

Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

—Antonio José Firmo, faz sciente ao respeitavel publico que tem montado um estabelecimennto de carros funebres na rua Augusta casa n. 21, freguezia de S. José, com todos os pannos e mais utensilios recommendados no regulamento do cemiterio; promette bem servir a todas as pessoas que se dignarem incumbi-lo de qualquer enterro, e tambem se compromette a fornecer carros de passeio, cera, musica, padres, etc.: espera, portanto, ser coadjuvado pelo respitavel publico no seu novo estabelecimento.

— Aluga-se uma casa e sitio na Capunga, com bons commodos: na rua do Queimado n. 12.

— Francisco Lucas Ferreira, com cocheira de carros funebres no pateo do Hospital n. 10, encarrega-se de qualquer funeral, sendo padres, musica, cera, armação na igreja ou em casa, carros de passeio e tirar guia da camara, e ahi encontrarão tudo com aceio, segundo dispõe o regulamento do cemiterio.

— Desappareceu hontem, 25 do corrente, uma negra de nação Congo, idade 40 annos, pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: altura regular, olhos bugalhados, muito vergonhosa, rosto marcado, levou uma trouxa de roupa, e como sahio de madrugada ignora-se que vestido levou; desconfia-se que fosse para o matto de Santo Amaro de Jaboatão ou immediações do engenho Macujé: quem a pegar, leve-a á rua Direita n. 16, ou na villa do Cabo, a Ignacio Tolentino de Figueiredo Lima, que será recompensado.

— O Dr. Carolino Francisco de Lima Santos mora na rua das Cruzes n. 18, primeiro andar, onde continúa no exercicio de sua profissão de medico; e utilisa-se da occasião para de novo ao publico offerecer seu prestimo como medico parteiro, e habilitado as operações das vias ourinarias, por se ter a ellas dado com especialidade em França.

— Da casa pertencente ao Sr. José Leão de Castro, sita no lugar denominado Cordeiro, fugiram as 7 horas da noite do dia 15, duas escravas mãi e filha, sendo a mãi cabra, de nome Maria, representa ter 50 annos, tem os cabellos brancos, he corcovada, tem um dedo da mão esquerda muito fino e torto, proveniente de um panaricio; a filha de nome Rosa, mulata, de idade 24 annos, pouco mais ou menos, he bastante corpolenta, cabellos carapinhos, olhos vesgos, vê pouco por um delles; foram escravas do Sr. coronel Seraphim da Silva Ferraz, morador no lugar chamado Riacho do Navio, distante da Fazenda Grande ou antiga villa de Floresta 5 leguas, hoje pertencem ao abaixo assignado que recompensa com 100$ rs. a quem as apprehender e levar na mesma casa, ou á rua da Cadeia do Recife, loja n. 5.

Antonio Bernardo Vaz de Carvalho.

— Quem perdeu um par de argolas de orelha, o qual julga-se ser de ouro, procure na casa da rua das Aguas-Verdes n. 16, que dando os signaes lhe será entregue, passando o competente recibo, e pagando o importe do annuncio.

Gratificação.

Perdeu-se uma carteira homeopathica na noite de 24 para 25 do corrente na igreja matriz de Santo Antonio, em occasião da missa de Natal; quem a tiver achado e entregar na rua do Collegio n. 12, será generosamente gratificado.

LOTERIA DA PROVINCIA.

—O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa ao respeitavel publico, que a primeira parte da primeira loteria a beneficio da cultura d'amoreiras e bicho de seda, corre indubitavelmente no dia 15 de janeiro de 1855 debaixo de sua responsabilidade, seja qual for a quantidade de bilhetes que ficarem por vender, no consistorio da igreja da Conceição dos militares, as 8 para 9 horas da manhãa. Pernambuco 21 de dezembro de 1854.— O cautelista, Salustiano de Aquino Ferreira.

— Precisa-se de uma ama para casa de muito pouca familia: no becco da Lingoeta, taberna n. 4.

— Precisa-se de uma ama livre para o serviço interno e externo de uma casa de familia: na rua Bella n. 33.

— A Sra. D. Candida Rufina dos Santos queira procurar uma carta de importancia, vinda do Crato: na loja de ferragens, na rua do Queimado n. 13.

— Precisa-se do um rapaz portuguez, de 14 a 16 annos, para caixeiro de taberna: na rua da Concordia n. 26.

— Dá-se dinheiro a premio com hypotheca em predios nesta praça: quem pretender annuncie.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Aos 5:000$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Antonio Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que os seus bilhetes e cautelas não soffrem o desconto dos oito por cento nos tres premios grandes, os quaes se acham á venda nas seguintes lojas: praça da Independencia n. 4, do Sr. Fortunato, 13 e 15 do Sr. Arantes, e 40 do Sr. Faria Machado; rua do Queimado n. 37 A, do Sr. Freire; rua da Praia, loja de fazendas do Sr. Santos; rua larga do Rosario n. 40, do Sr. Manoel José Lopes; e praça da Boa-Vista, loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista, cuja loteria tem o seu andamento infallivel em 13 do futuro janeiro.

Bilhetes	5$500	recebe por inteiro	5:000$000
Meios	2$800	»	2:500$000
Quartos	1$500	»	1:250$000
Oitavos	800	»	625$000
Decimos	700	»	500$000
Vigesimos	400	»	250$000

— Perdeu-se um conhecimento de n. 90 da quantia de 400$000, recebido na thesouraria da fazenda desta provincia: quem o tiver achado, ou por qualquer modo delle esteja de posse, dirija-se á rua da praia de Santa Rita n. 42, que será generosamente gratificado, além do agradecimento.

— Traspassa-se uma boa loja na rua Nova, quem pretender dirija-se a rua Nova n. 42.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a venda nas lojas do costume os bilhetes da 5.ª loteria do conservatorio de musica, a qual correu em 22 do presente, as listas se esperam de 2 a 5 de janeiro pelo «Tocantins» ou «Salvador.» Os premios são pagos a vista e sem desconto algum.

— Precisa-se de uma ama para o serviço de uma casa de familia, ou uma escrava, ou moleque para se alugar para o serviço de casa: na rua Direita n. 88, primeiro andar.

— Precisa-se de uma ama que tenha bom e bastante leite, para crear um menino, pagando-se bem; na rua Direita n. 66.

— Precisa-se de uma ama forra, que engomme perfeitamente, paga-se bem: no aterro da Boa-Vista loja n. 48.

—A directora do collegio da Conceição annuncia aos pais das meninas que lhe foram confiadas, e aquellas pessoas que trataram de mandar meninas para o mesmo collegio, que elle se torna a abrir a 8 de janeiro de 1855, por se findarem nessa data as ferias dadas.

—O Sr. Luiz Antonio da Cunha, passageiro do brigue portuguez «Bom Sucesso», chegado no dia 21 do corrente mez, dirija-se a rua do Crespo loja n. 4, a negocio.

— Precisa-se de um preto para trabalhar no campo e que saiba tirar leite em vaccas: a tratar na rua do Queimado n. 10, primeiro andar.

— Dá-se 550$000 a juros a premio de 1 1/2 por cento; na rua da Assumpção n. 18.

— Precisa-se de uma ama que saiba bem cozinhar, para casa de homem solteiro: na rua do Queimado n. 40.

— Antonio Joaquim de Abreu retira-se para fóra do imperio.

ROUBO.

No dia 25 do corrente, pelas 4 1/2 para 5 horas da manhãa, roubaram da rua dos Aconguinhos n. 4, os seguintes objectos de ouro: um trancelim chato de escama com uma caçoleta, tendo esta uma palma de um lado, e do outro he esmaltada de buril, um alfinete de peito esmaltado de branco e azul, e mais um par de luvas de seda amarella, um leque, um lenço de cassa rodeado de renda de igual fazenda, e bicó francez, e 4$000 em dinheiro: roga-se a todas as autoridades policiaes a apprehensão de taes objectos; assim como tambem se roga a todos os ourives a quem os objectos de ouro forem offerecidos, o favor de os apprehender; outro sim se recommenda a qualquer pessoa particular que descubrir ditos objectos, avise na rua das Aguas-Verdes n. 22, segundo andar, que além de se gratificar promette-se guardar segredo.

— José Manoel de Araujo faz sciente ao respeitavel publico, que não tem e nunca teve parte alguma na sociedade que gyra debaixo da firma de Araujo & Filhos, na cidade do Penedo, provincia das Alagoas, pois na época em que foi ella estabelecida, se achava o annunciante na cidade do Rio de Janeiro negociando por sua conta; o que provará se fôr preciso com os documentos existentes nesta cidade de Pernambuco em mão de seu procurador o Sr. Dr. Manoel da Silva Rego.

— Troca-se a residencia de um segundo andar na rua estreita do Rosario, que paga 13$000 rs. mensaes de aluguel, por outra em primeiro ou segundo andar, nas ruas larga do Rosario, Queimado, Cadeia, Collegio, Cruzes e pateo do Carmo, cuja aluguel não exceda de 20$000: a fallar na rua estreita do Rosario n. 8, segundo andar, por cima da loja de cera, das 6 as 7 da tarde.

COMPRAS.

— Compra-se toda quantidade de prata velha ou nova, a peso, conforme sua qualidade, preferindo-se maior porção de lei: na rua da Senzala Velha n. 70, se dirá quem compra.

— Compra-se prata brasileira ou hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 54, loja.

— Compram-se canteiros para pipas já usados: na rua das Cruzes n. 35, segundo andar.

— Compra-se effectivamente bronze, latão e cobre velho: no deposito da fundição d'Aurora, na rua do Brum, logo na entrada n. 28, e na mesma fundição em S. Amaro.

VENDAS.

ALMANAK PARA 1855.

Sahiram a' luz as folhinhas de algibeira com o almanak administrativo, mercantil, agricola e industrial desta provincia, corrigido e accrescentado, contendo 400 paginas: vende-se a 500 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FOLHINHAS PARA 1855.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, de algibeira a 320, de porta a 160, e ecclesiasticas a 480 rs., vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

MELPOMENE DE LAN ESCOCEZ

A 500 RS. O COVADO.

Na loja n. 17 da rua do Queimado, ao pé da botica, vende-se alpaca de lãa escoceza, chegada pelo ultimo navio, a qual fazenda na Europa se dá o nome de Melpomene de Escocia, muito propria para roupões e vestidos de senhora e meninos por ser de muito brilho, pelo commodo preço de 500 rs. cada covado; dão-se as amostras com penhores.

MAÇAAS.

Vendem-se no deposito do gello um resto de barricas com maçãas perfeitas, e abre-se para o comprador ver que estão boas: a tratar no mesmo.

MAÇÃAS BARATAS.

Na rua estreita do Rosario n. 11, vendem-se maçãas a 2$000, 3$000 e 4$000 o cento.

— Vende-se uma tourina parida ha um mez, e da' 4 garrafas de leite, para ver, na rua da Concordia em casa de Pedro Guimarães, e a tratar na rua da Praia n. 45, segundo andar.

— Vende-se uma escrava crioula, de idade de 24 annos, com algumas habilidades sem achaques nem vicio algum, ao comprador se dira' o motivo por que se vende: a pessoa que perdender dirija-se a' rua Velha, venda da esquina n. 67.

— Farelo de Lisboa muito novo a 6$000 a sacca: na rua da Cadeia, escriptorio de Manoel Gonçalves da Silva.

Velas de cera de carnauba.

Vendem-se velas de cera de carnauba pura do Aracaty, pelo barato preço de 9$000 a arroba: na rua da Cruz do Recife n. 34, primeiro andar.

ARADOS DE FERRO.

Na fundiçao' de C. Starr. & C. em Santo Amaro acha-se para vender arados de ferro de superior qualidade.

MOENDAS SUPERIORES.

Na fundição de C. Starr & Companhia em Santo Amaro, acha-se para vender moendas de cannas todas de ferro, de um modello e construcção muito superiores.

TAIXAS DE FERRO.

Na fundiçao' d'Aurora em Santo Amaro, e tambem no DEPOSITO na rua do Brum logo na entrada, e defronte do Arsenal de Marinha ha' sempre um grande sortimento de taichas tanto de fabrica nacional como estrangeira, batidas, fundidas, grandes, pequenas, razas, e fundas; e em ambos os logares existem quindastes, para carregar canoas, ou carros livres de despeza. O preços sao' os mais commodos.

Na rua da Cadeia do Recife n. 24 loja de cambio, acham-se a venda bilhetes a 5$500, meios 2$800, quartos 1$500, oitavos 800, decimos 700 e vigesimos 400 rs., da loteria da primeira parte das amoreiras. Esta casa tem sempre sido feliz com os bilhetes e cautelas do cautelista Salustiano de Aquino Ferreira, e paga os tres primeiros premios sem o disconto dos 8 por cento. Pernambuco 21 de dezembro de 1854.—*Salustiano de Aquino Ferreira.*

— Vende-se uma escrava crioula, de 26 annos de idade, muito sadia e sem vicio algum: na rua da Gloria n. 69.

— Vendem-se superiores queijos do sertão, com o peso de 4 libras e meia cada um, pelo preço de 1$280: na rua da Santa Cruz, taberna n. 1.

— Vendem-se saccas com feijão por barato preço, courinhos de cabra bons, ancoras com mel e potassa do Rio de Janeiro: na rua da Madre de Deos n. 34.

—Vende-se uma casa com sitio, no lugar da Torre, a margem do rio, edificada ha pouco tempo, em chãos proprios, com bastantes commodidades, cocheira, estribaria, etc., etc.: quem pretender comprar este predio, dirija-se a rua da Cruz n. 10, que sendo possivel se fara' qualquer negocio.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do conde de Marcuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

FRUCTAS NOVAS.

Na rua estreita do Rosario n. 11.

Vendem-se maçãas e castanhas, peras em latas enfeitadas, damascos e ameixas, bolachinhas de muitas qualidades, e outras muitas cousas proprias para mimos e para passamento de festa, vinho do Porto fino e licores tambem finos, etc., etc.

— Vende-se um fogão de ferro americano em meio uso: a tratar no hotel Europa.

— Vende-se uma casa, sita na rua de Santa Cecilia n. 13; a tratar na rua do Rangel n. 63.

— Vendem-se ricos e modernos pianos, recentemente chegados, de excellentes vozes, e preços commodos: em casa de N. O. Bieber & Companhia, rua da Cruz n. 4.

— Na rua da Cruz, armazem n. 5, vende-se muito superior queijo suisso, repolho conservado, vinho de Bordeaux e mais outros generos, por preço commodo.

— Vende-se uma escrava de meia idade pora engenho; a tratar na rua Imperial n. 80.

PARA ACABAR.

Vendem-se cassas francezas de cores fixas, e lindos padrões, pelo baratissimo preço de 140 rs. o covado: na loja da Guimarães & Henriques, rua do Crespo n. 5.

—Vende-se cognac em caixas de duzia: no armazem de Brunn Praeger & C., rua da Cruz n. 10.

AVISA-SE AO PUBLICO,

que se acha á venda grande porção de presuntos americanos, vendem-se em porções e a retalho, muito bom e barato: em casa do Davis & C., rua da Cruz n. 9.

SACCAS COM FARINHA.

Vendem-se saccas com farinha da terra, nova e bem torrada, e saccas com cera de carnauba: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 18.

Vendem-se chapéos francezes da ultima moda, a 7$000 rs.: na loja de 4 portas da rua do Queimado n. 10.

ALPACAS ESCOSSEZAS A 400 RS. O COVADO, na rua do Queimado n. 40.

Gomma de mandioca

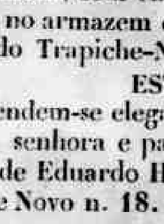
em saccos de 4 arrobas e tantas libras; vendem-se por muito commodo preço para liquidar: na rua da Cruz do Recife n. 34, primeiro andar.

BARATISSIMA.

Vende-se a 3$000 a sacca de alqueire de farinha de S. Matheus, dita de Santa Catharina a 4$000, dita muito fina para mesa a 5$000: na rua da Praia, becco do Carioca, armazem do Pinto n. 8.

—Relogios de ouro, sabonete patente inglez, chegados agora: no armazem de James Halliday, na rua da Cruz n. 2.

SELLINS INGLEZES.



Vendem-se os melhores sellins para homem, que tem vindo a este mercado, com seus competentes freios, etc., incluindo alguns para pagens recentemente despachados, tambem chicotes para carro, homem e senhora, com enfeites de gosto moderno: no armazem de Eduardo H. Wyatt, rua do Trapiche-Novo n. 18.

ESTOJOS.

Vendem-se elegantes estojos de toilette para senhora e para homem: no armazem de Eduardo H. Wyatt, rua do Trapiche Novo n. 18.

VINHOS.

Vendem-se na rua do Trapiche Novo n. 18, em casa de Eduardo H. Wyatt:

Cerveja branca em barricas de 4 e 6 duzias, em garrafas e meias garrafas, vinho do Porto e Xerez, tanto em garrafas como em barris de 4 em pipa, fructas em conserva, em caixas de 1 duzia de garrafas.

Vendem-se romeiras, camizinhas e gollas para senhora, tudo da ultima moda e por preço commodo: na loja de 4 portas da rua do Queimado n. 10.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

— Vendem-se umas lettras com execução e penhora feita no engenho da Escada Jundiá, pertencente ao Sr. Manoel Antonio Dias, que andarão hoje por 13:000$000 rs. pouco mais ou menos: os pretendentes podem dirigir-se ao Trapiche Novo casa n. 14, que farão qualquer negocio.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 3 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

ANTIGO DEPOSITO DE CAL E POTASSA.

No antigo deposito da rua do Trapiche n. 15, ha muito superior potassa da Russia e americana, e cal virgem, chegada ha pouco, tudo por preço commodo.

CONHECIDO DEPOSITO DE POTASSA E CAL.

Na rua de Apollo armazem n. 2 B, continúa a ter superior potassa da Russia e Rio de Janeiro, e cal de Lisboa em pedra: tudo a preço que muito satisfara' aos seus antigos e novos freguezes.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as tinas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Na loja da rua do Crespo n. 6, tem um grande sortimento de caixas para rapé a emitação das de tartaruga, pelo modico preço de 1$280 cada uma.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar.

GRANDE SORTIMENTO DE BRINS PARA CALÇAS E PALITO'S.

Vende-se brim trançado de linho de quadros a 600 rs. a vara; dito a 700 e 1$000; dito mesclado a 1$400; córtes de fustão branco a 400 rs.; ditos de cores de bom gosto a 800 rs.; ganga amarella lisa da India a 400 rs. o covado; córtes de cassa chita a 2$000 e 2$200; lenços de cambraia de linho grandes a 640; ditos pequenos a 360; toalhas de panno de linho do Porto para rosto a 14$000 a duzia; ditas alcoxoadas a 10$000; guardanapos tambem alcoxoados a 3$600: na rua do Crespo n. 6.

O QUE GUARDA FRIO GUARDA CALOR:

portanto, vendem-se cobertores de algodão com pello como os de lãa a 1$400; ditos sem pello a 1$200; ditos de tapete a 1$200: na rua do Crespo n. 6.

RUA DO CRESPO N. 12.

Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, roxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

CASEMIRAS E PANNOS.

Vende-se casemira preta e de côr para palitós por ser muito leve a 2$600 o covado, panno azul a 3$ e 4$000, dito preto a 3$, 3$500, 4$, 5$ e 5$500, córtes de casemira de gostos modernos a 6$000, setim preto de Macao a 3$200 e 4$000 o covado: na rua do Crespo n. 6

OBRAS DE LABYRINTHO.

Acham-se á venda por commodos preços ricos lenços, toalhas e coeiros de labyrintho, chegados ultimamente do Aracaty: na rua da Cruz do Recife n. 34, primeiro andar.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-vens para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo, trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Deposito de fabrica de Todos os Santos na Bahia

Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, algodão trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravos, por preço commodo.

AGENCIA

Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia, a 1$000.

— Vende-se uma taberna na rua do Rosario da Boa-Vista n. 47, que vende muito para a terra, os seus fundos são cerca de 1:200$000 rs., vende-se porém com menos se o comprador assim lhe convier: a tratar junto á alfandega, travessa da Madre de Deos armazem n. 21.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidão: embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

— Vende-se uma boa casa terrea em Olinda, rua da bica de S. Pedro, que faz esquina com o cercado de madeira, com 2 portas e 2 janellas de frente, 3 salas, 3 quartos, cozinha grande, copiar, estribaria, grande quintal todo murado, com portão e cacimba, muito propria para se passar a festa, mesmo para morar todo o anno: a tratar no Recife, rua do Collegio n. 21, segundo andar.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca, em saccas que tem um alqueire, medida velha, por preço commodo: nos armazens n. 3, 5 e 7 defronte da escadinha, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & C., na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pela barca *Gratidão.*

PANORAMAS PARA JARDIM.

Brunn Praeger & C., na rua da Cruz n. 10, receberam e vendem um sortimento de globos de espelho de diversos tamanhos e cores, que formam o mais lindo panorama, postos em uma columna no meio do jardim, como se usa hoje na Europa, nos jardins do bom gosto.

Brunn Praeger & C., na sua casa rua da Cruz n. 10, teem a venda.

Pianos tanto horizontaes como verticaes, dos melhores autores.
Obras de ouro de 18 quil. do mais apurado gosto.
Pinturas em oleo, paisagens e com moldura dourada.
Vistas de Pernambuco, geraes e especiaes.
Cadeiras e sofa's para terraços e jardins.
Oleados de ricas pinturas para mesas.
Vinho de Champagne.
Licores de differentes qualidades.
Presuntos.
Genebra em frasqueiras.
Instrumentos para musica.

NAVALHAS A CONTENTO E TESOURAS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as ja bem conhecidas e afamadas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem no rosto na acção de cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra restituindo-se o importe. Na mesma casa ha ricas tesourinhas para unhas, feitas pelo mesmo fabricante.

— Negocia-se uma casa nova e moderna na estrada da Ponte d'Uchoa, com seis salas, oito quartos e alcovas, cosinha, despensa, com um optimo sitio com toda a qualidade de fruteiras, grande jardim murado com muitas flores, cocheira, estribaria, quarto para feitor, cacimba com bomba, etc., etc.: vende-se debaixo de condições mui favoraveis para o comprador: a tratar na rua da Cruz n. 10.

— Vende-se fio de sapateiro, bom: em casa de S. P. Johnston & Companhia, rua da Sensala Nova n. 42.

FRASCOS DE VIDRO DE BOCCA LARGA COM ROLHAS.

Novo sortimento do tamanho de 1 a 12 libras.

Vendem-se na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, rua larga do Rosario n. 36, por menor preço que em outra qualquer parte.

—Vendem-se em casa de S. P. Johnston & C., na rua de Senzalla Nova n. 42.

Vinho do Porto superior engarrafado.
Sellins inglezes.
Relogios de ouro patente inglez.
Chicotes de carro.
Farello em saccas de 3 arrobas.
Fornos de farinha.
Candelabros e candieiros bronzeados.
Despenceira de ferro galvanisado.
Ferro galvanisado em folha para forro.
Cobre de forro.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWNIAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios pâra engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade, e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes parafusos e cavilhões, moinho de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇAO

se executam todas as encommendas com a superioridade ja conhecida, e com a devida presteza e commodidade em preço.

—Farello de arroz muito novo e por preço commodo, em saccas e barricas, cujo he sandaveis e de muita nutrição para cavallos, gallinhas e cevados: a tratar na Praia de San Francisco cocheira de João da Cunha Reis.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

RUA DO TRAPICHE N. 10.

Em casa de Paton Nash & C., ha para vender:

Sortimento variado de ferragens.
Amarras de ferro de 3 quartos até 1 polegada.
Champagne da melhor qualidade em garrafas e meias ditas.
Um piano inglez dos melhores.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se superior cemento em barricas grandes; assim como tambem vendem-se as tinas: atraz do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida.

ESCRAVOS FUGIDOS.

CINCOENTA MIL REIS DE GRATIFICAÇAO.

Em abril do corrente anno desappareceu do abaixo assignado um seu escravo por nome Sebastião, de nação, já idoso, com algumas rugas no rosto, côr fula, alto, reforçado do corpo, dentes limados, pouca barba, pés e mãos grossos, anda e falla muito descançado; levou camisa de algodão azul de listra e calça de algodão azul; o qual escravo foi comprado a Illma. Sra. D. Marianna da Conceição Pereira, e ha toda certeza de vagar pela Boa-Viagem até Santo Amaro de Jaboatão, onde alli já se conservou oito mezes, e que he de presumir que seja acoutado por alguem; o abaixo assignado protesta proceder com todo o rigor da lei contra quem o possa ter acoutado: roga-se portanto as dignas autoridades policiaes e capitães de campo a captura do mesmo, a entregar na rua do Crespo n. 10.—*José Gonçalves Malceira.*

— Desappareceu da rua da Senzala Velha n. 68, uma preta ja velha, chamada Francisca, falla alguma cousa fanhosa, tem nos pés signaes de ter estado nos ferros; levou vestido roxo: quem a pegar leve-a a dita casa acima, que sera bem recompensado.

— Do engenho Mascatinho, sito na freguezia de Una, fugio em um dos primeiros dias de dezembro, um escravo crioulo, de nome Salvador, de idade de 20 annos pouco mais ou menos, baixo, cor preta, tem uma cicatriz no rosto proveniente de uma apostema que arrebentou: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo, o peguem e levem-a ao referido engenho, ou no Recife no pateo do Carmo n. 17, que se recompensara.

100$000 de gratificação.

Desappareceu no dia 8 de setembro de 1854 o escravo crioulo, amulatado, de nome Antonio, que representa ter 30 a 35 annos, pouco mais ou menos, nascido em Cariri Novo, d'onde veio ha tempos, he muito ladino, costuma trocar o nome e intitular-se forro; foi preso em fins do anno de 1851 pelo Sr. delegado de policia do termo de Serinhaem, com o nome de Pedro Sereno, como desertor, e sendo remettido para a cadeia desta cidade a ordem do Illm. Sr. desembargador chefe de policia com officio de 2 de janeiro de 1852 se verificou ser escravo, e o seu legitimo senhor foi Antonio José de Sant'Anna, morador no engenho Caité, da comarca de Santo Antão, do poder de quem desappareceu, e sendo outra vez capturado e recolhido a cadeia desta cidade em 9 de agosto, foi ahi embargado por execução de José Dias da Silva Guimarães, e ultimamente arrematado em praça publica do juizo da segunda vara desta cidade no dia 30 do mesmo mez pelo abaixo assignado. Os signaes são os seguintes: idade de 30 a 35 annos, estatura e corpo regular, cabellos pretos e carapinhados, côr amulatada, olhos escuros, nariz grande e grosso, beiços grossos, o semblante fechado, bem barbado, com todos os dentes na frente: roga-se, portanto, as autoridades policiaes, capitães de campo e pessoas particulares, o favor de o apprehenderem e mandarem nesta praça do Recife, na rua larga do Rosario n. 14, que receberão a gratificação acima de 100$000; assim como protesto contra quem o tiver em seu poder occulto.—*Manoel de Almeida Lopes.*

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1854

MUTILADO